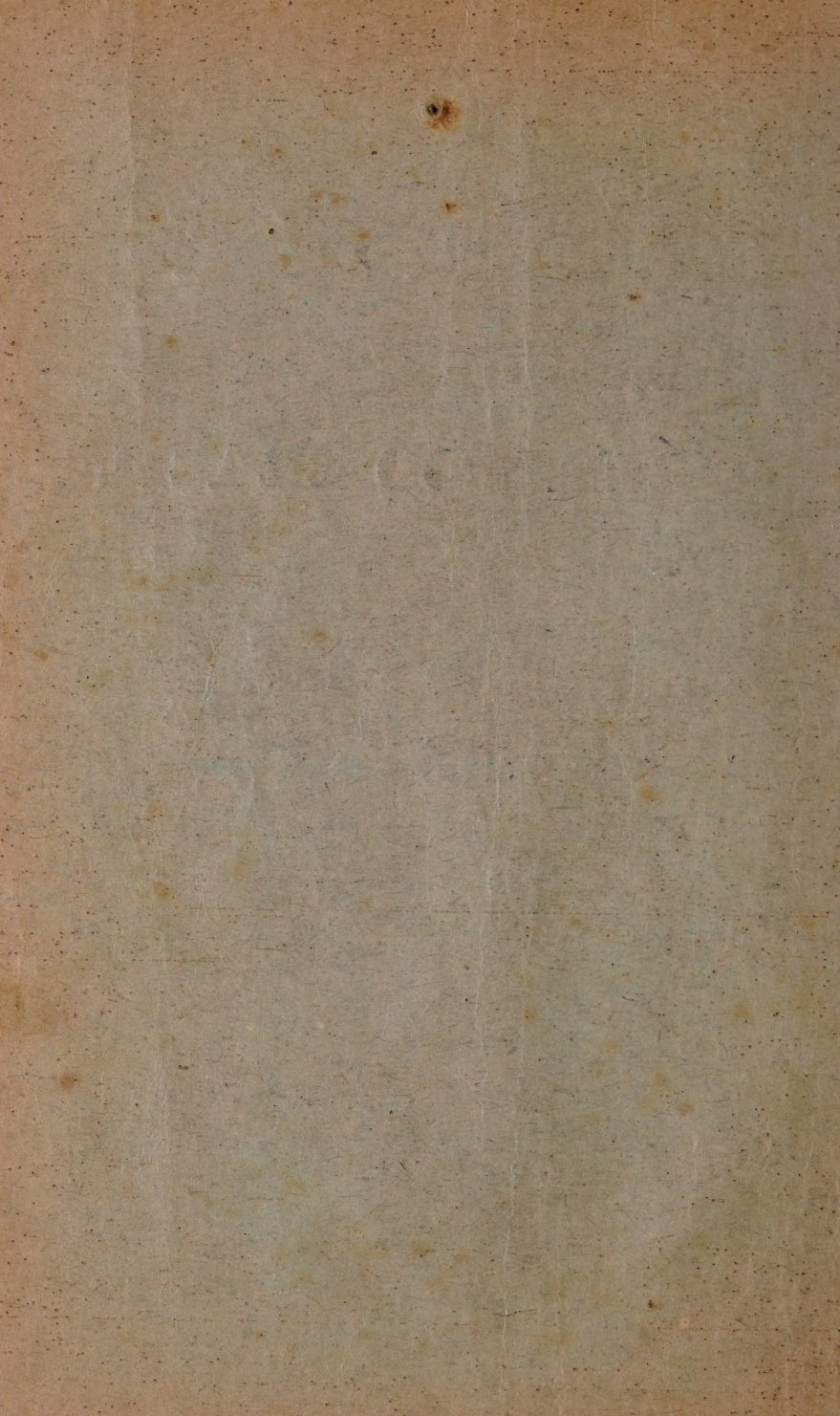
Supplemento Romantico

DO

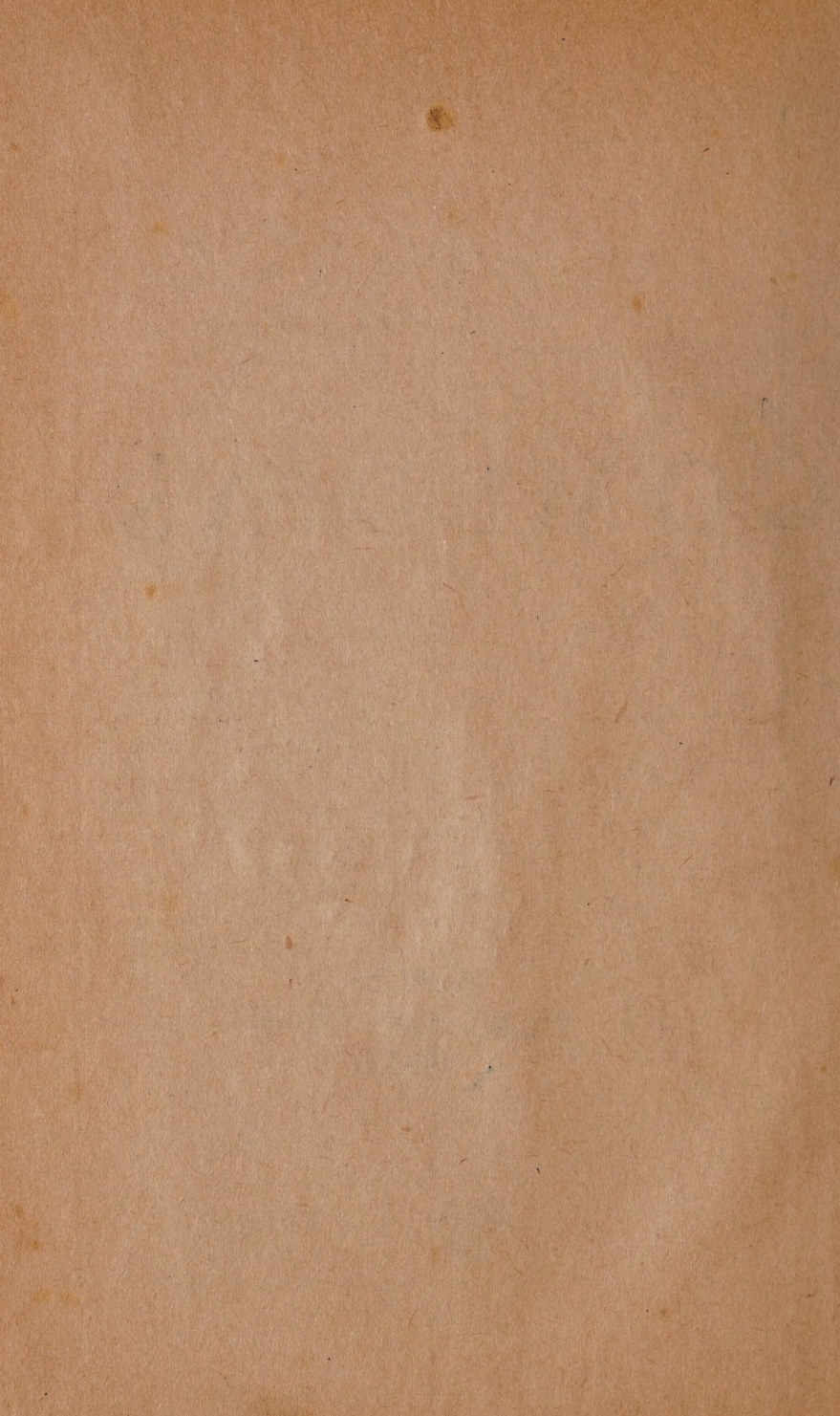
"JORNAL DO BRASIL"

COMEDIAS

Martins Penna

N.º 8

MARTINS PENNA

COMEDIAS

OFFICINAS GRAPHICAS
DO JORNAL DO BRASIL
- RIO DE JANEIRO - 1927

Luiz Carlos Martins Penna Nasceu no Rio de Janeiro em 1815 e falleceu em 1848. Orphão e educado por seus tutores, perfez em 1835 o curso da Aula de Commercio, e, arrastado por manifestas tendencias artisticas, frequentou a Academia Imperial de Bellas Artes, adquirindo noções de pintura, esculptura, architectura e musica. Urgido pela necessidade, acceitou o emprego de amanuense da Mesa no Consulado no Rio de Janeiro, onde serviu desde 1838 até ser transferido em 1843, com igual categoria, para a Secretaria de Estado dos Negocios Extrangeiros. Em 1847 partiu para a Europa como addido á Legação Brasileira em Londres. Não lhe sendo ahi favoravel o clima, deliberou regressar ao Brasil, mas em meio da viagem falleceu na cidade de Lisboa, em fins de 1848.

Applicando-se á literatura dramatica, escreveu muitas comedias e alguns dramas. Folhetins e chronicas completam o seu espolio literario.

O "Juiz de Paz da Roça", "O Judas em sabbado de Alleluia" e "O Noviço" são as suas mais conhecidas producções, que sobretudo primam pela naturalidade das situações, singeleza da phrase e bom desenho de typos nacionaes.

O JUIZ DE PAZ DA ROÇA

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

JUIZ DE PAZ.
ESCRIVÃO DO JUIZ
MANOEL JOÃO, lavrador.
MARIA ROSA, sua mulher.
ANNINHA, sua filha.
JOSE', amante de Anninha.
IGNACIO JOSE'.
JOÃO DA SILVA.
FRANCISCO ANTONIO.
MANOEL ANDRE'.
SAMPAIO.
THOMAZ.
JOSEPHA.
GREGORIO.
} Lavradores.

A scena passa-se na roça.

Sala com uma porta no fundo: no meio uma mesa, junto á qual estarão cosendo Maria Rosa e Anninha.

SCENA I

MARIA ROSA E ANNINHA

MARIA ROSA. — Teu pae hoje tarda muito.

ANNINHA. — Elle disse que tinha hoje muito que fazer.

MARIA ROSA. — Pobre homem!... mata-se com tanto trabalho! E' quasi meio dia e ainda não voltou! Desde as quatro horas da manhã que sahiu! Está só com uma chicara de café!

ANNINHA. — Meu pae quando principia um trabalho não gosta de o largar; e minha mãe bem sabe que elle tem só o José.

MARIA ROSA. — E' verdade. Os meias caras agora estão tão caros! Quando havia vallongo eram mais baratos.

ANNINHA. — Meu pae disse que, quando desmanchar o mandiocal grande, ha de comprar uma negrinha para mim.

MARIA ROSA. — Tambem já me disse.

ANNINHA. — Minha mãe já preparou a jacuba para meu pae?

MARIA ROSA. — E' verdade!... do que me ia esquecendo! Vae ahi fóra e traze dous limões. (*Anninha sáe*). Se o Manuel João viesse, e não achasse a jacuba prompta, tinhamos campanha velha. Do que me tinha esquecido! (*Entra Anninha*).

ANNINHA. — Aqui estão os limões.

MARIA ROSA. — Fica tomando conta aqui, emquanto eu vou lá dentro. (*Sáe*).

ANNINHA. — (*Só*). Minha mãe já se ia demorando muito. Pensava que já não podia fallar com o Sr. José, que está me esperando debaixo dos cafezeiros. Mas como minha mãe está lá dentro e meu pae não èntra n'esta meia hora, posso fazel-o entrar aqui. (*Chega á porta e acena com o lenço*). Elle ahi vem.

SCENA II

ANNINHA E JOSE'

José vem com calça e jaqueta branca.

JOSÉ. — Adeus, minha Anninha! (*Quer abraçal-a.*)

ANNINHA. — Fique quieto... Não gosto d'esses brinquedos. Eu quero casar-me com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente quando vae á côrte vem perdida! Ora, diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pae lhe deixou?

JOSÉ. — Conclui.

ANNINHA. — Se o senhor agora tem dinheiro, porque não me pede a meu pae?

JOSÉ. — Dinheiro? nem vintem!

ANNINHA. — Nem vintem! então que fez do dinheiro? E' assim que me ama? (*Chora*).

JOSÉ. — Minha Anninha, não chores. Oh! se tu soubesses como é bonita a côrte!... Tenho um projecto que te quero dizer.

ANNINHA. — Qual é?

JOSÉ. — Você sabe que eu agora estou pobre como Job; e

então... tenho pensado em uma coisa. Nós nos casaremos na freguezia, sem que teu pae o saiba; depois partiremos para a côrte e lá viveremos.

Anninha. — Mas como! sem dinheiro?

José. — Não te dê isso cuidado; assentarei praça nos permanentes.

Anninha. — E minha mãe?

José. — Que fique raspando mandioca, que é officio leve. Vamos para a côrte, que você verá o que é bom!

Anninha. — Mas então que é que ha lá tão bonito?

José. — Eu te digo: ha tres theatros, e um d'elles maior que o engenho do capitão-mór.

Anninha. — Oh! como é grande!

José. — Representa-se lá todas as noites! Pois uma magica! Oh! isto é coisa grande!

Anninha. — O que é magica?

José. — Magica é uma peça de muito machinismo.

Anninha. — Machinismo?

José. — Sim, machinismo. Eu te explico. Uma arvore se víra em uma barraca; páos viram-se em cobras, e um homem vira-se em macaco.

Anninha. — Em macaco! coitado do homem!

José. — Mas não é de verdade.

Anninha. — Ah! como deve ser bonito! E tem rabo?

José. — Tem rabo tem.

Anninha. — Oh! homem!

José. — Pois o curro dos cavallinhos! isto é que é coisa grande. Ha uns cavallos tão bem ensinados que dansam, fazem mesuras, saltam, fallam, etc.; porém o que mais me espantou foi ver um homem andar em pé em cima do cavallo.

Anninha. — Em pé? e não cáe?

José. — Não. Outros fingem-se bebados, jogam os soccos, fazem exercicios, e tudo sem cahirem. E ha um macaco chamado o macaco major, que é coisa de espantar.

Anninha. — Ha muitos macacos lá?

José. — Ha, e macacas tambem.

Anninha. — Que vontade tenho eu de ver todas essas coisas!

José. — Além d'isto ha outros muitos divertimentos. Na rua do Ouvidor ha um cosmorama, na de S. Francisco de Paula outro, e no largo uma casa onde se vêem muitos bichos feios, cabritos com duas cabeças, porcos com cinco pernas, etc.

ANNINHA. — Quando é que você pretende casar-se commigo?

JOSÉ. — O vigario está prompto a qualquer hora.

ANNINHA. — Então amanhã de manhã.

JOSÉ. — Pois sim. (*Cantam dentro*).

ANNINHA. — Ahi vem meu pae. Vae-te embora antes que elle te veja.

JOSÉ. — Adeus, até amanhã de manhã.

ANNINHA. — Olhe lá, não falte. (*Sáe José*). Como é bonita a côrte! Lá é que a gente se póde divertir, e não aqui, onde não se ouve senão os sapos e as entanhas cantarem. Theatros, magicas, cavallos que dansam, cabeças com dous cabritos, macacos major, quanta coisa! Quero ir para a côrte!

SCENA III

MANOEL JOÃO E ANNINHA

Manoel João traz uma enxada ao hombro e vem vestido de calça de ganga azul, com uma das pernas arregaçadas, japona de baeta azul, e descalço. Acompanha-o um negro com um cesto na cabeça, e uma enxada ao hombro, vestido de camisa e calça de algodão.

ANNINHA. — Abença, meu pae.

MANOEL JOÃO. — Adeus, rapariga. Onde está tua mãe?

ANNINHA. — Está lá dentro preparando a jacuba.

MANOEL JOÃO. — Vae dizer-lhe que traga, pois estou com muito calor. (*Anninha sae*).

MANOEL JOÃO, *para o negro*. — Olá, Agostinho, leva estas enxadas lá para dentro e vae botar este café no sol. (*Senta-se. O preto sáe*). Estou que não posso commigo; tenho trabalhado como um burro.

SCENA IV

MANOEL JOÃO, MARIA ROSA E ANNINHA

Maria Rosa traz uma tigella na mão.

MANOEL JOÃO. — Adeus, Sra. Maria Rosa.

MARIA ROSA. — Adeus, meu amigo. Estás muito cansado?

MANOEL JOÃO. — Muito. Dá-me cá isso.

MARIA ROSA. — Pensando que você viria muito cansado, fiz a tigela cheia.

MANOEL JOÃO. — Obrigado. (*bebendo*) Hoje trabalhei como gente... limpei o mandiocal, que estava muito sujo... fiz uma derrubada do lado do Francisco Antonio... limpei a valla da Maria do Rosario, que estava muito suja e encharcada, e logo pretendo colher café. Anninha?

ANNINHA. — Meu pae.

MANOEL JOÃO. — Quando acabares de jantar pega em um samborá, e vae colher o café que está á roda da casa.

ANNINHA. — Sim, senhor.

MANOEL JOÃO. — Senhora, a janta está prompta?

MARIA ROSA. — Ha muito tempo.

MANOEL JOÃO. — Pois traga.

MARIA ROSA. — Anninha, vae buscar a janta de teu pae. (*Anninha sáe*).

MANOEL JOÃO. — Senhora, sabe que mais? E' preciso casarmos esta rapariga.

MARIA ROSA. — Eu já tenho pensado n'isto; mas nós somos pobres, e quem é pobre não casa.

MANOEL JOÃO. — Sim, senhora, mas uma pessoa já me deu a entender que logo que puder aboscar tres ou quatro meias caras d'estes que se dão, me havia de fallar n'isso. Com mais vagar trataremos d'este negocio. (*Entra Anninha com dois pratos e deixa-os em cima da mesa*).

ANNINHA. — Minha mãe, a carne secca acabou-se.

MANOEL JOÃO. — Já!

MARIA ROSA. — A ultima vez veiu só meia arroba.

MANOEL JOÃO. — Carne boa não faz conta, vôa. Assentem-se e jantem. (*Assentam-se todos, e comem com as mãos. O jantar consta de carne secca, feijão e laranjas*). Não ha carne secca para o negro?

ANNINHA. — Não, senhor.

MANOEL JOÃO. — Pois coma laranjas com farinha, que não é melhor do que eu. Esta carne está dura como um couro... irra!... Um dia d'estes eu... Diabo de carne!... hei de fazer uma plantação... Lá se vão os dentes!... deviam ter botado esta carne de

molho no corrego... Que diabo de laranjas tão azedas! (*Batem á porta*). Quem é? (*Esconde os pratos na gaveta e lambe os dedos*).

ESCRIVÃO, *dentro*. — Dá licença, Sr. Manoel João?

MANOEL JOÃO. — Entre quem é.

SCENA V

OS MESMOS E O ESCRIVÃO

ESCRIVÃO, *entrando*. — Ora Deus esteja n'esta casa.

MARIA ROSA E MANOEL JOÃO. — Amen.

ESCRIVÃO. — Um criado da Sra. Dona e da Sra. Doninha.

MARIA ROSA E ANNINHA. — Uma sua criada.

MANOEL JOÃO. — O senhor por aqui a estas horas é novidade.

ESCRIVÃO. — Venho da parte do Sr. juiz de paz intimal-o para levar um recruta á cidade.

MANOEL JOÃO. — Oh! homem! não ha mais ninguem que sirva para isto?

ESCRIVÃO. — Todos se recusam do mesmo modo e o serviço no emtanto ha de se fazer.

MANOEL JOÃO. — Sim, os pobres é que pagam.

ESCRIVÃO. — Meu amigo, isto é falta de patriotismo. O senhor bem sabe que é preciso mandar gente para o Rio Grande, quando não perdemos esta provincia.

MANOEL JOÃO. — E que me importa eu com isso? Quem as armou que as desarme!

ESCRIVÃO. — Mas, meu amigo, os rebeldes têm feito por lá horrores!

MANOEL JOÃO. — E que quer o senhor que se lhe faça? Ora é boa!

ESCRIVÃO. — Não diga isso, Sr. Manoel João, a rebellião...

MANOEL JOÃO, *gritando*. — E que me importa eu com isso?... e o senho a dar-lhe...

ESCRIVÃO, *zangado*. — O Sr. juiz manda dizer-lhe que, se não fôr, irá preso.

MANOEL JOÃO. — Pois diga com todos os diabos ao Sr. Juiz que lá irei.

ESCRIVÃO, *á parte*. — Em boa hora o diga!... Apre! custou-me achar uma guarda... A's ordens.

MANOEL JOÃO. — Um seu criado.

ESCRIVÃO. — Sentido nos seus cães.

MANOEL JOÃO. — Não mordem.

ESCRIVÃO. — Sra. Dona, passe muito bem. (*Sáe*).

MANOEL JOÃO. — Mulher, arranja esta sala emquanto me vou fardar. (*Sáe*).

MARIA ROSA. — Pobre homem! ir á cidade sómente para levar um preso! perder assim um dia de trabalho!...

ANNINHA. — Minha mãe... pr'a que é que mandam gente presa para a cidade?

MARIA ROSA. — Pr'a irem á guerra.

ANNINHA. — Coitados!

MARIA ROSA. — Não se dá maior injustiça! Manoel João está todos os dias vestindo a farda; ora pr'a levar presos ora pr'a dar nos quilombos... é um nunca acabar!

ANNINHA. — Mas meu pae pr'a que vae?

MARIA ROSA. — Porque o juiz de paz o obriga.

ANNINHA. — Ora, elle podia ficar em casa; e, se o juiz de paz cá viesse buscal-o, não tinha mais que iscar a Giboia e a Bocca-negra.

MARIA ROSA. — E's uma tolinha! e a cadeia ao depois?

ANNINHA. — Ah! eu não sabia.

SCENA VI

MARIA ROSA, ANNINHA E MANOEL JOÃO

Manoel João entra com a mesma calça, e com jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com baioneta e um grande páo na mão.

MANOEL JOÃO. — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã. (*Dá-lhe um abraço*).

ANNINHA. — Como meu pae vae á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometteu.

MANOEL JOÃO. — Pois sim.

MARIA ROSA. — De caminho compre carne.

MANOEL JOÃO. — Sim. Adeus, minha gente, adeus.

MARIA ROSA e ANNINHA. — Adeus! (*acompanham-n'o até a porta*).

MANOEL JOÃO, *á porta*. — Não se esqueça de mexer a farinha e dar que comer ás gallinhas.

MARIA ROSA. — Não. Adeus. (*Sáe Manoel João*). Menina, ajuda-me a levar estes pratos p'ra dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

ANNINHA. — Vamos, minha mãe... (*Andando*). Tomára que meu pae não se esqueça dos meus sapatos... (*Sáem*).

SCENA VII

Sala em casa do juiz de paz; mesa no meio com papeis: cadeiras. Entra o juiz de paz vestido de calça branca, rodaque de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ. — Vamo-nos preparando para dar audiencia. (*Arranja os papeis*). O escrivão já tarda; sem duvida está na venda do Manoel do Coqueiro... O ultimo recruta que se fez já vae me fazendo peso. Nada, não gosto de presos em casa; podem fugir, e depois dizem que o juiz recebeu algum presente. (*Batem á porta.*) Quem é? Póde entrar. (*Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta que entrega ao juiz. Este abre-a e lê*). — "Illmo.-Sr. Muito me alegro de dizer a V. S. que a minha ao fazer d'esta é boa, e que a mesma desejo para V. S. pelos circumloquios com que lhe venero. (*Deixando de ler*). Circumloquios... que nome em breve! O que quererá elle dizer? Continuemos. (*Lendo*). Tomo a liberdade de mandar a V. S. um cacho de bananas maçãs para V. S. comer com a sua bocca, e dar tambem a comer á Sra. juiza e aos Srs. juizinhos. V. S. ha de reparar na insignificancia do presente; porém, Illmo. Sr., as reformas da constituição permittem a cada um fazer o que quizer, e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas bananas, que diz minha Theresa Ova serem muito boas. No mais receba as ordens de quem é seu venerador, e tem a honra de ser — Manoel André de Sapiruruca". — Bom, tenho bananas para a sobremesa. O' pae, leva estas bananas para dentro e entrega á senhora. Toma lá um vintem para teu tabaco. (*Sáe o negro*). O certo é que é bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de gallinhas, bananas, ovos, etc., etc. (*Batem á porta*). Quem é?

ESCRIVÃO, *dentro* — Sou eu.

JUIZ. — Ah! é o escrivão. Póde entrar.

SCENA VIII

JUIZ E ESCRIVÃO

ESCRIVÃO. — Já intimei Manoel João para levar o preso á cidade.

JUIZ. — Bom. Agora vamos nós preparar a audiencia. (*Assentam-se ambos á mesa e o juiz toca a campainha*). Os senhores que estão lá fóra podem entrar.

SCENA IX

JUIZ, ESCRIVÃO E LAVRADORES

Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas, de ganga, de tamancos, e descalços; outros calçam as meias e os sapatos quando entram, etc. Thomaz traz um leitão debaixo do braço.

JIUZ. — Está aberta a audiencia. Os seus requerimentos ?

Ignacio José, Francisco Antonio, Manoel André e Sampaio entregam os seus requerimentos.

JUIZ. — Sr. Escrivão, faça o favor de ler.

ESCRIVÃO, *lendo*. — "Diz Ignacio José, natural d'esta freguezia, e casado com Josepha Joaquina, sua mulher, na face da igreja, que precisa que V. S. mande a Gregorio degradado para fóra da terra, pois teve o atrevimento de dar uma embigada em sua mulher, na encruzilhada do Páo-Grande, que quasi a féz abortar, da qual embigada fez cahir a dita sua mulher de pernas para o ar. Portanto pede a V. S. mande o dito Gregorio degradado para Angola. — E. R. M."

JUIZ. — E' verdade, Sr. Gregorio, que o senhor deu uma embigada na senhora ?

GREGORIO. — E' mentira, Sr. juiz de paz; eu não dou embigadas em bruxas.

JOSEPHA. — Bruxa é a marafona de tua mulher, mal creado!

Já não se lembra que me deu uma embigada, e que me deixou uma marca roxa na barriga? Se o senhor quer ver, posso mostrar.

JUIZ. — Nada, nada, não é preciso; eu creio.

JOSEPHA. — Sr. juiz não é a primeira embigada que este homem me dá; eu é que não tenho querido contar a meu marido.

JIZ. — Está bom, senhora, socegue. Sr. Ignacio José, deixe-se d'essas asneiras; dar embigadas não é crime classificado no codigo. Sr. Gregorio, faça o favor de não dar mais embigadas na senhora, quando não, arrumo-lhe com a lei ás costas, e metto-o na cadeia. Queiram-se retirar.

IGNACIO JOSÉ, *para Gregorio.* — Lá fóra me pagarás.

JUIZ. — Estão conciliados! (*Ignacio José, Gregorio e Josepha sáem*). Sr. escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo* — "O abaixo assignado vem dar os parabens a V. S. por ter entrado com saúde no novo anno financeiro. Eu, Illmo. Sr. juiz de paz, sou senhor de um sitio que está na beira do rio, onde dá muito boas bananas e laranjas, e, como vem de encaixe, peço a V. S. o favor de acceitar um cestinho das mesmas, que eu mandarei hoje á tarde; mas, como ia dizendo, o dito sitio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras, e outras coisas mais; e, vae senão quando um meu vizinho homem da raça de Judas, diz que metade do sitio é d'elle. E então que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? mas, como ia dizendo, peço a V. S. para vir assistir á marcação do sitio. Manoel André. — E. R. M.".

JUIZ. — Não posso deferir por estar atravancado com um roçado; portanto, requeira ao supplente que é o meu compadre Pantaleão.

MANOEL ANDRÉ. — Mas, Sr. juiz, tambem elle está occupado com uma plantação.

JUIZ. — Você replica? Olhe que o mando para a cadeia!

MANOEL ANDRÉ. — V. S. não póde prender-me á tôa; a Constituição não manda.

JUIZ. — A Constituição! está bem! Eu, o juiz de paz, hei por bem derogar a constituição!... Sr. escrivão, tome termo que a Constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANOEL ANDRÉ. — Isto é uma injustiça.

JUIZ. — Ainda falla?... Suspendo-lhes as garantias...

MANOL ANDRÉ. — E' desaforo...

JUIZ, *levantando-se.* — Brejeiro... (*Manoel André corre, e o juiz vae atraz*). Péga... péga... Lá se foi! Que o leve o diabo! (*Assenta-te.*) Vamos ás outras partes.

Escrivão, *lendo.* — "Diz João de Sampaio que, sendo elle senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Thomaz pela parte de traz, e, com a semi-cerimonia que tem todo o porco, forçasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. juiz, o leitão, carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimaria, e que pensa ás vezes como um homem. Para que V. S. não pense que minto, lhe conto uma historia. A minha cadella Troia, aquella mesma que escapou de morder a V. S. n'aquella noite, depois que lhe dei uma tunda, nunca mais comeu na cuia com os pequenos; mas vou a respeito de dizer que o Sr. Thomaz não tem razão em querer ficar com o leitão, só porque comeu tres ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. S. que mande entregar-me o leitão. — E. R. M."

Juiz. — E' verdade Sr. Thomaz, o que diz o Sr. Sampaio?

Thomaz. — E' verdade que o leitão era d'elle, porém, agora é meu.

Sampaio. — Mas se era meu, e o senhor nem m'o comprou, nem eu lh'o dei, como póde ser seu?

Thomaz. — E' meu, tenho dito.

Sampaio. — Pois não é, não, senhor. (*Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado*).

Juiz, *levantando-se.* — Larguem o pobre animal, não o matem.

Thomaz. — Deixe-me, senhor.

Juiz.. — Sr. Escrivão. chame o meirinho. (*Os dois apartam-se*). Espere, Sr. escrivão, não é preciso. (*Assenta-se*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isso que m'o dêem.

Thomaz. — Lembra V. S. bem. Peço licença a V. S. para lhe offerecer.

Juiz. — Muito obrigado. E' o senhor um homem de bem, que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

Sampaio. — Vou a respeito de dizer que, se V. S. acceita, fico contente.

Juiz. — Muito obrigado, muito obrigado. Faça o favor de deixar vêr. Oh! homem! está gordo! tem toucinho de quatro dedos! Com effeito!! Ora, Sr. Thomaz, eu que gósto tanto de porco com ervilhas...

Thomaz. — Se V. S. quer, posso lhe mandar algumas.

JUIZ. — Faz-me muito favor. Tome o leitão, e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é ?

THOMAZ, *tomando o lei ão.* — Sim, senhor.

JUIZ. — Podem-se retirar, estão conciliados.

SAMPAIO. — Tenho ainda um requerimento que fazer.

JUIZ. Então qual é ?

SAMPAIO. — Desejava que V. S. mandasse citar a assembléa provincial.

JUIZ. — Oh! homem! citar a assembléa provincial! e para que ?

SAMPAIO. — Para mandar fazer cercado de espinhos em todas as hortas.

JUIZ. — Isto é possivel! a assembléa provincial não póde occupar-se com estas insignificancias.

THOMAZ. — Insignificancias! bem, mas os votos que V. S. me pediu para aquelles sujeitos não eram insignificancia. Então me prometteu mundos e fundos!

JUIZ. — Está bom, veremos o que poderei fazer. Queiram retirar-se. Estão conciliados; tenho mais que fazer. (*Sáem os dois*). Sr. escrivão, faça o favor de... (*Levanta-se apressado, e, chegando á porta. grita para fóra*). O' Sr. Thomaz ? Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro !

THOMAZ, *ao longe.* — Sim, senhor.

JUIZ, *assen ando-se.* — Era muito capaz de se esquecer. Vamos, Sr. escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo.* — "Diz Francisco Antonio, natural de Portugal, porém, brasileiro, que tendo elle casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma egoa. Ora, acontecendo ter a egoa de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é d'elle, só porque o dito filho da egoa de minha mulher sahiu malhado com o seu cavallo. Ora, como os filhos pertencem ás mães, e a prova d'isto é que a minha escrava Maria tem um filho, que é meu, peço a V. S. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da egoa que é de minha mulher".

JUIZ. — E' verdade que o senhor tem o filho da egoa preso?

JOSÉ DA SILVA. — E' verdade; porém, o filho me pertence, pois é meu, que é do cavallo.

JUIZ. — Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA. — Mas, Sr. juiz...

JUIZ. — Nem mas, nem meio mas; entregue o filho, senão cadeia.

José da S|lva. — Eu vou queixar-me ao presidente.

Juiz. — Pois vá, que eu tomarei a appellação.

José da Silva. — E eu embargo.

Juiz. — Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo.

José da Silva. — Eu lhe mostrarei, deixe estar.

Juiz. — Sr. escrivão, não dê amnistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

José da Silva, *com humildade.* — V. S. não se arrenegue. Eu entregarei o pequira.

Juiz. — Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (*Sáem os dois*). Não ha mais ninguem ? Bom! Está fechada a sessão. Hoje cançaram-se.

Manoel João, *dentro.* — Dá licença ?

Juiz. — Quem é ? Póde entrar.

SCENA X

JUIZ, ESCRIVÃO E MANOEL JOÃO

Manoel João, *entrando.* — Um criado de V. S.

Juiz. — Oh! é o senhor ? Queira ter a bondade de esperar um pouco, emquanto vou buscar o preso. (*Abre uma porta do lado*). Queira sahir para fóra.

SCENA XI

Os mesmos e JOSE'

Juiz. — Aqui está o recruta; leve-o para a cidade, deixe-o no quartel do campo de Santa Anna, e vá levar esta parte ao general. (*Dá-lhe um papel*).

Manoel João. — Sim, senhor. Mas, Sr. juiz, isto não podia ficar para amanhã ? Hoje já é tarde, póde anoitecer no caminho, e o sujeitinho fugir.

Juiz. — Mas onde ha de elle ficar ? Bem sabe que não temos cadeia.

Manoel João. — Isto é o diabo !

JUIZ. — Só se o senhor quizer leval-o para sua casa, e prendel-o até amanhã ou n'um quarto, ou na casa da farinha.

MANOEL JOÃO. — Pois bem, levarei.

MANOEL JOÃO. — Sim, senhor. Rapaz, acompanha-me. (*Sáem Manoel João e José*).

JUIZ. — Agora, vamos nós jantar. (*Quando se dispõe a sahir batem á porta*). Mais um! Estas gentes pensam que um juiz é de ferro. Entre quem é.

SCENA XII

JUIZ, ESCRIVÃO E JOSEPHA

Josepha entra com tres gallinhas penduradas na mão, e uma cuia com ovos.

JUIZ. — Ordena alguma coisa?

JOSEPHA. — Trazia este presente para o Sr. juiz. Queira perdoar não ser coisa capaz. Não trouxe mais porque a peste deu lá em casa que só ficaram estas que trago, e a carijó, que ficou chocando.

JUIZ. — Está bom! muito obrigado pela sua lembrança. Quer jantar?

JOSEPHA. — V. S. faça o seu gosto, que este é o meu, que já fiz em casa.

JUIZ. — Então com sua licença.

JOSEPHA. — Uma sua criada. (*Sáe*).

JUIZ, — *com as gallinhas nas mãos.* — Ao menos com esta visita lucrei. Sr. escrivão, veja como estão gordas!... levam a mão abaixo. Que diz?

ESCRIVÃO. — Parecem uns perús.

JUIZ. — Vamos jantar. Traga esses ovos. (*Sáem*).

SCENA XIII

Na casa de Manoel João. Entram Maria Rosa e Anninha com um samborá na mão.

MARIA ROSA. — Estou moida! já mexi dous adqueires de farinha.

ANNINHA. — Minha mãe, aqui está o café.

MARIA ROSA. — Bota ahi. Onde estará aquelle maldito negro?

SCENA XIV

MARIA ROSA, ANNINHA, MANOEL JOÃO E JOSE'

MANOEL JOÃO. — Deus esteja n'esta casa.

MARIA ROSA. — Manoel João!

ANNINHA. — Meu pae!

MANOEL JOÃO, *para José*. — Faça o favor de entrar.

ANNINHA, *á parte*. — Meu Deus, é elle!

MARIA ROSA. — Que é isto! não foste para a cidade?

MANOEL JOÃO. — Não, porque era tarde, e não queria que este sujeito fugisse no caminho.

MARIA ROSA. — Então quando vaes?

MANOEL JOÃO. — Amanhã de madrugada. Este amigo dormirá trancado n'aquelle quarto. Onde está a chave?

MARIA ROSA. — Na porta.

MANOEL JOÃO. — Amigo, venha cá. (*Chegando á porta do quarto*). Ficará aqui até amanhã; lá dentro ha uma cama; entre. (*José entra.*) Bem, está seguro. Senhora, vamos para dentro contar quantas duzias temos de bananas para levar amanhã para a cidade. A chave fica em cima da mesa; lembrem-me, se me esquecer. (*Sáem Manoel João e Maria Rosa*).

ANNINHA. — Vou dar-lhe escapúla... mas como se deixou prender? Elle me contará. Vamos abrir. (*Péga na chave que está sobre a mesa e abre a porta*). Saia para fóra.

SCENA XV

ANNINHA E JOSE'

JOSÉ. — Oh! minha Anninha, quanto te devo!

ANNINHA. — Deixemo-nos de cumprimentos. Diga-me: como se deixoxu prender?

JOSÉ. — Assim que botei os pés fóra d'esta porta, encontrei com o juiz, que me mandou agarrar.

ANNINHA. — Coitado!

JOSÉ. — E, se teu pae não fosse incumbido de me levar, estava perdido; havia de ser soldado por força.

ANNINHA. — Se nós fugissemos agora para nos casarmos?

José. — Lembras muito bem. O vigario a estas horas está na igreja, e póde fazer-se tudo com brevidade.

Anninha. — Vamos, antes que meu pae venha.

José. — Vamos. (*Sáem correndo.*)

SCENA XVI

MARIA ROSA, E DEPOIS MANOEL JOÃO

Maria Rosa, *entrando.* — Oh! Anninha ? Anninha ? Onde está esta maldita ? Anninha ?... Mas que é isto ? Esta porta aberta! Ah, Sr. Manoel João, Sr. Manoel João!

Manoel João, *dentro.* — O que é lá ?

Maria Rosa. — Venha cá depressa.

Manoel João, *dentro.* — O que é lá ?

Manoel João, *em mangas de camisa.* — Então que é?

Maria Rosa. — O soldado fugiu !

Manoel João. — Que dizes, mulher ?

Maria Rosa, *apontando para a porta.* — Olhe!

Manoel João. — O' diabo!... (*Chega-se para o quarto.* E' verdade! fugiu! Tanto melhor, não terei o trabalho de o levar á cidade.

Maria Rosa. — Mas elle não fugiu só.

Manoel João. — Eim ?

Maria Rosa. — Anninha fugiu com elle.

Manoel João. — Anninha ?

Maria Rosa. — Sim.

Manoel João. — Minha filha fugir com um vadio d'aquelles! Eis aqui o que fazem as guerras do Rio Grande!

Maria Rosa. — Ingrata!

Manoel João. — Dê-me lá minha jaqueta e meu chapéu, que quero ir á casa do juiz de paz fazer queixa do que nos succede. Hei de mostrar áquelle mequetrefe quem é Manoel João... Vá, senhora, não esteja a choramingar.

SCENA XVII

MANOEL, JOÃO, MARIA ROSA, JOSE' E ANNINHA

José e Anninha, entrando, ajoelham-se aos pés de Manoel João

AMBOS. — Senhor!

MANOEL JOÃO. — Que é lá isso!

ANNINHA. — Meu pae, aqui está o meu marido.

MANOEL JOÃO. — Teu marido?

JOSÉ. — Sim, senhor, seu marido... Ha muito tempo que nos amamos, e, sabendo que não nos dareis os vossos consentimentos, fugimos e casámos na freguezia.

MANOEL JOÃO. — E então!... Agora peguem-lhe com um trapo quente. Está bom, levantem-se; já agora não ha remedio.

Anninha e José levantam-se. Anninha vae abraçar a mãe.

ANNINHA. — E minha mãe me perdôa?

MARIA ROSA. — E quando é que eu não hei de perdoar-te? não sou tua mãe? (*Abraçam-se*).

MANOE JOÃO. — E' preciso agora irmos dar parte ao juiz de paz que você já não póde assentar praça, porque está casado. Senhora, vá buscar minha jaqueta. (*Sáe Maria Rosa*).

JOSÉ. — E dizer-lhe tambem que fico na sua companhia.

MANOEL JOÃO. — Então o senhor conta viver á minha custa, e com o meu trabalho?

JOSÉ. — Não, senhor... tambem tenho braços para o ajudar; e se o senhor não quer que eu aqui viva, irei para a côrte.

MANOEL JOÃO. — E que vae ser lá?

JOSÉ. — Quando não possa ser outra coisa... serei ganhador da guarda nacional; cada ronda rende 1$000 e uma guarda 3$000.

MANOEL JOÃO. — Ora, vá-se com os diabos, não seja tolo.

Entra Maria Rosa, de chale, e com a jaqueta e o chapéu.

MARIA ROSA. — Aqui está.

MANOEL JOÃO, *depois de vestir a jaqueta.* — Vamos para casa do juiz.

TODOS. — Vamos. (*Sáem*).

SCENA XVIII

JUIZ DE PAZ E O ESCRIVÃO

Casa do Juiz

JUIZ, *entrando*. — Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. (*Sentam-se á mesa*).

ESCRIVÃO. — V. S. vae amanhã á cidade ?

JUIZ. — Vou, sim; quero-me aconselhar com um lettrado para saber como hei de despachar alguns requerimentos que cá tenho.

ESCRIVÃO. — Pois V. S. não sabe despachar ?

JUIZ. — Eu ? Ora essa é boa!... Eu entendo cá d'isso! Ainda quando é algum caso de embigada, passe; mas actos serios, é outra coisa. Eu lhe conto o que me ia acontecendo um dia. Um meu amigo me aconselhou que, todas as vezes que eu não soubesse dar um despacho, que désse o seguinte: — Não tem logar. — Um dia apresentaram-me um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com elle, e etc.; eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: — Não tem logar. — Isto mesmo é o que queria a mulher; porém, fez uma bulha de todos os diabos; foi á cidade, queixou-se ao presidente, e eu estive quasi não quasi suspenso. Nada! Não me acontece outra!

ESCRIVÃO. — V. S. não se envergonha sendo um juiz de paz?

JUIZ. — Envergonhar-me de que? O senhor ainda está muito direito ha, por estas comarcas que não sabem onde têm a mão [illegible] cór! Aqui para nós, que ninguem nos ouve: quantos juizes de direita? quanto mais juizes de paz! e, além d'isso, cada um faz o que sabe. (*Batem*). Quem é ?

MANOEL JOÃO, *dentro*. — Um criado de V. S.

JUIZ. — Póde entrar.

SCENA XIX

OS MESMOS, MANOEL JOÃO, MARIA ROSA, ANNINHA E JOSE'

JUIZ, *levantando-se*. — Então que é isto ? Pensava que já estava longe d'aqui !

MANOEL JOÃO. — Não senhor, ainda não fui.

JUIZ. — Isso vejo eu.

MANOEL JOÃO. — Este rapaz não póde ser soldado.

JUIZ. — Oh!... uma rebellião?... Sr. escrivão, mande convocar a guarda nacional, e officie ao governo.

MANOEL JOÃO. — V. S. não se afflija; este homem está casado.

JUIZ. — Casado!

MANOEL JOÃO. — Sim, senhor, e com minha filha.

JUIZ. — Ah! então não é rebellião; mas sua filha casada com um biltre d'estes?

MANOEL JOÃO. — Tinha-o preso no meu quarto para leval-o amanhã para a cidade; porém, a menina, que foi mais esperta, furtou a chave, e fugiu com elle.

ANNINHA. — Sim, senhor juiz, ha muito tempo que o amo, e, como achei occasião, aproveitei.

JUIZ. — A menina não perde occasião! Agora o que está feito, está feito. O senhor não irá mais para a cidade, pois está casado. Assim, não fallemos mais n'isso. Já que estão aqui, hão de fazer o favor de tomar uma chicara de café commigo, e dansaremos antes d'isso uma tyranna. Vou mandar chamar mais algumas pessoas para fazer a roda maior. (*Chega á porta*). Oh Antonio? vae á venda do Sr. Manoel do Coqueiro, e dize aos senhores que ha pouco sahiram d'aqui que façam o favor de chegar até cá. (*Para José*). O senhor queira perdoar se o chamei biltre; já aqui não está quem fallou.

JOSÉ. — Eu não me escandaliso. V. S. tinha de algum modo razão; porém, eu me emendarei.

MANOEL JOÃO. — E' se não se emendar, tenho um relho.

JUIZ. — Sra. Dona, queira perdoar se ainda não cortejei. (*Cumprimenta*).

MARIA ROSA, *cumprimentando*. — Uma criada de S. Ex.

JUIZ. — Obrigado, minha senhora. Ahi chegam os amigos.

SCENA XX

OS MESMOS E OS QUE ESTAVAM EM SCENA

JUIZ. — Sejam bem vindos, meus senhores. (*Cumprimentam-se*). Eu os mandei chamar para tomarem uma chicara de café commigo, e darsarmos um fado em obsequio ao Sr. Manoel João, que casou sua filha hoje.

TODOS. — Obrigado a V. S.

IGNACIO JOSÉ, *a Manoel João.* — Estimarei que sua filha seja feliz.

OS OUTROS. — Da mesma sorte.

MANOEL JOÃO. — Obrigado.

JUIZ. — Sr. escrivão, faça o favor de ir buscar a viola. (*Sáe o Escrivão*). Não façam cerimonia; supponham que estão em suas casas; haja liberdade. Esta casa não é agora do juiz de paz, é de João Rodrigues. Sr. Thomaz, faz-me o favor? (*Thomaz chega-se para o juiz, e este o leva para um canto*). O leitão ficou no chiqueiro?

THOMAZ. — Ficou, sim senhor.

JUIZ. — Bom! (*Para os outros*). Vamos arranjar a roda. A noiva dansará commigo, e o noivo com sua sogra. O' Sr. Manoel João, arranje outra roda... vamos, vamos! (*Arranjam as rodas; o escrivão entra com uma viola*). Os outros senhores abanquem-se. Sr. escrivão, ou toque ou dê a viola a algum dos senhores. Um fado bem rasgadinho... bem choradinho...

MANOEL JOÃO. — Agora sou eu gente!

JUIZ. — Bravo, minha gente! toque, toque!

Um dos actores toca a tyranna na viola, os outros batem palmas e caquinhos e os mais dansam.

TOCADOR, *cantando*

Caninha, minha senhora
Da maior veneração;
Passarinho foi-se embora,
Deixou-me as pennas na mão.

TODOS

Se me dá que comê,
Se me dá que bebê,
Se me paga a casa,
Vou morar com você. (*Dansam*).

JUIZ. — Assim, meu povo! Esquenta, esquenta!
MANOEL JOÃO. — Aferventa!

TOCADOR, *cantando*

Em cima d'aquelle morro
Tem um pé de ananaz;
Não ha homem n'este mundo
Como o nosso juiz de paz.

TODOS

Se me dá que comê,
Se me dá que bebê,
Se me paga a casa,
Vou morar com você!...

JUIZ. — Aferventa! Aferventa!...

O JUDAS EM SABBADO D'ALLELUIA

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

JOSE' PIMENTA, cabo de esquadra da guarda nacional.
CHIQUINHA E MARICOTA (suas filhas).
LULU' (10 annos).
FAUSTINO, empregado publico.
AMBROSIO, capitão da guarda nacional.
ANTONIO DOMINGOS, velho, negociante.

Meninos e moleques

A scena passa-se no Rio de Janeiro, no anno de 1844.

ACTO UNICO

Sala em casa de José Pimenta; porta ao fundo, á direita e á esquerda uma janella; além da porta da direita uma commoda de jacarandá (sobre a qual estará uma manga de vidro e dous castiçaes de casquinhas), cadeiras e mesa. Ao levantar do panno a scena estará distribuida da seguinte maneira: Chiquinha sentada junto á mesa cosendo; Maricota á janella; e no fundo da sala, á direita da porta, um grupo de quatro meninos e dous moleques acabam de apromptar um judas, o qual estará apoiado á parede. Serão os seus trages — casaca de côrte, de velludo, collete idem, botas de montar, chapéu armado com penacho escarlate; tudo muito usado; longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas e fazem grande algazarra.

SCENA I

CHIQUINHA, MARICOTA E MENINOS

CHIQUINHA. — Meninos, não façam tanta bulha...
LULÚ, *sahindo do grupo.* — Mana, veja o judas como está

bonito! Logo, quando apparecer a Alleluia, havemos de puxal-o para a rua.

Chiquinha. — Está bom. Vão para dentro e logo venham.

Lulú, *para os meninos e moleques.* — Vamos pr'a dentro, logo viremos, quando apparecer a Alleluia. (*Vão todos para dentro em confusão*).

Chiquihna, *para Maricota,* — Maricota, ainda te não cançou essa janella?

Maricota, *voltando a cabeça.* — Não é da tua conta.

Chiquinha. — Bem sei, mas, olha, o meu vestido está quasi prompto, e o teu não sei quando estará.

Maricota. — Hei de apromptal-o quando quizer e muito bem me parecer; basta de séca — cose, e deixa-me.

Chiquinha. — Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua como a pessoa que a cumprimenta, e continúa depois a fazer acenos com o lenço.*) Lá está ella no seu fadario! Que viva esta minha irmã só para namorar! E' forte mania! A todos faz festa, a todos namora; e o peor é que a todos engana... até o dia em que tambem seja enganada.

Maricota, *retirando-se da janella.* — Que estás tu a dizer, Chiquinha?

Chiquinha. — Eu? Nada.

Maricota. — Sim! Agarra-te bem á costura; vive sempre como vives, que has de morrer solteira.

Chiquinha. — Paciencia.

Maricota. — Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

Chiquinha. — Tu já o achaste pregada á janella?

Maricota. — Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me verem?

Chiquinha. — Não.

Maricota. — O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

Chiquinha. — Casa-te com elle.

Maricota. — E porque não, se elle quizer? Os officiaes dos Permanentes têm bom soldo. Pódes te rir.

Chiquinha. — E depois do tenente, quem mais passou?

Maricota. — O cavallo rabão.

Chiquinha. — Ah!

Maricota. — Já te não mostrei aquelle moço, que anda sempre muito á moda montado em um cavallo rabão, e que todas as

vezes que passa cumprimenta com ar risonho e esporeia o cavallo?

CHIQUINHA. — Sei quem é, isto é, conheço-o de vista. Quem é elle?

MARICOTA. — Sei tanto como tu.

CHIQUINHA. — E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA. — Oh! que tola! Pois é preciso conhecer a pessoa a quem se namora?

CHIQUINHA. — Penso que sim.

MARICOTA. — Estás muito atrazada. Queres ver a carta que elle me mandou esta manhã pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha*). *Ouve* (*Lendo*). "Minha adorada e crepitante estrella!" (*Deixando de ler.*) Heim! Então?

CHIQUINHA. — Continúa.

MARICOTA, *continuando a ler.* — "Os astros que brilham nas chammejantes espheras dos teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento, que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros soffrimentos, serei ditoso, e se não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as féras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, féras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte e lá morrerei. Adeus. Deste que jura ser teu, apezar da negra e fria morte. — O mesmo" (*Acabando de ler*). Então, tens que dizer a isto?... que estylo!... que paixão!...

CHIQUINHA, *rindo-se.* — E' pena que o menino vá viver por essas brenhas com as féras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrorio?

MARICOTA. — E porque não? Têm-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio*).

CHIQUINHA. — Do mesmo?

MARICOTA. — Não, é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de S. José.

CHIQUINHA. — Namoras tambem a um estudante de latim? O que esperas desse menino.

MARICOTA. — O que espero? Não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem,' este menino póde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e aranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

CHIQUINHA. — Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

MARICOTA. — Os annos passam depressa quando se namora. Ouve (*lendo*). "Vi teu mimoso semblante e fiquei enleado e cego,

cego a ponto de não poder estudar a minha lição" (*Deixando de ler*). Isto é de criança. (*Continúa a ler*). "Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est*" (*Lê estas palavras com difficuldade, e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*Continua a ler*). — Se Deus o creou foi para fazer o paraiso dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza. A mocidade, meu bem, é um thesouro porque — *Senectus est morbus*. Recebe, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego voco. — "*Tiburcio José Maria*" (*Acabando de ler*). — O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Hei de mandar-lhe dizer que me falle em portuguez. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar. Estas duas recebi hoje.

CHIQUINHA. — Se todas são como essas, a collecção é rica. Quem mais passou? Vamos, dize...

MARICOTA. — Passou aquelle amanuense da Alfandega, que está á espera de ser segundo escripturario para casar-se commigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do curro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veiu da Europa, onde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja da fazendas. Passou...

CHIQUINHA, *interrompendo*. — Meu Deus, quantos... e a todos esses namoras?

MARICOTA. — Pois então! E o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição.

CHIQUINHA. — Tens habilidade! Mas dize-me, Maricota, que esperas tu com todas essas loucuras e namoros? Que planos são os teus? (*levanta-se*). Não vês que te pódes desacreditar?

MARICOTA. — Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A differença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, em quanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com esse ar de santinha — anda, faze-te vermelha, talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não ha moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidas de suas estrepolias. Apontas-me, por ventura, uma só, que não tenha hora escolhida para chegar á janella, ou que não atormente ao pae, ou á mãe, para ir a este ou áquelle baile, a esta ou áquella festa? E pensas tu que é isto feito indifferentemente ou por acaso? Enganas-te, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os paes, as mães e as simplorias como tu, é que nada vêem, e de

nada desconfiam. Quantas conheço eu, que no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos vigilantes, namoram tão subtilmente. que não se pressente! Para quem sabe namorar tudo é instrumento— uma criança que se tem ao collo e se beija, um papagaio com o qual se falla á janella, um mico que brinca sobre o hombro, um lenço que se volteia na mão, uma flôr que se desfolha, tudo, emfim! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instrumento para se namorar a outrem! Pobres tolos, que levam a culpa e vivem logrados, em proveito alheio! Se te quizesse eu explicar e patentear os ardis e espertezas de certas meninas que passam por sérias, e que são rafinadissimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças dividem-se em duas classes: — sonsas e sinceras; mas que todas namoram.

CHIQUINHA. — Não questionarei comtigo. Demos que assim seja, quero mesmo que o seja. Que outro futuro esperam as filhas familias, senão o casamento? E' a nossa senatoria, como costumam dizer. Os homem não levam a mal que façamos da nossa parte todas as diligencias para alcançar este fim, mas o meio, que devemos empregar, é tudo. Póde elle ser prudente e honesto ou tresloucado como o teu.

MARICOTA. — Não dizia eu que havia sonsas e sinceras? Tu és das sonsas.

CHIQUINHA. — Póde elle nos desacreditar, como não duvidas que o teu te desacreditará.

MARICOTA. — E porque?

CHIQUINHA. — Namoras a muitos.

MARICOTA. — Oh! essa é grande! Nisto justamente é que eu acho vantagem. Ora dize-me, quem compra muitos bilhetes de loteria não tem mais probabilidade de tirar a sorte grande do que aquelle que só compra um? Não póde do mesmo modo nessa loteria do casamento quem tem muitos amantes ter mais probabilidade de tirar um para marido?...

CHIQUINHA. — Não! não! A namoradeira é em breve tempo conhecida, e ninguem a deseja por mulher. Julgas que os homens se illudem com ella e que não sabem que valor devem dar aos seus protestos? Que mulher póde haver tão fina, que namore a muitos, e faça crer a cada um em particular que é o unico amado? Aqui na nossa terra, grande parte dos moços são presumpçosos, linguarudos e indiscretos; quando têm o mais insignificante namorico, não ha amigos e conhecidos que não sejam confidentes. Que cautellas podem resistir a essas indiscreções? E, conhecida uma moça por namoradeira, quem se animará a pedil-a por esposa? Quem

se quererá arriscar a casar-se com uma mulher, que continue depois de casada as scenas de sua vida de solteira? Os homens têm mais juizo do que pensas: com as namoradeiras divertem-se elles, mas não se casam.

MARICOTA. — Eu t'o mostrarei.

CHIQUINHA. — Veremos! Dá graças a Deus se por fim encontrares um velho para marido.

MARICOTA. — Um velho! Antes quero morrer ou ser freira... Não me falles nisso, que me arrepiam os cabellos! Mas para que me afflijo? E'-me mais facil... Ahi vem meu pae. (*Corre e senta-se á costura junto á mesa*).

SCENA II

JOSE' PIMENTA E MARICOTA

Entra José Pimenta com a farda de cabo de esquadra da guarda nacional, calças de panno azul e barretão; tudo muito usado.

PIMENTA, *entrando*. — Chiquinha, vae ver minha roupa, já que estás vadia. (*Chiquinha sáe*). Está bem bom! Está bem bom! (*Esfrega as mãos de contente*).

MARICOTA, *cosendo*. — Meu pae, sáe?

PIMENTA. — Tenho que dar algumas voltas, a ver se cobro o dinheiro das guardas de hontem. Abençoada a hora em que deixei o officio de sapateiro para ser cabo de esquadra da guarda nacional! Que ganhava eu pelo officio? Uma tuta-méa. Desde pela manhã até alta noite sentado á tripeça, mettendo sovella d'aqui, sovella d'acolá, cerol p'ra uma banda, cerol p'ra outra, puxando couro com os dentes, batendo de martello, estirando o tirapé, e no fim das contas chegava apenas o jornal para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o officio para ser cabo de esquadra da guarda nacional! Das guardas, das rondas e das ordens de prisão, faço o meu patrimonio. Cá as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco! Assim é que é viver, e no mais saúde, e viva a guarda nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguem procurar-me, dize que espere, que eu já volto. (*Sáe*).

SCENA III

MARICOTA, só

Tem razão! São milagres! Quando meu pae trabalhava pelo officio e tinha um jornal certo, não podia viver; agora que não tem oficio nem jornal, vive sem necessidades. Bem diz o capitão Ambrosio que os officios sem nome são os mais lucrativos. Basta de coser. (*Levanta-se*). Não hei de namorar o agulheiro, nem casar-me com a almofada. (*Vae para a janella. Faustino apparece á porta do fundo, donde espreita para a sala*).

SCENA IV

FAUSTINO E MARICOTA

FAUSTINO. — Posso entrar ?

MARICOTA, *voltando-se.* — Quem é ? Ah! póde entrar.

FAUSTINO, *entrando.* — Estava ali defronte na loja do barbeiro esperando que teu pae sahisse para poder ver-te, fallar-te, amar-te, adorar-te e...

MARICOTA. — Devéras ?

FAUSTINO. — Ainda duvidas ? Para quem vivo eu, senão para ti ? Quem está sempre presente na minha imaginação ? Por quem faço eu todos os sacrificios ?

MARICOTA. — Fallé mais baixo que a mana póde ouvir.

FAUSTINO. — A mana! Oh! quem me dera ser a mana para estar sempre comtigo, na mesma sala, na mesma mesa, no mesmo...

MARICOTA, *rindo-se.* — Você já começa.

FAUSTINO. — E como hei de acabar sem começar ? (*Pegando-lhe na mão*). Decididamente, meu amor, não posso viver sem ti... e sem o meu ordenado.

MARICOTA. — Não lhe creio: muitas vezes está sem me apparecer dous dias, signal que póde viver sem mim; e julgo que póde tambem viver sem o seu ordenado, porque...

FAUSTINO. — Impossivel!

MARICOTA. — Porque o tenho visto passar muitas vezes por aqui de manhã ás onse horas, e ao meio dia; o que prova que

gazéa soffrivelmente, que leva ponto, e lhe descontam o ordenado.

FAUSTINO. — Gazear a repartição o modelo dos empregados? Enganaram-te. Quando lá não vou é ou por doente, ou por ter mandado parte de doente...

MARICOTA. — E hoje que é dia de trabalho mandou parte?

FAUSTINO. — Hoje! Ah! não me falles nisso, que me desespero e allucino! Por tua causa sou a victima mais infeliz da guarda nacional!

MARICOTA. — Por minha causa!

FAUSTINO. — Sim, sim, por tua causa! O capitão da minha companhia, o mais feroz capitão que tem apparecido no mundo, depois que se inventou a guarda nacional, persegue-me, acabrunha-me, e assassina-me! Como sabe que eu te amo, e que tu me correspondes, não ha pirraça e affrontas que me não faça! Todos os mezes são dous e tres avisos para montar guarda; outros tantos para rondas, manejos, paradas; e desgraçado se lá não vou, ou não pago! Já o meu ordenado não chega! Roubam-me, roubam-me com as armas na mão! Eu te detesto, capitão infernal, és um tyrano, um Gengis-kan, um Tamerlan! Agora mesmo está um guarda á porta da repartição á minha espera para prender-me! Mas eu não vou lá, não quero! Tenho dito! Um cidadão é livre... em quanto não o prendem.

MARICOTA. — Sr. Faustino, não grite, tranquillise-se.

FAUSTINO. — Tranquillisar-me! Quando vejo um homem que abusa da autoridade que lhe confiaram para afastar-me de ti! Sim, sim! é para afastr-me de ti que elle manda-me sempre prender. Patife! Porém, o que mais me mortifica e até me faz chorar, é ver teu pae, o mais honrado cabo de esquadra, prestar o seu apoio a essas tyranias constitucionaes.

MARICOTA. — Está bom, deixe-se disso, já é maçada. Não tem que se queixar de meu pae: elle é cabo e faz a sua obrigação.

FAUSTINO. — A sua obrigação? E julga que um homem faz a sua obrigação quando anda atraz de um cidadão brasileiro com uma ordem de prisão mettida na patrona!... na patrona!! A liberdde, a honra, a vida de um homem, feito á imagem de Deus, mettida na patrona!! Sacrilegio!

MARICOTA, *rindo-se.* — Com effeito, é uma acção digna...

FAUSTINO, *interrompendo-a.* — Sómente de um capitão da

guarda nacional!! Felizes dos turcos, dos chinas, e dos negros de Guiné, porque não são guardas nacionaes! Oh!

Porque lá nos desertos africanos
Faustino não nasceu desconhecido?

MARICOTA. — Gentes!...

FAUSTINO. — Mas, apezar de todas essas perseguições, eu lhe hei de mostrar para que presto! Tão depressa se reforme a minha repartição, casar-me-hei comtigo, ainda que eu veja adiante de mim todos os chefes de legião, coroneis, majores, capitães, cornetas, sim, cornetas, e etc.!

MARICOTA. — Meus Deus, endoudeceu!

FAUSTINO. — Então podem chover sobre mim os avisos, como chovia o maná no deserto! Não te deixarei um só instante! Quando fôr ás paradas, irás commigo para me veres manobrar!

MARICOTA. — Oh!

FAUSTINO. — Quando montar guarda, acompanhar-me-has...

MARICOTA. — Que! Eu tambem hei de montar guarda?

FAUSTINO. — E que tem isso? Mas não, não, correria seu risco!...

MARICOTA. — Que extravagancias!...

FAUSTINO. — Quando rondar, rondarei a nossa porta, e quando houver rusgas, fechar-me-hei em casa comtigo, e dê no que der, que... estou deitado. Mas ah! infeliz!...

MARICOTA. — Acabou-se-lhe o furor?

FAUSTINO. — De que me servem todos esses tormentos se me não amas?

MARICOTA. — Não o amo!

FAUSTINO. — Desgraçadamente, não! Eu tenho cá para mim que a tanto se não atreveria o capitão, se não lhe désses esperanças...

MARICOTA. — Ingrato!...

FAUSTINO. — Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que por ti soffro. (*Declamando*). Uma idéa esmagadora, idéa abortada do negro abysmo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes, e mesmo no theatro não me deixa um só instante! Agarrada ás minhas orelhas, como o naufrago á taboa de salvação, ouço-a sempre dizer: — Maricota não te ama!! Sacudo a cabeça, arranco os cabellos (*Faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabellos e amarrotar a gravata (*Isto dizendo tira do bolso um*

pente, com o qual se penteia em quanto falla). Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados, ouvirei ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadaverica, repetir: — Maricota não te ama!! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras*). E serei o defunto mais desgraçado!... Não te commovem estas pinturas? não se te arripiam as carnes?

MARICOTA. — Escute...

FAUSTINO. — Oh! que não tenha eu eloquencia e poder para te aripiar as carnes!...

MARICOTA. — Já lhe disse que escute. Ora diga-me: não lhe tenho eu dado todas as provas que lhe poderia dar para convencel-o do meu amor? Não tenho respondido a todas as suas cartas? Não estou á janella sempre que passa de manhã para a repartição, e ás duas horas quando volta, apezar do sol? Quando tenho alguma flôr ao peito, que m'a pede, não lh'a dou? Que mais quer? São poucas essas provas de verdadeiro amor? Assim é que me paga tantas finezas? Eu é que me deveria queixar...

FAUSTINO. — Tu?!

MARICOTA. — Eu, sim! Responda-me: por onde andou que não passou por aqui hontem, e me fez esperar toda a tarde á janella? Que fez do cravo que lhe dei o mez passado? Porque não foi ao theatro quando eu lá estive com D. Marianna? Desculpe-se, se póde. Assim é que coresponde a tanto amor? Já não ha paixões verdadeiras! Estou desenganada! (*Finge que chora*).

FAUSTINO. — Maricota!

MARICOTA. — Fui bem desgraçada em dar o meu coração a um ingrato!...

FAUSTINO, *enternecido*. — Maricota!

MARICOTA. — Se eu pudesse arrancar do peito esta paixão...

FAUSTINO. — Maricota! eis-me a teus pés (*Ajoelha-se e, emquanto falla, Maricota ri-se, sem que elle veja*) Necessito de toda a tua bondade para ser perdóado!

MARICOTA. — Deixe-me!

FAUSTINO. — Queres que morra a teus pés? (*Batem palmas na escada*).

MARICOTA, *assustada*. — Quem será? (*Faustino conserva-se de joelhos*).

CAPITÃO, *na escada dentro*. — Dá licença?

Maricota, *assustada.* — E' o capitão Ambrosio! (*Para Faustino*). Vá-se embora! vá-se embora! (*Vae para dentro correndo*).

Faustino, *levanta-se e vae atraz della.* — Então que é isso?... Deixou-me!... Foi-se!... e esta!... Que farei?... (*Anda ao redor da sala como procurando onde esconder-se*). Não sei onde esconder-me!... (*Vae espiar á porta, e d'ahi corre para a janella.*) Voltou, e está conversando á porta com um sujeito; mas de certo não deixa de entrar... Em boas estou mettido, e d'aqui não... (*Corre para o judas, despe-lhe a casaca e o collete, tira-lhe as botas e o chapéu e arranca-lhe os bigodes*). O que me pilhar tem talento, porque mais tenho eu! (*Veste o collete e casaca sobre a sua propria roupa; calça as botas, põe o chapéu armado, e arranja os bigodes. Feito isto; esconde o corpo do judas em uma das gavetas da commoda, onde tambem esconde o proprio chapéu, e toma o logar do judas*). Agóra póde vir... (*Batem*). Eil-o!... (*Batem*). Ahi vem!...

SCENA V

CAPITÃO E FAUSTINO, no logar do judas.

Capitão, *entrando.* — Não ha ninguem em casa ? ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada de novo! (*Tira a barretina, colloca-a sobre a mesa e senta-se na cadeira*). Esperarei. (*Olha ao redor de si e dá com os olhos no judas; suppõe á primeira vista ser um homem, elevanta-se rapidamente*). Quem é ? (*Reconhecendo que é um judas*). Ora! ora! ora! E não me enganei com o judas, pensando que era um homem? Oh! oh! está um figurão! E o mais é que está tão bem feito que parece vivo! (*Senta-se*). Onde está esta gente ? Preciso fallar com o cabo José Pimenta, e... ver a filha. Não seria máu que elle estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota. (*Aqui apparece á porta da direita Maricota que espreita receosa; o capitão, logo que a vê, levanta-se*). Ah!

SCENA VI

MARICOTA E OS MESMOS

Maricota, *entrando sempre receosa, e olhando para os lados.* — Sr. capitão !

Capitão, *chegando-se para ella.* — Desejei ver-te, e a fortu-

na ajudou-me. (*Pegando-lhe na mão*). Mas que tens? estás receiosa! Teu pae?

MARICOTA, *receiosa*. — Sahiu.

CAPITÃO. — Que temes então?

MARICOTA, *adianta-se, e como que procura um objecto com os olhos pelos cantos da sala*. — Eu? nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO. — O gato? E por causa do gato me recebe com esta indifferença? (*Largando-lhe a mão*).

MARICOTA, *á parte*. — Sahiu. (*Para o capitão*). Ainda em cima zanga-se commigo! Por sua causa é que eu estou nestes sustos!

CAPITÃO. — Por minha causa?

MARICOTA. — Sim.

CAPITÃO. — E é tambem por minha causa que procura o gato?

MARICOTA. — E', sim!

CAPITÃO. — Essa agora é melhor! Explique-se...

MARICOTA, *á parte*. — Em que me fui eu metter! que lhe hei de dizer?

CAPITÃO. — Então?

MARICOTA. — Lembra-se...

CAPITÃO. — De que?

MARICOTA. — Da... da... d'aquella carta que me escreveu ante-hontem, em que me aconselhava que fugisse da casa de meu pae para a sua?

CAPITÃO. — E que tem?

MARICOTA. — Guardei-a na gavetinha do meu espelho, e, como a deixasse aberta, o gato brincando sacou-me a carta, porque elle tem esse costume...

CAPITÃO. — Oh! mas isso não é graça! Procuremos o gato! A carta estava assignada e póde comprometter-me! E' a ultima vez que tal me acontece! (*Puxa a espada e principia a procurar o gato*).

MARICOTA, *á parte, emquanto o capitão procura*. — Puxa a espada! Estou arrependido de ter dado corda a este tolo.

O capitão procura o gato atraz de Faustino que está immovel; passa por diante, e continúa a procural-o. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta-se para traz repentinamente. Maricota surprehende-se.

CAPITÃO. — Miou!

MARICOTA. — Miou?!

Capitão. — Está por aqui mesmo. (*Procura*).

Maricota, *á parte.* — E' singular! Em casa não temos gato!

Capitão. — Aqui não está! — Onde diabo se metteu?

Maricota, *á parte.* — Sem duvida é algum da vizinhança. (*Para o capitão*). Está bom. Deixe; elle apparecerá.

Capitão. — Que o leve o demo! (*Para Maricota*). Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar-lhe a carta. Podem-na achar, e isso não me convém. (*Esquece-se de embainhar a espada*). Sobre esta mesma carta desejava eu fallar-te.

Maricota. — Recebeu a minha resposta?

Capitão. — Recebi, e tenho-a aqui commigo. Mandaste-me dizer que estavas prompta a fugir para minha casa, mas que esperavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pae está ajuntando para te safares com elle. Isto não me convém. Não está nos meus principios. Um moço póde roubar uma moça: é uma rapaziada; mas dinheiro! é uma acção infame.

Maricota, *á parte.* — Tolo!

Capitão. — Espero que não penses mais nisso, e que farás sómente o que te eu peço. Sim?

Maricota, *á parte.* — Pateta, que não percebe que era um pretexto para lhe não dizer que não, tel-o sempre preso.

Capitão. — Não respondes?

Maricota. — Pois sim. (*A' parte*). Era preciso que eu fosse tola; se eu fugir elle não se casa.

Capitão. — Agora quero sempre dizer-te uma coisa. Suppuz que esta historia de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

Maricota. — Ah! suppoz! Tem penetração!

Capitão. — E se te valias desses pretextos é porque amavas a...

Maricota. — A quem? Diga!

Capitão. — A Faustino.

Maricota. — A Faustino? (*Ri ás gargalhadas*). Eu? amar aquelle toleirão? Com olhos de enxova morta, o pernas d'arco de pipa? Está mangando commigo. Tenho melhor gosto. (*Olha com ternura para o capitão*).

Capitão, *suspirando com prazer.* — Ai! que olhos matadores!

Durante este dialogo Faustino está inquieto no seu logar

MARICOTA. — O Faustino serve-me de divertimento, e, se algumas vezes lhe dou attenção, é para melhor occultar o amor que sinto por outro.

Olha com ternura o capitão. Aqui apparece á porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, pára e escuta.

CAPITÃO. — Eu creio-te porque os teus olhos confirmam as tuas palavras. (*Gesticula com enthusiasmo brandindo a espada*). Terás sempre em mim um arrimo, e um defensor! Em quanto eu fôr capitão da guarda nacional, e o governo tiver confiança em mim, hei de sustentar-te como uma princeza!

Pimenta desata a rir ás gargalhadas. Os dous voltam-se sorprendidos. Pimenta caminha para a frente rindo-se sempre. O capitão fica enfiado, e com a espada levantada. Maricota turbada, não sabe como tomar a hilaridade do pae.

SCENA VII

PIMENTA E OS MESMOS

PIMENTA, *rindo-se*. — Que é isto, Sr. capitão? Ataca a rapariga ou ensina-lhe a jogar a espada?

CAPITÃO, *turbado*. — Não é nada, Sr. Pimenta, não é nada... (*Embainha a espada*). Foi um gato.

PIMENTA. — Um gato! Pois o Sr. Capitão tira a espada para um gato? Só se foi algum gato damnado, que por aqui entrou!

CAPITÃO, *querendo mostrar tranquillidade*. — Nada. Foi o gato da casa que andou aqui pela sala fazendo estrepolias.

PIMENTA. — O gato da casa! E' bichinho que nunca tive, nem quero ter!

CAPITÃO. — Pois o senhor não tem um gato?

PIMENTA. — Não, senhor.

CAPITÃO, *alterando-se*. — E nunca os teve?

PIMENTA. — Nunca... mas...

CAPITÃO. — Nem suas filhas, nem seus escravos?

PIMENTA. — Já disse que não... mas...

Capitão, *voltando-se para Maricota.* — Com que nem seu pae, nem sua irmã, e nem seus escravos têm gato ?

Pimenta. — Mas que diabo é isso ?

Capitão. — E no emtanto... Está bom! está bom! (*A parte*). Aqui ha maroteira!

Pimenta. — Mas que historia é essa ?

Capitão. — Não é nada; não faça caso; ao depois lhe direi. (*Para Maricota*). Muito obrigado! (*Voltando-se para Pimenta*). Temos que fallar em objecto de serviço.

Pimenta, *para Maricota.* — Vae para dentro.

Maricota, *á parte.* — Que capitão tão pedaço d'asno! (*Sáe*).

SCENA VIII

CAPITÃO E JOSE' PIMENTA

Pimenta vae pôr sobre a mesa a barretina. O capitão fica pensativo.

Capitão, *á parte.* — Aqui anda o Faustino, mas elle me pagará !

Pimenta. — A's suas ordens, Sr. capitão.

Capitão. — O guarda Faustino foi preso ?

Pimenta. — Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dous guardas atraz delle, e ainda não foi possivel encontral-o. Mandei-os que fossem escorar á porta da repartição, e tambem lá não appareceu hoje. Creio que teve aviso.

Capitão. — E é preciso fazer dilligencias para prender esse guarda, que está ficando muito remisso. Tenho ordens muito apertadas do commandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender que o levem para os provisorios. Ha de lá estar um mez. Isto assim não póde continuar. Não ha gente para o serviço com esses máus exemplos. A impunidade desorganiza a guarda nacional. Assim que elle sahir dos provisorios, avisem-no logo para o serviço, e, se faltar, provisorio no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de mostrar! (*A' parte*). Mariola!... quer ser meu rival!...

Pimenta. — Sim, senhor, Sr. capitão.

Capitão. — Guardas sobre guardas, rondas, manejos, para-

das, dilligencias, — atrapalhe-o! Entenda-se a esse respeito com o sargento.

PIMENTA. — Deixe estar, Sr. capitão.

CAPITÃO. — Precisamos de gente prompta.

PIMENTA. — Assim é, Sr. capitão. Os que não pagam para a musica devem sempre estar promptos. Alguns são muito remissos.

CAPITÃO. — Ameace-os com o serviço.

PIMENTA. — Já o tenho feito. Digo-lhes que, se não pagarem promptamente, o sr. capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mez, e dois ou tres, que não pagam desde o principio do anno.

CAPITÃO. — Avise a esses que recebeu ordem para os chamar de novo para o serviço impreterivelmente. Ha falta de gente. Ou pagam ou trabalhem.

PIMENTA. — Assim é, Sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que, se a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a musica.

CAPITÃO, *assustado*. — Dizem isso? Pois já sabem?

PIMENTA. — Que saibam, não creio; mas desconfiam.

CAPITÃO. — E' o diabo! é preciso cautella. Vamos á casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

PIMENTA. — Sim, senhor, Sr. capitão. (*Sáem*).

SCENA IX

FAUSTINO, só

Logo que os dous sairam, Faustino vae espreital-os á porta por onde sairam; e adianta-se um pouco.

FAUSTINO. — Ah! com que, o Sr. capitão assusta-se, porque podem saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a musica!... e quer mandar-me para os provisorio! Com que escreve cartas, desinquietando a uma filha familia, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. E que direi da menina ? E' de se lhe tirar o barrete! Está dou-

torada! Anda a dous carrinhos! Obrigado! Acha que eu tenho pernas de enxova morta, e olhos de arco de pipa? Ah! quem soubera! mas ainda é tempo, tu me pagarás; e... ouço pisadas... a postos! (*Toma o seu logar*).

SCENA X

CHIQUINHA E FAUSTINO

CHIQUINHA, *entra e senta-se á costura.* — Deixe-me ver se posso acabar este vestido para vestil-o amanhã que é domingo de Paschoa (*Cose*). Eu é que sou a vadia, como meu pae disse. Tudo anda assim. Ai! Ai! (*Suspirando*). Ha gente bem feliz; alcançam tudo quanto desejam, e dizem tudo quanto pensam; só eu nada alcanço e nada digo. Em quem estará elle pensando? Na mana, sem duvida. Ah! Faustino! Faustino! Se tu soubesses...

FAUSTINO, *á parte.* — Falla em mim! (*Approxima-se de Chiquinha pé ante pé*).

CHIQUINHA. — A mana que não sente por ti o que eu sinto tem coragem para te fallar e enganar, emquanto eu, que tanto te amo, não ouso levantar os olhos para ti. Assim vae o mundo! Nunca terei valor para fazer-lhe a confissão deste amor, que me faz tão desgraçada; nunca, que morreria de vergonha. Elle nem em mim pensa. Casar-me com elle seria a maior das felicidades. (*Faustino, que durante o tempo que Chiquinha falla vem se approximando e ouvindo com prazer quanto ella diz, cae a seus pés*).

FAUSTINO. — Anjo do céu!... (*Chiquinha dá um grito assustada, levanta-se rapidamente para fugir, e Faustino retém-na pelo vestido*). Espera!

CHIQUINHA, *gritando.* — Ai! quem me acode?

FAUSTINO. — Não te assustes: é o teu amante, o teu noivo... o ditoso Faustino!

CHIQUINHA, *forcejando para fugir.* — Deixe-me!

FAUSTINO, *tirando o chapéu.* — Não me conheces? E' o teu Faustino!

CHIQUINHA, *reconhecendo-o.* — Sr. Faustino!!

FAUSTINO, *sempre de joelhos.* — Elle mesmo, encantadora creatura! elle mesmo, que tudo ouviu!

CHIQUINHA, *escondendo o rosto nas mãos.* — Meu Deus!

FAUSTINO. — Não te envergonhes (*Levanta-se*), e não te ad-

mires de ver-me tão ridiculamente vestido para um amante adorado.

CHIQUINHA. — Deixe-me ir para dentro.

FAUSTINO. — Oh! não! Ouvir-me-has primeiro. Por causa de tua irmã, eu estava escondido nestes trajos, mas prouve a Deus que elles me servissem para descobrir a sua perfidia, e ouvir a tua ingenua confissão, tanto mais preciosa, quanto inesperada. Eu te amo, eu te amo!

CHIQUINHA. — A mana póde ouvil-o.

FAUSTINO. — A mana! que venha ouvir-me! Quero dizer-lhe nas bochechas o que penso! Se eu tivesse adivinhado em ti tanta candura e amor, não teria passado por tantos dissabores e desgostos, e não teria visto com meus proprios olhos a maior das patifarias! Tua mana é... emfim, eu cá sei o que ela é, e basta! Deixemol-a, fallemos só no nosso amor! Não olhes para as minhas botas. As tuas palavras accenderam no meu peito uma paixão volcanico-pyramidal e delirante. Ha um momento que nasceu, mas já está grande como o universo! Conquistaste-me! Terás o pago de tanto amor! Não duvides. Amanhã virei pedir-te a teu pae.

CHIQUINHA, *involuntariamente.* — Será possivel ?

FAUSTINO. — Mais que possivel, possibilissimo !

CHIQUINHA. — Oh! está me enganando... E o seu amor por Maricota ?

FAUSTINO, *declamando.* — Maricota trouxe o inferno para minha alma, se é que não levou minha alma para o inferno! O meu amor por ella foi-se, voou, extinguiu-se como um foguete de lagrimas!...

CHIQUINHA. — Seria crueldade se zombasse de mim! de mim, que occultava a todos o meu segredo.

FAU'TINO. — Zombar de ti! Seria mais facil zombar do meu ministro! Mas, silencio! — parece que sobem as escadas.

CHIQUINHA, *assustada.* — Será meu pae ?

FAUSTINO. — Nada digas do que ouviste; é preciso que ninguem saiba que eu estou aqui incognito. Do segredo depende a nossa dita.

PIMENTA, *dentro.* — Diga-lhe que não póde ser.

FAUSTINO. — E' teu pae.

AMBOS. — Adeus! (*Chiquinha sáe correndo, e Faustino põe o chapéu na cabeça e toma o seu logar*).

SCENA XI

PIMENTA, DEPOIS ANTONIO DOMINGOS

PIMENTA. — E' boa! querem todos ser dispensados das paradas! Agora é que o sargento anda passeando. Lá ficou o capitão á espera. Ficou espantado com o que eu lhe disse a respeito da musica; tem razão, que, se souberem, podem-lhe dar com a demissão pelas ventas. (*Batem palmas dentro*). Quem é ?

ANTONIO, *dentro*. — Um seu criado. Dá licença ?

PIMENTA. — Entre quem é. (*Entra Antonio Domingos*).

PIMENTA. — Ah! é o Sr. Antonio Domingos? Seja bem apparecido! Como vae isso ?

ANTONIO. — Ao seu dispôr.

PIMENTA. — Dê cá o seu chapéu. (*Toma o chapéu e o põe sobre a mesa*). Então, que ordena ?

ANTONIO, *com mysterio*. — Trata-se do negocio.

PIMENTA. — Ah! espere. (*Vae fechar a porta do fundo, espiando primeiro se alguem os poderá ouvir*). E' preciso cautela. (*Cerra a porta que dá para o interior*).

ANTONIO. — Toda é pouca. (*Vendo o judas*). Aquillo é um judas ?

PIMENTA. — E' dos pequenos. Então?

ANTONIO. — Chegou nova remessa do Porto. Os socios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dous contos (*Tira da algibeira dous maços de papeis*), um em cada maço; é das azues. Desta vez vieram mais bem feitas. (*Mostra uma nota de* 5$000 *que tira do bolço do collete*), veja; está perfeitissima.

PINMETA, *examinando-a*. — Assim é.

ANTONIO. — Mandei aos socios fabricantes o relatorio do exame que fizeram na Caixa da Amortisação, sobre as da penultima remessa, e elles emendaram a mão. Aposto que ninguem as differençará das verdadeiras.

PIMENTA. — Quando chegaram ?

ANTONIO. — Hontem, no navio que chegou do Porto.

PIMENTA. — E como vieram ?

ANTONIO. — Dentro de um barril de paios.

PIMENTA. — O lucro que deixa não é máu; mas arrisca-se a pelle...

ANTONIO. — Que receia ?

Pimenta. — Que receio? Se nos dão na malhada, adeus, minhas encomendas! Tenho filhos...

Antonio. — Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou 2:500$000, e nada lhe aconteceu.

Pimenta. — Bem perto estivemos de ser descobertos — houve denuncia, e o thesouro substituiu as azues pelas brancas.

Antonio. — Dos bilhetes aos falsificadores vae longe; aquelles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando fallam, e acautelam-se. Demais, quem nada arrisca nada tem. Deus ha de ser comnosco.

Pimenta. — Se não fôra o chefe de policia!...

Antonao. — Esse é que póde botar tudo a perder; mas peor é o medo. Vá guardal-os. (*Pimenta vae guardar os maços dos bilhetes em uma das gavetas da commoda, e a fecha á chave*).

Antonio, *emquanto Pimenta guarda os bilhetes.* — Cincoenta contos da primeira remessa, cem da segunda, e cincoenta desta, fazem duzentos contos; quando muito, vinte de despeza, e ahi cento e oitenta de lucro. Não conheço negocio melhor. (*Para Pimenta*). Não os vá trocar sempre á mesma casa; ora aqui, ora ali. Tem cinco por cento dos que passar.

Pimenta. — Já estou arrependido de ter-me mettido neste negocio.

Antonio. — E porque?

Pimenta. — Além de perigosissimo, tem consequencias que eu não previa quando me metti nelle. O senhor dizia que o povo não soffria com isso.

Antonio. — E ainda digo. Ha na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais duzentos não querem dizer nada.

Pimenta. — Assim pensei eu, ou m'o fizeram pensar; mas já me abriram os olhos, e... emfim, passarei ainda esta vez, e será a ultima. Tenho filhos. Metti-me nisto sem saber bem o que fazia. E do senhor me queixo, porque da primeira vez abusou da minha posição; eu estava sem vintem. E' a ultima!

Antonio. — Como quizer; o senhor é quem perde. (*Batem na porta*).

Pimenta. — Batem!

Antonio. — Será o chefe de policia?

Pimenta. — O chefe de policia! Eis ahi está no que o senhor me metteu!

ANTONIO. — Prudencia. Se fôr a policia, queimam-se os bilhetes.

PIMENTA. — Qual queimam-se, nem meio queimam-se; já não ha tempo senão de sermos enforcados.

ANTONIO. — Não desanime. (*Batem de novo*).

FAUSTINO, *disfarçando a voz*. — Da parte da policia!

PIMENTA, *cahindo de joelhos*. — Misericordia!

ANTONIO. — Fujamos pelo quintal.

PIMENTA. — A casa não tem quintal. Minhas filhas!...

ANTONIO. — Estamos perdidos! (*Corre para a porta afim de espiar pela fechadura. Pimenta fica de joelhos e treme convulsivamente*). Só vejo um official da guarda nacional. (*Batem; espia de novo*) Não ha duvida. (*Para Pimenta*). Sio!... sio... venha cá.

CAPITÃO, *dentro*. — O' Sr. Pimenta, Sr. Pimenta? (*Pimenta ao ouvir o seu nome levanta a cabeça, e escuta; Antonio caminha para elle*).

ANTONIO. — Ha só um oficial que o chama.

PIMENTA. — Os mais estão escondidos!

CAPITÃO, *dentro*. — Ha ou não gente em casa?

PIMENTA, *levanta-se*. — Aquella voz... (*Vae para a porta e espia*). Não me enganei: é o capitão! (*Espia*). Ah! Sr. capitão!?

CAPITÃO, *dentro*. — Abra!

PIMENTA. — V. S. está só?

CAPITÃO, *dentro*. — Estou, sim; abra.

PIMENTA. — Palavra de honra?

CAPITÃO, *dentro*. — Abra ou vou-me embora.

PIMENTA, *para Antonio*. — Não ha que temer. (*Abre a porta; entra o capitão; Antonio sáe fóra da porta e observa se ha alguem oculto no corredor*).

SCENA XII

CAPITÃO, OS MESMOS

CAPITÃO, *entrando*. — Com o demo! o senhor a estas horas com a porta fechada!

PIMENTA. — Queira perdoar, Sr. capitão.

ANTONIO, *entrando*. — Ninguem!

CAPITÃO. — Faz-me esperar tanto! Hoje é a segunda vez!

PIMENTA. — Por quem é, Sr. capitão.

Capitão. — Tão calados! Parece que estavam fazendo moeda falsa! (*Antonio estremece: Pimenta assusta-se*).

Pimenta. — Que diz, Sr. capitão? V. S. tem graças que offendem! Isto não são brinquedos! Assim me escandalisa. Estava com o meu amigo Antonio Domingos fallando nos seus negocios, que eu cá por mim não os tenho.

Capitão. — Oh! o senhor escandalisa-se e assusta-se por uma graça dita sem intenção de offender?

Pimenta. — Mas ha graças que não têm graça!.

Capitão. — O senhor tem alguma coisa? Eu o estou desconhecendo!

Antonio, *á parte*. — Este diabo bota tudo a perder! (*Para o capitão*). E' a bilis que ainda o trabalha. Estava enfurecido commigo por certos negocios. Isto passa-lhe. (*Para Pimenta*). Tudo se ha de arranjar. (*Para o capitão*). V. S. está hoje de serviço?

Capitão. — Estou de dia. (*Para Pimenta*). Já lhe posso fallar?

Pimenta. — Tenha a bondade de desculpar-me. Este maldito homem ia-me fazendo perder a cabeça. (*Passa a mão pelo pescoço, como quem quer dar mais intelligencia ao que diz*). E V. S. tambem não contribuiu pouco para assustar-me!

Antonio, *forcejando para rir*. — Foi uma boa cassoada.

Capitão, *admirado*. — Cassoada!... eu?...

Pimenta. — Por mais honrando que seja um homem, quando se lhe bate á porta, e se diz: — da parte da policia —, elle sempre se assusta.

Capitão. — E quem lhe disse isto?

Pimenta. — V. S. mesmo.

Capitão. — Ora o senhor, ou está sonhando, ou quer se divertir commigo!

Pimenta. — Não foi V. S.?

Antonio. — Não foi V. S.?

Capitão. — Peor é essa! A sua casa hoje anda mysteriosa. Ha pouco era sua filha com o gato; agora é o senhor com a policia... (*A' parte*). Aqui anda tramoia!

Antonio, *á parte*. — Quem seria?

Pimenta, *assustado*. — Isto não vai bem. (*Para Antonio*). Não sáia d'aqui antes de eu lhe entregar uns papeis. Espere! (*Faz semblante de querer ir buscar os bilhetes; Antonio o retem*).

Antonio, *para Pimnta*. — Olhe que se perde!

Capitão. — E então!... Ainda não me deixaram dizer ao que

versos como acontece quando apparece a Alleluia).

CAPITÃO. — Que é isto?

PIMENTA. — Estamos descobertos!!...

ANTONIO, *gritando*. — E' a Alleluia que appareceu. (*Entram na sala, de tropel, Maricota, Chiquinha, os quatro meninos e os dous moleques*).

MENINOS. — Appareceu a Alleluia! Vamos ao judas!!... (*Faustino, vendo os meninos junto de si, deita a correr pela sala. Espanto geral. Os meninos gritam, e fogem de Faustino, o qual dá duas voltas ao redor da sala, levando adiante de si todos os que estão em scena, os quaes se atropellam, correndo, e gritam aterrorisados. Chiquinha fica em pé junto á porta por onde entrou. Faustino, na segunda votla, sáe para a rua, e os mais, desembaraçados delle, ficam como assombrados. Os meninos e moleques chorando escondem-se debaixo da mesa e cadeiras; o capitão na primeira volta que dá fugindo de Faustino sóbe para cima da commoda; Antonio Domingos agarra-se a Pimenta, e rolam juntos pelo chão quando Faustino sáe; e Maricota cáe desmaiada na cadeira onde cosia*).

PIMENTA, *rolando pelo chão agarrado com Antonio*. — E' o demonio!...

ANTONIO. — Vade-retro, Satanaz!!... (*Estreitam-se nos braços um do outro, e escondem a cara*).

CHIQUINHA, *chega-se para Maricota*. — Mana? que tens? Não falla! está desmaiada! Mana? Meu Deus! Sr. capitão, faça o favor de dar-me um copo com agua.

CAPITÃO, *de cima da commoda*. — Não posso lá ir.

CHIQUINHA, *á parte*. — Poltrão! (*Para Pimenta*). Meu pae, acuda-me! (*Chega-se para elle e chama-o, tocando-lhe no hombro*).

PIMENTA, *gritando*. — Ai! ai! ai! (*Antonio, ouvindo Pimenta gritar, grita tambem*).

CHIQUINHA. — E esta! Não está galante? O peor é estar a mana desmaiada! Sou eu, meu pae! sou Chiquinha! Não se assuste! (*Pimenta e Antonio levantam-se cautelosos*).

ANTONIO. — Não o vejo!...

CHIQUINHA, *para o capitão*. — Desça; que vergonha! não tenha medo (*O capitão principia a descer*). Ande, meu pae, acudamos á mana! (*Ouve-se dentro o grito de leva! leva! como costumam os moleques, quando arrastam os judas pelas ruas*).

PIMENTA. — Ahi vem elle!!... (*Ficam todos immoveis na occasião em que os surprehendeu o grito; isto é; Pimenta e Antonio ainda não de todo levantados; o capitão com uma perna no chão, e outra na borda de uma das gavetas da commoda, que está meio aberta; Chiquinha esfregando as mãos de Maricota para reanimal-a; e os meninos nos logares que occupavam. Conservam-se todos silenciosos até que se ouve o grito exterior* — morra — *em distancia*).

CHIQUINHA, *emquanto os demais estão silenciosos.* — Meu Deus, que gente tão medrosa! e ella neste estado! Que hei de fazer? Meu pae? Sr. capitão? não se movem! Já tem as mãos frias... (*Apparece repentinamente á porta Faustino ainda com os mesmos trajos; sálta no meio da sala e vae cair sentado na cadeira que está junto á mesa. Uma turba de garotos e moleques armados de páus entram após elle gritando*: — Péga no judas! péga no judas! — *Pimenta e Antonio erguem-se rapidamente, e atiram-se para a extremidade esquerda do theatro, junto aos condieiros da rampa; o capitão sóbe de novo para cima da commoda; Maricota, vendo Faustino na cadeira, separado della sómente pela mesa, dá um grito, e foge para a extremidade direita do theatro; e os meninos sáem aos gritos de debaixo da mesa, e espalham-se pela sala. Os garotos param no fundo junto á porta; e, vendo-se em uma casa particular, cessam de gritar*).

FAUSTINO, *cahindo sentado.* — Ai, que corrida! Já não posso! Oh! parece-me que por cá ainda dura o medo! O meu não foi menor vendo esta canalha. Safa, canalha! (*Os garotos riem-se, e fazem assuada*). Ah! o caso é esse? (*Levanta-se*). Sr. Pimenta? (*Pimenta ouvindo Faustino chamal-o encolhe-se e treme*). Treme! Ponha-me esta corja no andar da rua... Não ouve?

PIMENTA, *titubeando.* — Eu, senhor!

FAUSTINO. — Ah! não obedece? Vamos que lhe mando — da parte da policia. (*Disfarçando a voz como da vez primeira*).

ANTONIO. — Da parte da policia!... (*Para Pimenta*). Vá! vá!

FAUSTINO. — Avie-se! (*Pimenta caminha receoso para o grupo que está ao fundo, e com bons modos o faz sahir. Faustino, emquando Pimenta faz evacuar a sala, continua a fallar. — Para Maricota*). Não olhe assim para mim com os olhos tão arregalados que lhe podem saltar fóra da cara! De que serão esses olhos? (*Para o capitão*). O'lá! valente capitão? está de poleiro! Desça! Está com medo do papão! U! ú!... Bote fóra a espada que lhe

está atrapalhando as pernas! E' um bello boneco de louça. (*Tira o chapéu e os bigodes, e os atira no chão*). Agora ainda terão medo! Não me conhecem?

TODOS, *excepto Chiquinha*. — Faustino!!

FAUSTINO. — Ah! já! cobraram a falla! Temos que conversar. (*Põe uma das cadeiras no meio da sala e senta-se. O capitão, Pimenta e Antonio dirigem-se para elle enfurecidos; o primeiro colloca-se á sua direita, o segundo á esquerda e o terceiro atraz; fallando todos tres ao mesmo tempo. Faustino tapa os ouvidos com as mãos*).

PIMENTA. — Occultar-se em casa de um homem de bem, de um pae de familia, é acção criminosa, não se deve praticar! As leis são bem claras! A casa do cidadão é inviolavel! As autoridades hão de ouvir-me! Serei desaffrontado!

ANTONIO. — Sorprehender um segredo é infamia! e só a vida paga certas infamias! Entende? O senhor é um mariola! Tudo quanto fiz e disse foi para experimental-o. Eu sabia que estava ali occulto. Se diz uma palavra, mando-lhe dar uma arrochada.

CAPITÃO. — Aos insultos respondem-se com as armas na mão! Tenho uma patente de capitão que me deu o governo; hei de fazem honra a ella! O senhor é um cobarde! Digo-lhe isto na cara! Não me mette medo! Ha de ir preso! Ninguem me insulta impunemente! (*Os tres, á proporção que fallam, vão reforçando a voz e acabam bramando*).

FAUSTINO. — Ai! ai! ai! ai que fico sem ouvidos!

CAPITÃO. — Petulancia inqualificavel... Petulancia!...

PIMENTA. — Desaforo sem nome... Desaforo!!

ANTONIO. — Patifaria! patifaria! Patifaria!! (*Faustino levanta-se rapidamente, batendo com os pés*).

FAUSTINO, *gritando*. — Silencio!! (*Os tres emmudecem e recuam*) que o Deus da linha quer fallar! (*Asssenta-se*). Puxeme aqui estas botas! (*Para Pimenta*). Não quer? Olhe que o mando da parte da... (*Pimenta chega-se para elle*).

PIMENTA, *colerico*. — Dê cá!

FAUSTINO. — Já (*Dá-lhe as botas a puxar*). De vagar! Assim! (*A' parte*). Digam lá que a policia não faz milagres! (*A Antonio*). Ah, senhor meu, tire-me esta casaca. Creio que não será preciso dizer da parte de quem... (*Antonio tira-lhe a casaca com muito máu modo*). Cuidado! não rasgue o traste, que é de valor! Agora o collete. (*Tira-lh'o*). Bom.

CAPITÃO. — Até quando abusará da nossa paciencia?

gunte, o senhor aprendeu latim ?

CAPITÃO, *á parte*. — Hei de fazer comprir a ordem de prisão. (*Para Pimenta*). Chame dous guardas.

FAUSTINO. — Que é lá isso ? Espere lá! Já não tem medo de mim? Então ha pouco quando se empoleirou era com medo das botas? Ora! não seja criança, e escute. (*Para Maricota*). Chegue-se para cá. (*Para Pimenta*). Ao Sr. José Pimenta do Amaral, cabo de esquadra da guarda nacional, tenho a distincta honda de pedir-lhe a mão de sua filha a Sra. D. Maricota... ali para o Sr. Antonio Domingos.

MARICOTA. — Ah!

PIMENTA. — Senhor!

ANTONIO. — E esta !

FAUSTINO. — Ah! não querem ? Torcem o focinho ? Então escutem a historia de um barril de paios, em que...

ANTONIO, *turbado*. — Senhor...

FAUSTINO, *continuando*. — Em que vinham escondidos...

ANTONIO, *approxima-se de Faustino e diz-lhe á parte*. — Não me pérca! Que exige de mim ?

FAUSTINO, *á parte*. — Que se case, e quanto antes, com a noiva que lhe dou. Só por este preço guardarei silencio.

ANTONIO, *para Pimenta*. — Sr. Pimenta, o senhor ouviu o pedido que lhe foi feito; agora o faço eu tambem: concede-me a mão de sua filha ?

PIMENTA. — Certamente... é uma fortuna... não esperava... e...

FAUSTINO. — Bravo!...

MARICOTA. — Isto não é possivel!... Eu não amo o senhor!...

FAUSTINO. — Amará.

MARICOTA. — Não se dispõe assim de uma moça! Isto é zombaria do Sr. Faustino!

FAUSTINO. — Não sou capaz!

MARICOTA. — Não quero! não me caso com um velho!...

FAUSTINO. — Pois então não se casará nunca, porque vou já d'aqui gritando (*Gritando*) que a filha do cabo Pimenta namora como uma damnada; que quiz roubar... (*Para Maricota*) Então quer que continue, ou quer casar-se ?

MARICOTA, *á parte*. — Estou conhecida! Posso morrer soltei-ra... um marido é sempre um marido!... (*A Pimenta*). Meu pae, farei a sua vontade...

Faustino. — Bravissimo! Ditoso par! amorosos pombinhos! (*Levanta-se, toma Maricota pela mão, condul-a para junto de Antonio, e falla com os dous á parte*). Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, baboso, rabugento e usurario; nada lhe falta para sua felicidade. E' este o fim de todas as namoradeiras: ou se casam com um gebas como este, ou morrem solteiras! (*Para o publico*) Queira Deus que aproveite o exemplo! (*Para Antonio*) Os falsarios já não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunciasse, ia o senhor para a cadeia, e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Este castigo seria muito suave: eis aqui o que lhe destino: (*Apresentando-lhe Maricota*) é moça, bonita, ardilosa e namoradeira, nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no codigo, mas não admira, porque lá faltam outras muitas cousas. Abracem-se, em signal de guerra! (*Impelle um para o outro*) Agora nós, Sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da guarda nacional: arranje isso como puder, quando não, mando tocar a musica... não sei se me entende?

Capitão. — Será servido. (*A' parte*) Que remedio! póde perder-me!

Faustino. — E se de novo bulir commigo, cuidado! quem me avisa... sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero tambem recompensar. (*Toma Chiquinha pela mão, e colloca-se com ella em frente de Pimenta, dando as mãos como em acto de se casarem.*) Sua benção, querido pae Pimenta, e seu consentimento!

Pimenta. — Que lhe hei de eu fazer, senão consentir!

Faustino. — Optimo! — (*Abraça Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha*). Se não houvesse aqui tanta gente a olhar para nós, fazia-te o mesmo. (*Dirigindo-se ao publico*). Mas não o perde, que fica guardado para melhor occasião.

OS IRMÃOS DAS ALMAS

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

MARIANNA, mãe de
EUFRAZIA.
LUIZA, irmã de
JORGE, marido de Eufrazia.
TIBURCIO, amante de Luiza.
SOUZA, irmãos das almas.
FELISBERTO.
UM IRMÃO DAS ALMAS.
UM CABO DE PERMANENTES.
QUATRO SOLDADOS.

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1844, no dia de Finados.

ACTO UNICO

Sala com cadeiras e mesa: porta ao fundo e á direita; á esquerda, um armario grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres funebres.

SCENA I

Luiza, *sentada em uma cadeira junto á mesa.*

Luiza. — Não é possivel viver assim muito tempo! — soffrer e callar é a minha vida. — Já não posso! — (*Levanta-se*). — Sei que sou pesada a D. Marianna, e que minha cunhada não me vê com bons olhos; — mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. — Quem o mandou casar-se, e vir para a companhia de sua sogra? — pobre irmão! como tem pago essa loucura! — eu já podia estar livre de tudo isto se não fosse o maldito segredo que descobri; — antes não soubesse de nada!...

SCENA II

EUFRAZIA E LUIZA

EUFRAZIA, *entrando, vestida de preto, como quem vae visitar egrejas em dia de finados.* — Luiza, tu não queres ir ver os finados ?

LUIZA. — Não posso, estou incommodada; — quero ficar em casa.

EUFRAZIA. — Fazes mal: — dizem que este anno ha muitas caixinhas e urnas em S. Francisco e no Carmo; e além disso o dia está bonito, e haverá muita gente.

LUIZA. — Sei o que perco. — Bem quizera ouvir uma missa por alma de minha mãe e de meu pae; mas não posso.

EUFRAZIA. — Missas não hei de eu ouvir hoje: — missas em dia de finados é maçada; — logo tres! — o que eu gósto é de ver as caixinhas dos ossos. — Ha agora muito luxo!

LUIZA. — Mal empregado.

EUFRAZIA. — Porque ? — cada um trata dos seus defuntos como póde.

LUIZA. — Mas nem todos os choram!

EUFRAZIA. — Chorar ? — e para que serve chorar ?... não lhes dá vida.

LUIZA. — E que lhes dão as ricas urnas ?

EUFRAZIA. — Que lhes dão ? — nada; mas ao menos falla-se nos parentes que as mandam fazer.

LUIZA. — E isso é uma grande consolação para os defuntos!

EUFRAZIA. — Não sei se é ou não consolação para os defuntos; mas posso-te affirmar que é divertimento para os vivos: — vae-te vestir, e vamos.

LUIZA. — Já te disse que não posso.

EUFRAZIA. — Luiza, tu és muito velhaca!...

LUIZA. — E porque ?

EUFRAZIA. — Queres ficar em casa para veres o teu namorado passar; — mas não sejas tola, vae á egreja, que lá é que se namora bem no aperto.

LUIZA, *com tristeza.* — Já lá se foi esse bom tempo de namoro!

EUFRAZIA. — Grande novidade!... brigaste com o teu apaixonado ?

Luiza. — Não! mas, depois do que soube, não devo mais vel-o.

Eufrazia. — E que soubeste então?

Luiza. — Que elle era... até não me atrevo a dizel-o...

Eufrazia. — Assustas-me!

Luiza. — Considera a coisa mais horrorosa que póde ser um homem.

Eufrazia. — Ladrão?

Luiza. — Peor.

Eufrazia. — Assassino?

Luiza. — Ainda peor.

Eufrazia. — Ainda peor que assassino? rebelde?

Luiza. — Muito peor!

Eufrazia. — Muito peor que rebelde?... não sei que seja...

Luiza. — Não sabes? (*Com mysterio*). — Pedreiro livre!...

Eufrazia. — Pedreiro livre?!... Santo breve da marca!... homem que falla com o diabo á meia noite! (*Benze-se*).

Luiza. — Se fosse só fallar com o diabo!... Tua mãe diz que todos que para elles se chegam ficam excommungados, e que antes quizera ver a peste em casa do que um pedreiro livre! (*Benze-se, o mesmo faz Eufrazia*). — Não! não! antes quero viver toda a minha vida de favores, e acabrunhada, do que casar-me com um pedreiro livre! (*Benze-se*).

Eufrazia. — Tens razão! eu tenho-lhes um medo de morte; e minha mãe, quando os vê, fica tão fóra de si que faz desatinos! Ora quem havia dizer que o Sr. Tiburcio era tambem da panellinha!

Luiza. — Eu seria tão feliz com elle se não fosse isso!...

Eufrazia. — Tambem!... perdes um marido... pouco perdes... para que serve um marido?

Luiza. — Para que serve um marido?... boa pergunta!... para muitas coisas.

Eufrazia. — Sim! para muitas coisas más.

Luiza. — Dizes isso porque já estás casada.

Eufrazia. — Essa é que é a desgraça!... não termos medo ao burro senão depois do couce!... um marido... sabes tu o que é um marido?... é um animal exigente, impertinente e insupportavel... a mulher que quizer viver bem com o seu faça o que eu faço: — bata o pé, grite mais do que elle, caia em desmaio, ralhe, e quebre os trastes... Humilhar-se? — coitada da que se humilha! então são elles leões; — o meu homem será sendeiro

toda a sua vida... e se has de ter trabalho de ensinar a esses animaes, é melhor que te não cases.

LUIZA. — Isso é bom de dizer.

EUFRAZIA. — E de fazer. — Vou acabar de me vestir. (*Sáe*).

SCENA III

LUIZA, DEPOIS JORGE

LUIZA, *só*. — Pobre Jorge, com quem te foste casar! — como esta mulher te faz infeliz! — Pedreiro livre!... quem o dissera!...

Entra Jorge vestido com opa verde de irmão das almas; traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa.

JORGE, *entrando*. — Adeus, mana Luiza.

LUIZA. — Já de volta?

JORGE. — A colheita hoje é boa: — é preciso esvasiar a salva. (*Faz o que diz*). — Guarda metade d'este dinheiro antes que minha mulher o veja: e faze-me d'estes ovos uma fritada, e dá estas bananas ao macaco.

LUIZA. — Tenho tanta repugnancia de servir-me d'este dinheiro.

JORGE. — Porque?

LUIZA. — Dinheiro de esmolas que pedes para as almas!

JORGE. — E então que tem isso? — é verdade que peço para as almas; mas tambem não temos alma? Negar que a temos é ir contra a religião: e, além d'isso, já lá deixei dous cruzados para se dizerem missas para as outras almas; — é bom que todas se salvem.

LUIZA. — Duvido que assim a tua se salve...

JORGE. — Deixa-te de asneiras! — pois pensas que por alguns miseraveis dous vintens, que já foram quatro, (*Péga em uma moeda de dous vintens*). — Olha, aqui está o carimbo! — um pae de familia vá para o inferno? Ora!... suppõe que amanhã afincam outro carimbo d'este lado; — não desapparecem os dous vintens? e eu tambem não fico logrado? — nada! — antes que me logrem, logro eu. E de mais, tirar esmolas para as almas, e para os santos, é um dos melhores e mais commodos ofifcios que

eu conheço: — os santos sempre são credores que não fallam! — tenho seis opas para os seis dias da semana, aqui as tenho. — (*Vae ao armario e tira seis opas*). — No domingo descanço — preferi tel-as minhas — é mais seguro; não dou satisfação a thesoureiro nenhum: ás segundas-feiras visto esta verde que tenho no corpo; ás terças, esta roxa; ás quartas, esta branca; ás quintas, esta encarnada; ás sextas, esta roxa e branca; aos sabbados esta azul.

LUIZA. — E não entregas dinheiro nenhum para os santos?

JORGE. — Nada! o santo d'estas opas sou eu!... não tenho descanço, mas tambem o lucro não é máu.

LUIZA. — O lucro!... aquelle pobre velho que morava defronte do paredão da Gloria, tambem pedia esmolas para os santos, e morreu á mingoa!

JORGE. — Minha rica, o fazer as coisas não é nada, o sabel-as fazer é que é tudo! — o carola experiente deve conhecer as ruas porque anda, as casas em que entra, e as portas a que bate. — Ruas ha em que se não pilha um real; — essas são as da gente rica, civilizada e de bom tom, que, ou nos conhece, ou pouco se lhe dá que os santos se allumiem com vellas de cêra ou de sebo, ou mesmo que estejam ás escuras — emfim, pessoas que pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião! Por essas ruas não passo eu. — Fallem-me dos beccos, onde vive a gente pobre; das casas de rotulas; — das quitandeiras; — ahi, sim, é que a pepineira é grossa. — *Vae guardar as opas*). Tenho aprendido á minha custa!

LUIZA, *sorrindo-se*. — A' custa dos tolos, deves dizer...

JORGE. — E quem os manda ser tolos?... Mas ah! n'este mundo nem tudo são rosas! — eu vivia tão bem e tão feliz, e por desconto dos meus peccados dei a mais reverente das cabeçadas...

LUIZA. — Qual cabeçada ?

JORGE. — O casar-me! — Ah! minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordoado por toda a vida, se o não mata!... Se eu soubesse!...

LUIZA. — Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

JORGE. — Que queres? — um dia mette-se o diabo nas tripas de um homem e eil-o casado. — Ainda alguns são felizes: mas eu fui mesmo desgraçadissimo! esbarrei-me de focinhos!... encontrei com uma mulher linguaruda, preguiçosa, desavergonhada e atrevida!... e para maior infelicidade vim viver com minha

sogra, que é um demonio; — leva todo o dia e atiçar a filha contra mim, — vivo n'um tormento!...

LUIZA. — Bem vejo!...

JORGE. — Quando a roda principia a desandar, é assim!... — Dous mezes depois de eu estar casado, morreu nossa mãe, e tu te viste obrigada a vir para a minha companhia — para aturar estas duas viboras. — Ah! supportar uma mulher é um castigo; mas aturar tambem uma sogra é... nem sei o que seja!... é uma injustiça que Deus nos faz! e quando ellas têm um conselheiro e compadre da laia do nosso vizinho Souza... isso... (*Dá estalos com os dedos*).

LUIZA. — Dizes bem, Jorge, esse nosso vizinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá...

JORGE. — Velho infernal! mexeriqueiro baboso! não te poder eu correr com um páu pela porta fóra! — mas ainda isto não é o maior infortunio!... olha, Luiza, ha coisas que um marido, por mais prudente que seja, não póde tragar! — tens visto aqui nesta casa o Felisberto?...

LUIZA. — Tenho, sim.

JORGE. — Pois esse patife, que ninguem sabe do que vive, que não tem officio nem beneficio, que está todo o santo dia no largo do Rocio mettido na sucia dos meirinhos, — com o pretexto de ser primo de minha mulher, entra por esta casa a dentro com toda a sem cerimonia, sem dizer — tir-te, nem guar-te — anda de um quarto para outro com toda a frescura, — conversa em segredo com minha mulher, e cala-se quando eu chego.

LUIZA. — E porque o soffre, mano? — não é você o homem d'esta casa?... até quando ha de ter medo de sua mulher?

JORGE. — Medo?... pois eu tenho medo d'ella? (*Com riso forçado*). — E' o que me faltava! — o que eu tenho é prudencia: — não quero desbaratar...

LUIZA, *á parte*. — Coitado!...

JORGE. — Elle já veiu hoje?

LUIZA. — Ainda não.

JORGE. — Admira.

FELISBERTO, *entrando.* — Vivorio!...

JORGE, *á parte.* — Já tardava!...

FELISBERTO, *para Luiza, sem dar attenção a Jorge.* — Adeus, minha bella Luizinha; a prima Eufrazia está lá dentro?...

LUIZA, *seccamente.* — Está... (*Felisberto encaminha-se pela direita sem dar attenção alguma a Jorge*).

JORGE, *seguindo-o.* — Então assim se pergunta por minha mulher e vae-se entrando?... (*Felisberto sáe*). — E então?! querem-na mais clara?... que figura faço eu aqui? que papel represento?... (*Passeia agitado de um para outro lado*).

LUIZA, *seguindo-o.* — Meu irmão, porque não faz um esforço para sahir d'este vexame em que vive?... Cobre energia!... mostre que é homem!... isto é uma vergonha!... não se acredita!... que fraqueza!...

JORGE, *parando.* — E' fraqueza?

LUIZA. — E', sim!

JORGE. — Pois quero mostrar-te para que sirvo!... quero mostrar-te que sou homem, e que n'esta casa governo eu!...

LUIZA. — Felizmente!...

JORGEE. — Vou ensinal-as — botar este biltre pela porta fóra! basta de humilhação! — vae tudo com os diabos!... (*Caminha intrepidamente, e a passos largos, para a porta da direita; mas, ahi chegando, pára*).

LUIZA. — Então pára ?...

JORGE, *voltando.* — Melhor é ter prudencia... tenho medo de fazer uma morte!...

LUIZA. — Meu Deus, que fraqueza!

JORGE. — E retiro-me, que não respondo por mim!... e mesmo porque vou á botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. (*Sáe*).

SCENA V

LUIZA, SÓ, DEPOIS MARIANNA

LUIZA. — Isto contado não é crivel... ter um homem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah! se eu fosse homem, e tivesse uma mulher como esta...

MARIANNA, *entrando.* — Vae coser a renda da minha mantilha! (*Luiza sáe. Marianna estará de vestido de riscado, e saia de lila preta*).

MARIANNA. — Pague o que come!... é um trambolho que tenho em casa; — a boa joia do meu genro julga que eu tambem devo carregar com a irmã! Está enganado! — hei de atrapalhal-a até que a desgoste, para sahir d'aqui... Arre!...

SCENA VI

MARIANNA E SOUZA

SOUZA, *entrando vestido de opa.* — Bons dias, comadre.

MARIANNA. — Oh! compadre Souza, por cá ?

SOUZA. — Ando no meu fadario, comadre; é preciso ganhar a vida. (*Põe a salva sobre a mesa*).

MARIANNA. — Isso é assim, compadre.

SOUZA. — E, como já estou velho, escolho o officio que mais me serve... tiro esmolas.

MARIANNA. — E' as faz render, heim ?...

SOUZA. — Nada! comadre! — ganho só duas pacatas por dia, que me paga o thesoureiro da Irmandade para que tiro esmola.

MARIANNA. — Só duas patacas! tão pouco, compadre ?

SOUZA. — Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolas para si; — mas isso não faço eu — quizera antes morrer de fome! — dinheiro sagrado! Talvez a comadre zombe do que eu lhe digo...

MARIANNA. — Eu não, compadre !

SOUZA. — Porque consta-me que seu genro...

MARIANNA. — Meu genro é um tratante...

SOUZA. — Ha em todas as profissões velhacos que as desacreditam.

MARIANNA. — Não se importe com isso, compadre...

SOUZA. — Oh! eu vivo tranquillo com a minha consciencia.

MARIANNA. — Faz muito bem.

SOUZA. — Como vae a comadrinha ?

Aqui apparece á porta do fundo Jorge, que trará uma tigella na mão; vendo Marianna e Souza, pára e escuta.

MARIANNA. — Vae bem, compadre; só o diabo do marido é que lhe dá desgostos: — é uma besta que metti em casa...

SOUZA. — Comadre, as bestas tambem se ensinam...

JORGE, *á porta.* — Patife!...

MARIANNA. — Deixe-o commigo, compadre.

SOUZA. — A comadre é mãe, e deve vigiar na felicidade de sua filha. — Os maridos são o que as mulheres querem que elles sejam — sou velho e tenho experiencia do mundo, — a comadrinha que não fraqueie, senão elle bota-lhe o pé no pescoço...

JORGE, *á parte.* — Tratante!...

MARIANNA. — Isso lhe digo eu sempre, e ella o faz! — olhe, compadre, quanto a isso, puxou cá á pessoa: — meu defunto não via boia commigo!...

SCENA VII

OS MESMOS E FELISBERTO

FELISBERTO. — Adeus, tia, vou-me embora...

MARIANNA. — Vem cá, rapaz!

FELISBERTO. — Que quer ?

MARIANNA. — O' compadre, você não achará um arranjo para este rapaz ?

SOUZA. — Fraco empenho sou eu, comadre.

FELISBERTO. — Não preciso de arranjo!

MARIANNA. — E' melhor trocar as pernas por essas ruas como um valdevino ?... em risco de ser preso para soldado ?... andar sempre pingando, e sem vintem para comprar uma casaca nova?... vê como os cotovelos d'esta estão rôtos? — e esta calça que está safada!...

FELISBERTO. — Assim mesmo é que eu gósto!... é liberdade! cada um faz o que quer, e anda como lhe parece!... não nasci para me sujeitar a ninguem!

MARIANNA. — Ai! que modo de pensar é esse ?... Então, compadre, não descobre nada ?

SOUZA. — Eu ?... só se elle quer tambem pedir esmolas. Posso arranjar-lhe uma opa.

MARIANNA. — Lembra muito bem! ó sobrinhozinho, queres pedir esmolas ?

FELISBERTO, *insultado.* — Pois, tia Marianna, acha que nasci

Souza. — Eu digo no caso de querer...

Marianna. — Estou vendo que nasceste para principe!... já te não lembras que teu pae era malsim?

Felisberto. — Isto foi meu pae, eu não tenho nada com isso!...

Souza. — Pedir para os santos é uma profissão honesta...

Marianna. — Que não deshonra a ninguem — veste-se uma opa, entra-se pelas casas...

Felisberto, *á parte.* — Entra-se pelas casas...

Marianna. — Bate-se á escada, — e, se se demoram em vir saber quem é, assenta-se o homem um momento, descança...

Felisberto, *embebido n'uma idéa sem ouvir a tia.* — Entra-se pelas casas...

Marianna. — Vem o moleque ou a rapariga trazer o vintemsinho...

Felisberto. — Pois bem, tia; quero lhe fazer o gosto, pedirei esmolas, até ver se o officio me agrada.

Marianna. — Sempre te conheci com muito juizo, sobrinhozinho! O compadre arranja-lhe a opa?

Souza. — Fica a meu cuidado...

Marianna. — Muito bem! e dê-me licença que vou acabar de me vestir. (*Sáe*).

SCENA VIII

SOUZA E FELISBERTO

Felisberto, *á parte.* — Não me lembrava que a opa, ás vezes, dá entrada até o interior das casas...

Souza. — Vamos?

Felisberto. — Quando quizer... (*Encaminham-se para a porta do fundo; Jorge entra e passa por entre elles*).

Souza, *para Jorge quando passa.* — Um seu creado, Sr. Jorge... (*Jorge não corresponde ao cumprimento e dirige-se para a porta da direita*).

Felisberto, *voltando-se.* — Mal creado! (*Jorge, que está junto á porta para sahir, volta-se*).

Jorge. — Heim?

FELISBERTO, *chegando-se para elle.* — Digo-lhe que é um mal creado!

JORGE, *com energia.* — Isso é commigo?

FELISBERTO. — E', sim!...

JORGE, *vindo para a frente da scena.* — Ha muito tempo que procuro esta occasião para nos entendermos...

FELISBERTO. — Muito estimo! (*Arregaça as mangas da casaca*).

SOUZA. — Accommodem-se!...

JORGE. — O Sr. tem tomado muitas liberdades em minha casa....

FELISBERTO. — Primeiramente a casa não é sua, e, segundo, hei de tomar as liberdades que bem me parecem.

SOUZA. — Sr. Felisberto!...

JORGE. — O Sr. entra por aqui e não faz caso de mim!

FELISBERTO. — E que figura é o Sr. para eu fazer caso?

SOUZA. — Sr. Jorge!... (*Mettendo-se no meio*).

JORGE — Chegue-se para lá; deixe-me que estou zangado!... o Sr. falla com minha mulher em segredo na minha presença!....

FELISBERTO. — Faço muito bem, porque é minha prima....

JORGE, *gritando e batendo com os pés.* — Mas é minha mulher... e sabe que mais? é por consideração a ella que agora mesmo não lhe esmurro essas ventas! (*Sáe com passos largos*).

FELISBERTO. — Anda cá!... (*Quer seguil-o, Souza o retem*).

SOUZA. — Onde vae?...

FELISBERTO, *rindo-se.* — Ah! ah! ah!... não sei onde foi a prima achar este codea para marido... tenho-lhe dito muitas vezes que é a vergonha da familia...

SOUZA. — E' um homem sem principios....

FELISBERTO. — Eu regalo-me de não fazer caso nenhum d'elle... (*Ouvem-se gritos dentro*). Ouça! ouça! — não ouve esses gritos? é a tia e a prima que andam com elles ás voltas — ah! ah!....

SOUZA. — Deixal-o, e vamos que se vae fazendo tarde!... (*Sáem ambos rindo-se*).

SCENA IX

Entra Jorge desesperado.

JORGE. — Os diabos que as carreguem, corujas do diabo!... Assim não vae longe... desanda tudo em muita pancadaria — Ora sebolaria! — que culpa tenho eu que o boticario se demorasse em fazer o sinapismo? — E' bem feito, Sr. Jorge, é bem feito; quem o mandou ser tolo?... agora aguente! (*Gritos dentro*). Grita, grita, canalha! até que arrebentem pelas ilhargas! — Triste sorte!... Que sogra! que mulher! Ah! diabos! maldita seja a hora em que eu te dei a mão; antes te tivesse dado o pé, e um couce, que te arrebentasse a ti, a tua mãe, e a toda tua geração passada e por passar! — E' preciso tomar uma resolução!... a mana Luiza tem razão!... isto é fraqueza!... Vou ensinar aquellas viboras! (*Diz as ultimas palavras caminhando com resolução para a porta; ahi apparece Eufrazia e elle recúa*).

SCENA X

JORGE E EUFRAZIA

EUFRAZIA. — Quem é vibora?... (*Eufrazia caminha para elle, que vae recuando*).

JORGE. — Não fallo comtigo... (*Recúa*).

EUFRAZIA, *seguindo-o.* — Quem é vibora?...

JORGE, *recuando sempre, encosta-se no bastidor da esquerda.* — Já disse que não fallo comtigo...

EUFRAZIA, *junto delle.* — Então quem é... sou eu?... falla?

JORGE, *querendo mostrar-se forte.* — Eufrazia!

EUFRAZIA. — Qual Eufrazia! sou um raio que te parta!...

JORGE. — Retira-te! olha que te perco o respeito...

EUFRAZIA, *com desprezo.* — Pedaço d'asno!

JORGE. — Pedaço d'asno?!... olha que te... (*Faz menção de dar uma bofetada*).

EUFRAZIA, *volta para traz gritando.* — Minha mãe? minha mãe?

JORGE, *seguindo-a.* — Cala-te, demonio...

EUFRAZIA, *junto á porta.* — Venha cá!

SCENA XI

MARIANNA E AS MESMAS

MARIANNA, *entrando com um panno de sinapismo na mão.* — Que é? que é?...

JORGE, *recuando.* — Agora, sim!

EUFRAZIA. — Só Jorge está me maltratando!...

MARIANNA. — Grandecissimo sacripante!...

JORGE. — Sacripante!...

EUFRAZIA. — Deu-me uma bofetada!

MARIANNA. — Uma bofetada na minha filha!

JORGE, *atravessa por diante de Marianna e chega-se rancoroso para Eufrazia.* — Dei-te uma bofetada, heim?...

MARIANNA, *puxando-o pelo braço.* — Que atrevimento é esse, grandecissimo patife?

JORGE, *desesperado.* — Hoje aqui ha morte!...

EUFRAZIA. — Morte! queres me matar?

MARIANNA. — Ameaças, grandecissimo traste?

JORGE, *para Mariana.* — Grandecissimas lamprêas!...

EUFRAZIA. — Que affronta! ai! ai! que morro!... (*Vae cahir sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada*).

JORGE. — Morre! arrenbenta! que te leve a breca!... (*Quer sahir, Marianna o retem pela opa*).

MARIANNA. — Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei de arrancar-te os olhos da cara!..

JORGE. — Largue a opa!...

MARIANNA. — Encher essa cara de bofetões!

JORGE. — Largue a opa!

MARIANNA. — Pensas que minha filha não tem mãe?

JORGE. — Largue a opa!...

MARIANNA. — Pensas que eu hei de aturar, a ti e á lambisgoia da tua irmã?

JORGE, *com raiva.* — Senhora!

MARIANNA. — Queres-me matar tambem, mariola?

JORGE, *cerrando os dentes de raiva, e mettendo a cara diante da de Marianna.* — Senhora! diabo!

MARIANNA. — Ah!!... (*Dá-lhe com o panno de sinapismo na cara: Jorge dá um grito de dôr; leva as mãos á cara, e sáe gritando*).

JORGE. — Estou cego! agua! agua! (*Sáe pelo fundo. Marian-*

na desfecha a rir ás gargalhadas e o mesmo faz Eufrazia, que se levanta da cadeira. Conservam-se a rir por alguns instantes sem poder fallar. Luiza apparece á porta).

EUFRAZIA. — Que boa lembrança!... ah! ah!

LUIZA, *á parte.* — O que será?

MARIANNA. — Que bella receita para maridos desavergonhados! ah! ah!...

MARIANNA. — Que cara fez elle... (*Vendo Luiza*). — Que queres?

LUIZA, *timida.* — Eu...

MARIANNA. — Bisbilhoteira! vae buscar minha mantilha e o leque de tua cunhada. (*Luiza sáe*).

EUFRAZIA. — Já sei o remedio d'aqui por diante.

MARIANNA. — Sinapismo n'elle!...

EUFRAZIA. — Mas não vá elle ficar cego!

MARIANNA. — Melhor para ti... (*Entra Luiza com uma mantinha na mão e um leque, que entrega a Eufrazia*).

MARIANNA. — Dá cá! — Não podias trazel-o sem machucar?... (*Põe a mantilha sobre a cabeça*). Vamos, que vae ficando tarde; iremos primeiro a S. Francisco, que está aqui pertinho. (*Para Luiza*). E tu, fica tomando conta da casa já que não tens prestimo para nada... paga o que comes; não sou burro de ninguem. Vamos, menina.

SCENA XII

LUIZA, DEPOIS TIBURCIO

LUIZA, *só.* — Não tenho prestimo!... Sempre insultos!... sou a creada de todos n'esta casa!... Vou pedir ao mano que me metta no convento da Ajuda.

TIBURCIO, *dentro.* — Esmola para missas das almas!

LUIZA. — Quem é? (*Tiburcio apparece á porta vestido de irmão das almas*).

TIBURCIO. — Esmola para missas das almas!...

LUIZA, *sem o reconhecer.* — Deus o favoreça.

TIBURCIO. — Amen! (*Adianta-se*).

LUIZA. — O senhor que quer?

TIBURCIO. — Deus me favorece!...

LUIZA. — O senhor Tiburcio!!...

Tiburcio. — Elle mesmo, que morria longe de ti!

Luiza. — Vá-se embora!

Tiburcio. — Cruel, que te fiz eu?...

Luiza. — Não fez nada, mas vá-se embora!...

Tiburcio. — Ha oito dias que te não vejo!... tenho tanto que te dizer, oito dias e oito noites levei a passear pela tua porta, e tu não me apparecias... até que tomei a resolução de vestir esta opa para poder entrar aqui sem causar desconfiança... Seremos felizes! a nossa sorte mudou. (*Põe a bacia sobre a mesa*).

Luiza. — Mudou!...

Tiburcio. — Bem sabes que ha muito tempo ando atraz de um logar de guarda da Alfandega, e que não tenho podido alcançar: mas agora já não preciso.

Luiza. — Não precisa?...

Tiburcio. — Comprei uma cautela de vigesimo, na casa da Fama do largo de Santa Rita, e sahiu-me um conto de réis.

Luiza. — Ah!

Tiburcio. — Vou abrir um armarinho; agora posso pedir-te a teu irmão.

Luiza. — Não! não! não póde ser!

Tiburcio. — Não queres ser minha mulher?... Terás mudado?... Ingrata!...

Luiza. — Não posso! não posso!... Meu Deus!

Tiburcio. — Ah! já sei, amas outro! pois bem, casa-te com elle!... quem o diria?...

Luiza, *chorando*. — Escuta-me...

Tiburcio. — Não tenho que escutar!... Vou me embora, vou-me metter em uma das barcas de vapor da Praia-Grande, até que ella arrebente... (*Falsa sahida*).

Tiburcio, *voltando*. — Ainda me amas?

Luiza. — Ainda.

Tiburcio. — Então porque não queres casar commigo?

Luiza. — Oh! acredita-me, é que eu não devo...

Tiburcio. — Não deves? pois adeus, vou para o Rio Grande! (*Falsa sahida*).

Luiza. — Isto é um tormento que eu soffro!...

Tiburcio, *voltando*. — Então queres que eu vá para o Rio Grande?

Luiza. — Bem sabes quanto eu te amava, Tiburcio; tenho disto te dado provas bastantes, e se...

Tiburcio. — Pois dá-me a unica que te peço, casa-te commi-

go!... ah!... não responde?... adeus!... vou para Montevidéo! (*Sáe pelo fundo*).

LUIZA, *só*. — Nasci para ser desgraçada!... eu seria tão feliz com elle... mas é pedreiro livre... foi bom que elle se fosse embora... eu não poderia resistir...

TIBURCIO, *apparecendo á porta*. — Então queres que eu vá para Montevidéo?

LUIZA. — Meu Deus!...

TIBURCIO, *caminhando para a frente*. — Antes que eu parta desta terra ingrata, antes que eu vá affrontar esses mares, um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor: dize-me porque não queres casar commigo? disseram-te que eu era aleijado? que tinha algum defeito occulto?... se foi isso, é mentira!...

LUIZA. — Nada disso me disseram...

TIBURCIO. — Então porque?

LUIZA. — E' porque... (*Hesita*).

TIBURCIO. — Acaba... dize...

LUIZA. — Porque és... pedreiro livre!!... (*Benze-se*).

TIBURCIO. — Ah! ah! ah! (*Rindo-se ás gargalhadas*).

LUIZA. — E ri-se?!...

TIBURCIO. — Pois não me hei de rir?... Meu amor, isto são caraminholas que te metteram na cabeça!

LUIZA. — Eu bem sei o que é!... fallas com o diabo á meia noite; matas as crianças para lhes beberes o sangue; entregaste tua alma ao diabo; frequentas as...

TIBURCIO, *interompendo-a*. — Ta! ta! ta! o que ahi vae de asneira!... não sejas pateta!... não acredites nessas babozeiras.

LUIZA. — Babozeiras, sim!...

TIBURCIO. — Um pedreiro livre, minha Luiza, é um homem como outro qualquer; nunca comeu crianças, nem fallou com o diabo á meia noite.

LUIZA. — Visto isso, não é verdade o que te digo?

TIBURCIO. — Qual!... são carapetões que te metteram nos miolos para talvez te indisporem commigo... A maçonaria é uma instituição...

LUIZA. — Dás-me a tua palavra de honra que nunca fallaste com o diabo?...

TIBURCIO. — Juro-te que é sujeitinho com quem nunca me encontrei!

LUIZA. — Hoje ouviste missa?

TIBURCIO. — Nem menos de tres...

TIBURCIO. — Consentes que eu falle a teu mano?

LUIZA, *vergonhosa.* — Não sei...

TIBURCIO, *beijando-lhe a mão.* — Malditos tagarellas que me iam fazendo perder este torrão d'assucar! Minha Luiza, nós seremos muito felizes, e eu te...

MARIANNA, *dentro.* — De vagar! de vagar! que não posso!...

LUIZA, *assustada.* — E' D. Marianna.

TIBURCIO. — Vou-me embora.

LUIZA. — Não! não! que te podem encontrar no corredor, minha cunhada conhece-te... esconde-te até que ellas entrem, e depois sáe...

TIBURCIO. — Mas onde?

LUIZA. — N'este armario!... (*Tiburcio esconde-se no armario, deixando a bacia sobre a mesa*).

SCENA XIII

Entra MARIANNA apoiada nos braços de EUFRAZIA e de SOUZA

MARIANNA. — Ai! quasi morri!... Tira-me esta mantilha! (*Luiza tira-lhe a mantilha*). Ai!... (*Senta-se*). Muito obrigada, compadre.

SOUZA. — Não ha de que, comadrinha.

EUFRAZIA. — Acha-se melhor, minha mãe?

MARIANNA. — Um pouco... Se o compadre não estivesse lá á porta da egreja, para tirar-me do aperto, eu morria certamente...

SOUZA. — Aquillo é um desaforo!...

MARIANNA. — E' assim, é!... ajuntam-se esses brejeiros nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas, e darem beliscões nas moças...

SOUZA. — E nos rasgarem as opas, e darem cassolêtas...

EUFRAZIA. — E' uma indecencia!...

MARIANNA. — Espremeram-me de tal modo, que ia botando a alma pela bocca fóra!

EUFRAZIA. — E a mim deram um beliscão, que quasi arrancaram carne!

MARIANNA. — E' insupportavel!

SOUZA. — Principalmente, comadre, em S. Francisco de Paula!...

MARIANNA. — Estão horas inteiras n'um vae e vem, só para fazerem patifarias...

EUFRAZIA. — A policia não vê isso!...

MARIANNA. — Ai! estou que não posso... compadre! Dê-me licença, que vou me deitar um pouco!

SOUZA. — Essa é bôa, comadre!

MARIANNA, *levanta-se.* — Já arranjou a opa para meu sobrinho?

SOUZA. — A esta hora já está tirando esmolas...

MARIANNA. — Muito obrigada, compadre. Não se vá embora, jante hoje comnosco.

SOUZA. — A comadre manda, não pede...

MARIANNA. — Até já, descanse... (*Sáem Marianna, Eufrazia e Luiza*).

SCENA XIV

SOUZA, DEPOIS FELISBERTO

SOUZA, *só.* — Estou estafado! (*Senta-se*). A pobre da comadre, se não sou eu, morre; já estava vermelha como um camarão! (*Ouvem-se dentro gritos de "péga ladrão"!*) Que será? (*Levanta-se; os gritos continuam*). E' péga ladrão! (*Vae para a porta do fundo; n'esse instante entra Felisberto, que virá de opa e bacia, precipitadamente; esbarra-se com Souza, e salta-lhe o dinheiro da bacia no chão*).

FELISBURTO. — Salve-me! salve-me, collega! (*Trazendo-o para frente da scena*).

SOUZA. — Que é isto, homem? Explique-se!

FELISBERTO, *tirando um relogio da algibeira.* — Toma este relogio! Guarde-o. (*Souza toma o relogio machinalmente*).

SOUZA. — Que relogio é esse?

FELISBERTO. — O povo ahi vem atraz de mim gritando péga ladrão!... mas creio que o logrei...

SOUZA. — E o senhor roubou este relogio?

FELISBERTO. — Não senhor!... entrei n'uma casa para pedir esmola, e quando sahi achei-me com este relogio na mão, sem saber como... (*Vozeria dentro*). Ahi vêm elles!... (*Corre, e esconde-se no armario*).

Souza, *com o relogio na mão.* — E me metteu em boas, deixando-me com o relogio na mão!... Se assim me pilham, estou perdido!... (*Põe o relogio sobre a mesa*). Antes que aqui me encontrem, safo-me!... (*Vae sahir; ao chegar á porta pára, para ouvir a voz de Jorge*).

Jorge, *dentro.* — Isto é um insulto! não sou ladrão! em minha casa não entrou ladrão nenhum!...

SCENA XV

Entra JORGE

Jorge. — Não se dá maior pouca vergonha! julgarem que eu era ladrão!... Creio que algum tratante se aproveita da opa para entrar com liberdade nas casas, e surripiar alguma coisa, e os mais que andam de opa que paguem!... E roubar um relogio! Pois, olhem, precisava bem de um... (*Vê o relogio sobre a mesa*). Um relogio!!... que diabo!!... (*Pegando no relogio*). De quem será?... será roubado!?... quatro bacias com esmolas!?... e então?... e então tenho tres homens dentro de casa?... Oh!! com os diabos!! e todos tres irmãos das almas!... e ladrões ainda em cima!!... Vou saber como é isto... mas não!... se eu perguntar não me dizem nada... (*Aqui apparece á porta da direita Eufrazia sem que elle a veja*). E' melhor que eu veja com os meus proprios olhos!... Vou esconder-me no armario, e de lá espreitarei! (*Vae para o armario; Eufrazia segue-o pé ante pé; logo que elle entra no armario, ella dá um pulo, e fecha-o á chave.*

Eufrazia. — Está preso!... Minha mãe! minha mãe, venha ver o canario!... (*Sáe*).

SCENA XVI

Ouve-se dentro do armario uma questão de palavras, gritos, e pancadas nas portas; isto dura por alguns instantes. Entram Marianna e Eufrazia.

Eufrazia. — Está alli, minha mãe, prendi-o!...

Marianna. — Fizeste muito bem!... (*Chega-se para o armario*).

EUFRAZIA. — Como grita! que bulha faz!...

MARIANNA. — Aqui ha mais de uma pessoa!...

EUFRAZIA. — Não, senhora!... (*Os gritos dentro redobram, e ouve-se muitas vezes a palavra — ladrão — pronunciada por Jorge*).

MARIANNA. — São ladrões! (*Ambas gritam, correndo pela sala de um lado para outro*). Ladrões! ladrões! ladrões!! (*Luiza apparece á porta*).

LUIZA, *entrando*. — Que é isto?

EUFRAZIA. — Ladrões em casa!...

AS TRES, *correndo pela sala*. — Ladrões! ladrões!! quem nos accode! ladrões?...

SCENA XVII

Entra uma patrulha de quatro permanentes, e um cabo. Virão de fardeta branca, cinturão e pistolas.

CABO, *entrando*. — Que gritos são esses!

MARIANNA. — Temos ladrões em casa!...

CABO. — Onde estão?

EUFRAZIA. — Alli no armario!...

LUIZA, *á parte*. — No armario! que fiz eu?... está perdido!... (*O cabo dirige-se para o armario com os soldados. Marianna, Eufrazia e Luiza encostam-se para a esquerda junto á porta*).

CABO, *junto ao armario*. — Quem está ahi?...

JORGE, *dentro*. — Abra, com todos os diabos!...

CABO. — Sentido, camaradas!... (*O cabo abre a porta do armario, por ella sáe Jorge, e torna a fechar a porta com presteza. O cabo agarra-lhe na gola da casaca*).

CABO. — Está preso!...

JORGE, *depois de ter fechado o armario*. — Que diabo é isto?...

CABO. — Nada de resistencia!

JORGE. — O ladrão não sou eu!...

EUFRAZIA, *do logar onde está*. — Senhor permanente, este é meu marido...

JORGE. — Sim, senhor! eu tenho a honra de ser o marido da senhora.

EUFRAZIA. — Fui eu que o fechei no armario, e por isso é que se deu com os ladrões que ainda estão lá dentro.

JORGE. — Sim, senhor, a senhora fez-me o favor de me fechar aqui dentro, e por isso é que se deu com os ladrões... que aqui estão ainda...

CABO. — Pois abra. (*O cabo diz estas palavras a Jorge porque elle conserva-se, emquanto falla, com as costas apoiadas no armario. Jorge abre a porta: sáe Souza, o cabo segura em Souza; Jorge torna a fechar o armario, e encosta-se. Souza, e o cabo que o segura, caminham um pouco para a frente*).

JORGE. — Este é que é o ladrão!...

SOUZA. — Não sou ladrão!

MARIANNA. — O compadre?!...

SOUZA. — Comadre!... (*Marianna chega-se para elle*).

JORGE. — Segure-o bem, senão foge!...

SOUZA. — Falle por mim, comadre! diga ao senhor que eu não sou ladrão...

JORGE. — E' elle mesmo, e outro que aqui está dentro!...

CABO. — Vamos!...

SOUZA. — Espere!...

MARIANNA. — Como é que você, compadre, estava alli dentro?...

SOUZA. — Por causa de um maldito relogio, que...

JORGE. — Vê! está confessando que roubou o relogio... alli está sobre a mesa!...

CABO. — Siga-me!...

SOUZA. — Espere!...

MARIANNA. — Um momento!...

CABO. — Senão, vae á força!... Camaradas?

JORGE. — Duro com elle! (*Chegam-se dous soldados, e agarram em Souza*).

CABO. — Levem este homem para o quartel...

SOUZA, *debatendo-se.* — Deixe-me fallar!...

CABO. — Lá fallará!... (*Os soldados levam Souza á força*).

SOUZA. — Comadre!... comadre!...

JORGE. — Sim! sim! lá fallará!... patife! ladrão!...

MARIANNA. — Estou confusa!...

JORGE. — Vamos aos outros que cá estão.

EUFRAZIA. — Não explico isto!... (*Jorge abre a porta do ar-

mario: sáe por ella com impetuosidade Felisberto; atira com Jorge no chão, e foge pela porta do fundo; o cabo e os dous soldados correm em seu alcance).

Cabo. — Péga! péga! (*Sáe, assim como os soldados; Jorge levanta-se*).

Jorge. — Péga ladrão! péga ladrão! (*Sáe atraz correndo*).

SCENA XVIII

MARIANNA, EUFRAZIA E LUIZA

Marianna. — E' meu sobrinho!!..

Eufrazia. — E' o primo!

Luiza, *á parte*. — Terá elle sahido?

Marianna. — Não sei como foi isto!

Eufrazia. — Nem eu!

Marianna. — Deixei o compadre aqui sentado.

Eufrazia. — O primo estava pedindo esmolas.

Marianna. — Isto foi traição do patife do meu genro.

Eufrazia. — Não póde ser outra coisa.

Marianna. — Mas deixa-o voltar...

Eufrazia. — Eu lhe ensinarei... (*Durante este pequeno dialogo, Luiza, que está um pouco mais para o fundo, vê Tiburcio que da porta do armario lhe faz acenos*).

Marianna. — A quem está tu a fazer acenos?... vem cá!... (*Pegando-lhe pelo braço*). Viste o que fez o bello do teu irmão?.., Como elle não está aqui, tu é que me has de pagar!...

Luiza. — Eu! e porque?

Marianna. — Ainda perguntas porque?... não viste como elle fez prender a meu compadre, e a meu sobrinho?...Isto são coisas arranjadas por elle, e por ti!

Luiza. — Por mim?!...

Eufrazia. — Sim! por ti mesma!

Luiza. — Oh!

Marianna. — Faze-te de novas. Não bastava aturar eu o desavergonhado do irmão; hei-de tambem soffrer as poucas vergonhas d'esta deslambida! (*Luiza chora. Aqui apparece á porta do fundo Jorge; vendo o que se passa, pára em observações*).

Marianna. — Hoje mesmo não me dorme em casa! não que-

ro!... vae ajuntar a tua roupa, e rua! rua!... (*Tiburcio sáe do armario e encaminha-se para ellas*).

TIBURCIO. — Não ficará desamparada!... (*Marianna e Eufrazia assustam-se*).

LUIZA. — Que fazes?...

TIBURCIO. — Vem, Luiza!...

MARIANNA. — Quem é o senhor?...

TIBURCIO, *para Luiza*. — Vamos procurar teu irmão...

LUIZA. — Espera!... (*Eufrazia observa com attenção a Tiburcio*).

MARIANNA. — Isto está galante! muito bem! com que a menina tem os amanteticos escondidos!... está adiantada!...

TIBURCIO. — Senhora!... mais respeito!...

MARIANNA. — Olá...

LUIZA. — Tiburcio!...

EUFRAZIA. — Tiburcio!... é elle mesmo!... fuja, minha mãe!! (*Recúa*).

MARIANNA. — Que é?...

EUFRAZIA. — Fuja que é pedreiro livre!!... (*Deita a correr para dentro*).

MARIANNA, *aterrorisada*. — Santa Barbara! S. Jeronymo!... accudam-me!... (*Sae correndo*).

TIBURCIO, *admirado*. — E esta!...

SCENA XIX

Jorge, que da porta tem observado tudo, logo que Marianna sáe, corre e abraça-se com Tiburcio.

JORGE. — Meu salvador! meu libertador!

TIBURCIO. — Que é lá isso? temos outra?

JORGE. — Homem incomparavel!

LUIZA. — Mano!

TIBURCIO. — O senhor está doudo?

JORGE, *abraçando os pés de Tiburcio*. — Deixa-me beijar os teus pés, vigesima maravilha do mundo!...

TIBURCIO. — Levante-se, homem!

LUIZA. — Que é isto, Jorge?

JORGE, *de joelhos*. — E adorar-te como o maior descobridor dos tempos modernos!

TIBURCIO. — Não ha duvida, está doudo!

LUIZA. — Doudo!... faltava-me esta desgraça!...

JORGE, *levanta-se.* — Pedro Alvares Cabral quando descobriu a India, Camões, quando descobriu o Brasil, não foram mais felizes do que eu sou, por ter descoberto o meio de metter medo a minha sogra, e a minha mulher!!... E a quem devo eu esta felicidade?... a ti, homem sublime!...

TIBURCIO. — E é só por isso?

JORGE. — Acha pouco?... asbe o que é uma sogra e uma mulher?... O senhor gosta da mana?!...

TIBURCIO. — Fazia tenção de o procurar hoje mesmo, para fallar-lhe a este respeito...

JORGE. — Quer casar-se com ella?

LUIZA. — Jorge!...

TIBURCIO. — Seria a minha maior ventura!...

JORGE. — Pois bem, pratique com minha sogra o que eu praticar com minha mulher...

TIBURCIO. — Como é lá isso?!...

LUIZA. — Que loucura!...

JORGE. — Quer casar? é decidir, e depressa...

TIBURCIO. — Homem, se a coisa não é impossivel...

JORGE. — Qual impossivel! minha sogra é uma velha...

TIBURCIO. — Por isso mesmo!...

JORGE. — Luiza, vae chamal-as; dize-lhes que estou só, e que preciso muito fallar-lhes: e tu não appareças em quanto ellas cá estiverem; anda!... (*Luiza sáe*).

SCENA XX

JORGE E TIBURCIO

TIBURCIO. — Que quer fazer?

JORGE. — Saberá... esconda-se outra vez no armario e, quando eu bater com o pé, e gritar "Satanaz" salte para fóra, agarre-se a minha sogra, e faça quanto eu fizer.

TIBURCIO. — Aqui mesmo nesta sala?

JORGE. — Sim! sim! e avie-se, que ellas não tardam...

TIBURCIO. — Vá feito! como é para ao depois casar-me... (*Esconde-se no armario*).

JORGE, *á parte.* — Toleirão! casa-te e depois dá-me novas! (*Senta-se*). Hoje é dia de felicidades para mim! achei um mari-

do para a mana, dei com os dous tratantes no chilindró, e para corear a obra vim a descobrir o meio de me fazer respeitar nesta casa... Ainda bem que eu tinha meus receios de encontrar-me com ellas... hão de estar damnadas!...

SCENA XXI

Marianna e Eufrazia apparecem á porta, e, receosas, espreitam para a scena.

JORGE. — Podem entrar!...

MARIANNA, *adiantando-se.* — Podem entrar?!... a casa é tua?...

EUFRAZIA. — De hoje em diante has-de tu, e a desavergonhada da tua irmã, pôrem os quartos na rua!...

JORGE. — Veremos!...

MARIANNA. — Que desaforo é esse? ai! que arrebento...

JORGE, *levanta-se e colloca-se entre as duas.* — Até aqui tenho vivido n'esta casa como um cão...

EUFRAZIA. — Assim o merecias!

MARIANNA. — E ainda mais!

JORGE. — Mas, como tudo neste mundo tem fim, o meu tratamento de cão tambem o terá...

MARIANNA. — Agora tambem digo eu: veremos!...

JORGE. — Até agora não tenho sido homem, mas era preciso sel-o!... E que havia eu de fazer para ser homem?... (*Com exaltação*). Entrar nessa sociedade portentosa, universal, e sexquipedal, onde se aprendem os verdadeiros direitos do homem!... (*Faz momices e signaes extravagantes com as mãos*).

EUFRAZIA. — Que quer isto dizer?

MARIANNA. — Ai! o que está elle a fazer?

JORGE. — Estes são os signaes da ordem... (*Faz os signaes*).

MARIANNA. — Está doudo!...

JORGE, *segurando-as pelos punhos.* — A senhora tem feito de mim seu gato, e a senhora seu moleque, mas isto acabou-se! (*Levanta os braços das duas, que dão um grito*). Acabou-se!... sou pedreiro livre!... Satanaz!...

MARIANNA. — Misericordia!

EUFRAZIA. — Jesus!... (*Tiburcio salta do armario. Jorge deixa o braço de Marianna, e segurando em ambos os de Eufra-*

zia gyra com ella pela sala, gritando: Sou pedreiro livre! O diabo é meu compadre! *Tiburcio faz com Marianna tudo quanto vê Jorge fazer. As duas gritam aterrorizadas. Jorge larga Eufrazia que corre para dentro. Tiburcio, que n'essa occasião está do lado esquerdo da scena, larga tambem Marianna, que atravessa a scena para acompanhar Eufrzia; encontra-se no caminho com Jorge, que lhe faz um careta e a obriga a fazer um rodeio para sahir. Os dois desatam a rir*).

Jorge. — Bem diz o ditado, que se ri com gosto quem se ri por ultimo. Luiza! Luiza! (*Para Tiburcio*). Um abraço! que achado!...

SCENA XXII

Jorge. — Vem cá. (*Conduzindo-a a Tiburcio*). Eis aqui a paga do serviço que acaba de fazer-me. Sejam felizes se o puderem, que eu de hoje em diante, se não fôr feliz, hei de ao menos ser senhor em minha casa. (*Aqui entram, correndo, Marianna e Eufrazia, como querendo fugir de casa. Marianna trará a mantilha na cabeça, e uma trouxa de roupa debaixo do braço; o mesmo trará Eufrazia.*)

Jorge, *vendo-as*. — Péga n'ellas! (*Jorge diz estas palavras logo que as vê; corre de encontro a ellas, e fica por conseguinte junto á porta que dá para o interior, quando ellas já estão quasi junto á porta da rua. Apparece na porta um irmão das almas*).

Irmão. — Esmolas para missas das almas! (*As duas quasi que esbarram, na carreira que levam, contra o irmão. Dão um grito, e voltam correndo para sahir por onde entraram; mas ahi, encontrando Jorge, que lhes fecha a sahida, atravessam a scena, esbarrando-se do outro lado com Tiburcio. Largam as trouxas no chão, e cáem de joelhos a tremer.*)

Eufrazia. — Estamos cercadas!...

Marianna. — Meus senhorezinhos, não nos levem para o inferno!

Jorge. — Descancem, que para lá irão sem que ninguem as leve...

Amas. — Piedade! piedade!...

Jorge. — Bravo, sou senhor em minha casa!... E eu que pensava que era mais difficil governar mulheres!... (*Marianna e Eufrazia cosncrvam-se de joelhos, no meio de Jorge, Tiburcio e Luiza, que riem ás gargalhadas até baixar o panno*).

Irmão, *emquanto elles riem, e desce o panno.* — Esmola para missas das almas!... (*Cáe o panno*).

O NOVIÇO

COMEDIA EM TRES ACTOS

PERSONAGENS

AMBROSIO.
FLORENCIA, sua mulher.
EMILIA, sua filha.
JUCA (9 annos), seu filho.
ROSA, provinciana, primeira mulher de Ambrosio.
CARLOS, noviço da Ordem de S. Bento.
PADRE-MESTRE DOS NOVIÇOS.
JORGE.
JOSE', criado.
1 MEIRINHO, que falla.
2 DITOS, que não fallam.

Soldados de Permanentes, etc.

ACTO PRIMEIRO

Sala ricamente adornada; mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flôres, cortinas, etc., Ao fundo, porta de sahida, uma janella, etc.

SCENA I

AMBROSIO *só, de calça preta e chambre.*

AMBROSIO. — No mundo a fortuna é para quem sabe adquiril-a. Pintam-na cega... que simplicidade!... cego é aquelle que não tem intelligencia para tel-a e alcançal-a. Todo o homem póde ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinacia, são poderosos auxiliares. Qual o homem, que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer? Em mim se vê o exemplo. Ha oito annos era eu pobre e miseravel, e hoje sou rico, e mais ainda serei... o

como não importa; no bom resultado está o merito... mas um dia póde tudo mudar. Oh! que temo eu?... Se em algum tempo tiver de responder pelos meus actos, o ouro justificar-me-ha, e serei limpo de culpa... As leis criminaes fizeram-se para os pobres.

SCENA II

AMBROSIO e FLORENCIA, *que entra vestida de preto, como quem vae á festa.*

FLORENCIA, *entrando.* — Ainda despido, senhor Ambrosio?

AMBROSIO. — E' cedo. (*Vendo o relogio.*) São nove horas, e o officio de Ramos principia ás dez e meia.

FLORENCIA. — E' preciso ir mais cedo para tomarmos logar.

AMBROSIO. — Para tudo ha tempo. Ora dize-me, minha bella Florencia...

FLORENCIA. — O que, meu Ambrosinho?

AMBROSIO. — Que pensa tua filha do nosso projecto?

FLORENCIA. — O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu, e basta, e é seu dever obedecer.

AMBROSIO. — Assim é; estimo que tenhas caracter energico

FLORENCIA. — Energia tenho eu.

AMBROSIO. — E attractivos, feiticeira.

FLORENCIA. — Ai, amorzinho! (*A' parte*). Que marido!...

AMBROSIO. — Escuta-me, Florencia, e dá-me attenção; crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

FLORENCIA. — Toda eu sou attenção.

AMBROSIO. — Dous filhos te ficaram do teu primeiro matrimonio; teu marido foi um digno homem, e de muito juizo; deixou-te herdeira de avultado cabedal... grande merito é esse.

FLORENCIA. — Pobre homem!

AMBROSIO. — Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia que eras viuva rica. (*A' parte*). Se o sabia! (*Alto*). Amei-te por sympathia.

FLORENCIA. — Sei disso, vidinha.

AMBROSIO. — E não foi o interesse que me obrigou a casar-me comtigo.

FLORENCIA. — Foi o amor que nos uniu.

AMBROSIO. — Foi, foi; mas agora, que me acho casado comtigo, é meu dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.

FLORENCIA, *á parte.* — Que marido!

AMBROSIO, *á parte.* — Que tola! (*Alto.*) Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel prazer; mas daqui em diante talvez assim não seja.

FLORENCIA. — E porque?

AMBROSIO. — Tua filha está moça, e em estado de casar-se... casar-se-ha, e terás um genro que exigirá a legitima de sua mulher, e desse dia principiarão as amofinações para ti, e interminaveis demandas; bem sabes que ainda não fizeste inventario.

FLORENCIA. — Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBROSIO. — Teu filho tambem vae a crescer todos os dias, e será preciso por fim dar-lhe a sua legitima... novas demandas.

FLORENCIA. — Não quero demandas!

AMBROSIO. — E' o que eu tambem digo; mas como prevenil-as?

FLORENCIA. — Faze o que entenderes, meu amorzinho.

AMBROSIO. — Eu já te disse ha mais de tres mezes o que era preciso fazermos para atalhar esse mal: amas a tua filha, o que é muito natural; mas amas ainda mais a ti mesma...

FLORENCIA. — O que tambem é muito natural.

AMBROSIO. — Que duvida!... Eu julgo que pódes conciliar esses dous pontos, fazendo Emilia professar em um convento... Sim, que seja freira; não terás nesse caso de dar legitima alguma, apenas um insignificante dote, e farás acção meritoria.

FLORENCIA. — Coitadinha! Sempre tenho pena della; o convento é tão triste!...

AMBROSIO. — E' essa compaixão mal entendida... Que é este mundo?... um pelago de enganos e traições... um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... E que é o convento?... porto de salvação e ventura, asylo da virtude, unico abrigo da innocencia e verdadeira felicidade... E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORENCIA. — Não, por certo...

AMBROSIO. — A mocidade é inexperiente... não sabe o que lhe convem. Tua filha lamentar-se-ha, chorará desesperada; não importa... obriga-a, e dá tempo ao tempo... Depois que estiver no convento e se acalmar esse primeiro fogo, abençoará o teu nome, e junto ao altar, no extasi de sua tranquillidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. (*A parte.*) E a legitima ficará em casa.

FLORENCIA. — Tens razão, meu Ambrosinho, ella será freira.

AMBROSIO. — A respeito de teu filho direi o mesmo... tem elle nove annos, e será prudente criarmol-o desde já para frade.

FLORENCIA. — Já hontem lhe comprei o habito com que andará vestido daqui em diante.

AMBROSIO. — Assim não estranhará quando chegar á edade de entrar no convento... será um frade feliz. (*A' parte.*) E a legitima tambem ficará em casa.

FLORENCIA. — Que sacrificios não farei eu para ventura de meus filhos!

SCENA III

AMBROSIO, FLORENCIA, JUCA

Entra Juca vestido de frade, com chapéo desabado, tocando um assobio.

FLORENCIA. — Anda cá, filhinho... como estás galante com este habito!

AMBROSIO. — Juquinha, gostas desta roupa?...

JUCA. — Não, não me deixa correr; é preciso levantar assim. (*Arregaça o habito.*)

AMBROSIO. — Logo te acostumarás.

FLORENCIA. — Filhinho, has de ser um fradinho muito bonito!

JUCA, *chorando.* — Não quero ser frade!...

FLORENCIA. — Então que é isso?

JUCA. — Hi, hi, hi! não quero ser frade!

FLORENCIA. — Menino!...

AMBROSIO. — Pois não te darei o carrinho que te prometti, todo bordado de prata, com cavallos de ouro!

JUCA, *rindo-se.* — Onde está o carrinho?

AMBROSIO. — Já o encommendei... é coisa muito bonita; os arreios todos enfeitados de fitas e velludo.

JUCA. — Os cavallos são de ouro?

AMBROSIO. — Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA. — E andam sósinhos?...

AMBROSIO. — Se andam! de marcha e passo.

JUCA. — Andam, mamãe?...

FLORENCIA. — Correm, filhinho!

JUCA, *saltando de contente.* — Como é bonito... e o carrinho

tem rodas?... capim para os cavallos?... uma moça bem enfeitada?

AMBROSIO. — Não lhe falta nada.

JUCA. — E quando vem?

AMBROSIO. — Assim que estiver prompto.

JUCA, *saltando e cantando.* — Eu quero ser frade, eu quero ser frade!

AMBROSIO, *para Florencia.* — Assim o iremos acostumando...

FLORENCIA. — Coitadinho! é preciso comprar-lhe o carrinho.

AMBROSIO, *rindo-se.* — Com cavallos de ouro?

FLORENCIA. — Não!...

AMBROSIO. — Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

JUCA, *saltando pela sala.* — Eu quero ser frade!...

FLORENCIA. — Está bom, Juquinha, serás frade; mas não grites tanto... vae lá para dentro...

JUCA, *sae cantando.* — Eu quero ser frade, etc.

FLORENCIA. — Estas crianças...

AMBROSIO. — Este levaremos com facilidade... de pequenino se torce o pepino... cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

FLORENCIA. — Já vae para seis mezes que elle entrou como noviço no convento.

AMBROSIO. — E queira Deus que decorra o anno inteiro para professar, que só assim ficaremos tranquillos.

FLORENCIA. — E se fugir do convento?

AMBROSIO. — Lá isso não temo eu... está bem recommendado. E' preciso empregarmos toda a nossa autoridade para obrigal-o a professar... o motivo bem o sabes.

FLORENCIA. — Mas olha que Carlos é da pelle, é endiabrado.

AMBROSIO. — Outros tenho eu domado... Vão sendo horas de sahirmos; vou-me vestir. (*Sáe pela esquerda*).

SCENA IV

FLORENCIA, *só.*

Se não fosse este homem com quem me casei segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. E' uma bella pessoa... rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-hia cincoenta.

SCENA V

FLORENCIA e EMILIA, *que entra vestida de preto, como querendo atravessar a sala.*

FLORENCIA. — Emilia? vem cá!...

EMILIA. — Senhora...

FLORENCIA. — Chega aqui... O' menina... não deixarás este ar triste e lacrimoso com que andas?...

EMILIA. — Minha mãe, eu não estou triste. (*Limpa os olhos com o lenço.*)

FLORENCIA. — Ahi tem!... não digo?... a chorar!... de que choras?...

EMILIA. — De nada, não, senhora...

FLORENCIA. — Ora isto é insupportavel! mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha, e como agradece esta?... arrepelando-se e chorando!... Ora sejam lá mãe... e tenham filhos desobedientes...

EMILIA. — Não sou desobediente... far-lhe-hei a vontade, mas não posso deixar de chorar e sentir. (*Apparece á porta, por onde sahiu, Ambrosio em mangas de camisa, para observar.*)

FLORENCIA. — E por que tanto chora a menina?... porque?...

EMILIA. — Minha mãe.

FLORENCIA. — Que tem de mau a vida de freira?

EMILIA. — Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ella.

FLORENCIA. — Inclinação! inclinação! que quer dizer inclinação?... Terás sem duvida por algum francelho, frequentador de bailes e passeios, jogador do écarté e dansador de polkas? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas... Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convém: serás freira...

EMILIA. — Serei freira, minha mãe, serei!... assim como estou certa que hei de ser desgraçada...

FLORENCIA. — Historias!... sabes tu o que é mundo? o mundo é... é... (*A' parte.*) Já não me recordo o que me disse Ambrosio que era o mundo. (*Alto.*) O mundo é... um... é... (*A' parte.*) E esta? (*Vendo Ambrosio junto da porta.*) Ah! Ambrosio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

AMBROSIO, *adiantando-se.* — O mundo é um pelago de enganos e traições; um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... e o convento é porto de salvação e ven-

tura, unico abrigo da innocencia, e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

Florencia. — Lá em cima no sotão. (*Ambrosio sae pela direita.*)

Florencia, *para Emilia.* — Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não sejas pateta... vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (*Sae pela direita.*)

SCENA VI

EMILIA, *só.*

E' minha mãe, devo-lhe obediencia... mas este homem... meu padrasto, como o detesto!... Estou certa de que foi elle que persuadiu minha mãe que me mettesse no convento... Ser freira? Oh! não!... não!... e Carlos que tanto amo?... pobre Carlos, tambem te perseguem... e porque nos perseguem assim? não sei!... Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe se casou com este homem!... então não pensou ella na felicidade de seus filhos... ai... ai...

SCENA VII

EMILIA e CARLOS, *com habito de noviço; entra assustado e fecha a porta.*

Emilia, *assustando-se.* — Ah! quem é?... Carlos!...

Carlos. — Cala-te...

Emilia. — Meu Deus! que tens? porque estás tão assustado?... que foi?

Carlos. — Onde estão minha tia e o teu padrasto?

Emilia. — Lá em cima; mas que tens?...

Carlos. — Fugi do convento... e ahi vêm elles atraz de mim!

Emilia. — Fugiste?... e por que motivo?...

Carlos. — Porque motivo?... pois faltam motivos para se fugir de um convento!... O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... Vê como tenho esta barriga... vae a sumir-se!... Desde sexta feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena!

EMILIA. — Coitado!

CARLOS. — Hoje, já não podendo, questionei com o D. Abbade... palavras puxam palavras, dize tu, direi eu... e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada que o atirei por esses ares!

EMILIA. — Que fizeste, louco?

CARLOS. — E que culpa tenho eu, se estou com a cabeça esquentada?... para que querem violentar as minhas inclinações?... não nasci para frade, não tenho geito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vae o gosto para ahi... não posso jejuar... tenho pelo menos tres vezes ao dia uma fome de todos os diabos; militar é o que eu quizera ser; para ahi chama-me a inclinação; bordoadas, espadeiradas, ruegas, é que me regalam... esse é o meu genio... gosto do theatro... e de lá ninguem vae ao theatro, á excepção do frei Mauricio, que frequenta a platéa de casaca e cabelleira para esconder a corôa.

EMILIA. — Pobre Carlos! como terás passado estes seis mezes de noviciado!

CARLOS. — Seis mezes de martyrio... não que a vida de frade seja má... boa é ella para quem a sabe gozar e para ella nasceu; mas eu, priminha, eu, que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso.

EMILIA. — E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos imclinação alguma, dizem que o tempo nos acostumará.

CARLOS. — O tempo acostumar!... eis ahi porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates!! Este tem geito para sapateiro; pois vá estudar medicina... excellente medico!... Aquelle tem inclinação para comico; pois não senhor, será politico... Ora ainda isso vá. Est'outro só tem geito para caiador, ou borrador; nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz; seja thesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra... Ess'outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento; no emtanto, vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMILIA. — Tens muita razão, assim é...

CARLOS. — Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas

não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brasil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense n'uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... Que acontece?... em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do homem pensante machina estupida... E assim se gasta uma vida!... E' preciso, é já tempo que alguem olhe para isso... e alguem que possa...

EMILIA. — Quem póde, nem sempre sabe o que se passa entre nós para poder remediar... é preciso fallar...

CARLOS. — O respeito e a modestia prendem muitas linguas; mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte, quanto mais comprimida...

EMILIA. — Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

CARLOS. — A contradicção em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não falle, quando vejo aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar? ali um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro? acolá um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desbocado e insolente é... etc., etc.? Tudo está fóra dos seus eixos!...

EMILIA. — Mas que queres tu que se faça?

CARLOS. — Que não se constranja ninguem; que se estudem os homens, e que haja uma bem entendida e esclarecida protecção; e que sobretudo se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias, e amarra o homem de talento á mangedoura. Eu, que quizera viver com uma espada á cinta e á frente do meu batalhão, conduzil-o ao inimigo atravez da metralha, bradando: — Marcha... (*Manobrando pela sala enthusiasmado*). Camaradas!... Coragem, calar bayonetas! marche, marche! firmeza, avança!... o inimigo fraqueia... (*Seguindo Emilia, que recua espantada*). Avança!

EMILIA. — Primo! primo! que é isso? fique quieto...

CARLOS, *enthusiasmado*. — Avança, bravos companheiros, viva a patria! viva!... e voltar victorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez desta vida de agitação e gloria... hei de ser frade... revestir-me de paciencia e humildade, encommendar defuntos... (*Cantando.*) Requiescat in pace... a porta inferi!... amen!... Que seguirá disto?.. o ser eu pessimo frade, descredito do convento, e vergonha do habito que visto... Falta-me a paciencia!

EMILIA. — Paciencia, Carlos, preciso eu tambem ter, e

muita... Minha mãe declarou-me positivamente que hei de ser freira.

CARLOS. — Tu freira?! tambem te perseguem?

EMILIA. — E meu padrasto ameaça-me.

CARLOS. — Emilia, aos cinco annos estava eu orphão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pae sua testamenteira e minha tutora... Comtigo cresci nesta casa, e a amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... eu te amei, Emilia, e tu tambem me amaste...

EMILIA. — Carlos!

CARLOS. — Viviamos felizes, esperando que um dia nos uniriamos; nesses planos estavamos quando appareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto illudir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, dos seus interesses, e contrahir segundas nupcias.

EMILIA. — Desde então a nossa vida tem sido tormentosa.

CARLOS. — Obrigaram-me a ser noviço, e, não contentes com isso, querem-te fazer freira... Emilia, ha muito tempo que eu observo este teu padrasto, e sabes qual tem sido o resultado das minhas observações?...

EMILIA. — Não.

CARLOS. — Que elle é um rematadissimo velhaco.

EMILIA. — Oh! estás bem certo disso?

CARLOS. — Certissimo! Esta resolução, que tomaram, de fazer-te freira, confirma a minha opinião.

EMILIA. — Explica-te.

CARLOS. — Teu padrasto persuadiu a minha tia que me obrigasse a ser frade, para assim roubar-me impunemente a herança que meu pae me deixou... um frade não põe demandas.

EMILIA. — E' possivel?!

CARLOS. — Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote se te casares...

EMILIA. — Carlos, quem te disse isso?... minha mãe não é capaz...

CARLOS. — Tua mãe vive illudida... Oh! que não possa eu desmascarar esse tratante!

EMILIA. — Falla baixo!...

SCENA VIII

EMILIA, CARLOS e JUCA.

JUCA, *entrando.* — Mana, mamãe pergunta por você.

CARLOS. — De habito?... tambem elle?... ah!...

JUCA, *correndo para Carlos.* — Primo Carlos...

CARLOS, *tomando-o no colo,* — Juquinha!... Então, prima, tenho ou não razão?... ha ou não plano?...

JUCA. — Primo, você tambem é frade?... já lhe deram tambem um carrinho de prata com cavallos de ouro?

CARLOS. — Que dizes?

JUCA. — Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (*Cantando.*) Eu quero ser frade!

CARLOS, *para Emilia.* — Ainda duvidas? vê como enganam esta innocente criança!

JUCA. — Não enganam, não, primo; os cavallos andam sozinhos...

CARLOS, *para Emilia.* — Então?...

EMILIA. — Meu Deus!...

CARLOS. — Deixa o caso por minha conta... hei de fazer uma estrallada de todos os diabos... verão!...

EMILIA. — Prudencia!...

CARLOS. — Deixa-os commigo... Adeus, Juquinha, vae para dentro com tua irmã. (*bota-o no chão.*)

JUCA. — Vamos, mana. (*Sae cantando.*) Eu quero ser frade!... (*Emilia segue-o.*)

SCENA IX

CARLOS, *só.*

Hei de descobrir algum meio; oh! se hei de! Hei de ensinar a este patife que se casou com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos... Que bello padrasto!... Mas por ora tratemos de mim... sem duvida no convento anda tudo em polvorosa... foi boa cabeçada... O D. Abbade deu um salto de trampolim. (*Batem á porta*). Batem? mau!... serão elles?... (*Batem*). Espreitemos pelo buraco da fechadura. (*Vae espreitar.*) E' uma mulher. (*Abre a porta.*)

SCENA X

ROSA e CARLOS.

ROSA. — Dá licença?...

CARLOS. — Entre...

ROSA, *entrando.* — Uma serva de V. Rvm.ª

CARLOS. — Com quem tenho o prazer de fallar?

ROSA. — Eu, Rvm.º senhor, sou uma pobre mulher... Ai, estou muito cançada!

CARLOS. — Pois sente-se, senhora. (*A' parte*). Quem será?

ROSA, *sentando-se.* — Eu chamo-me Rosa; ha uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte.*

CARLOS. — Deixou aquillo por lá tranquillo?

ROSA. — Muito tranquillo, Rvm.º; houve apenas no mez passado vinte e cinco mortes.

CARLOS. — S. Braz! vinte e cinco mortes e chama a isso tranquillidade?

ROSA. — Se V. Rvma. soubesse o que por lá vae, não se admiraria; mas, meu senhor, isto são coisas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguem se importa com isso. V. Rvm.ª é cá de casa?...

CARLOS. — Sim, senhora.

ROSA. — Então é parente do meu homem?

CARLOS. — Do seu homem?

ROSA. — Sim, senhor.

CARLOS. — E quem é o seu homem?

ROSA. — O senhor Ambrosio Nunes.

CARLOS. — O senhor Ambrosio Nunes?!...

ROSA. — Somos casados ha oito annos...

CARLOS. — A senhora é casada com o senhor Ambrosio Nunes, e isto ha oito annos?!...

ROSA. — Sim, senhor.

CARLOS. — Sabe o que está dizendo?!...

ROSA. — Essa é boa!

CARLOS. — Está em seu perfeito juizo?

ROSA. — O Rvm.º offende-me!...

CARLOS. — Com a fortuna, conte-me isso, conte-me! Como se casou?... quando?... como?... em que logar?...

ROSA. — O logar foi na egreja.

CARLOS. — Está visto.

ROSA. — Quando, já disse: ha oito annos.

CARLOS. — Mas onde?

ROSA, *levanta-se.* — Eu digo a V. Rvma. Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze annos, quando lá appareceu, vindo do Maranhão, o senhor Ambrosio, e foi morar na nossa vizinhança... V. Rvm.ª bem sabe o que são vizinhanças... eu via-o todos os dias, elle tambem me via; eu gostei, elle gostou, e nos casámos.

CARLOS. — Isso foi anda mão, fia dedo... e tem documentos que provem o que diz?...

ROSA. — Sim, senhor, trago commigo a certidão do vigario que nos casou, assignada pelas testemunhas... e pedi logo duas por causa das duvidas... podia perder uma.

CARLOS. — Continue...

ROSA. — Vivi dous annos com meu marido muito bem; passado esse tempo, morreu minha mãe... O senhor Ambrosio tomou conta dos nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevidéo afim de empregar o dinheiro em um negocio, no qual, segundo dizia, haviamos de ganhar muito... Vae isto para seis annos; mas desde então, Rvm.º senhor, não soube mais noticias delle.

CARLOS. — Oh!...

ROSA. — Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta; muito chorei... porque pensei que elle havia morrido...

CARLOS. — A historia vae me interessando... continue...

ROSA. — Eu já estava desenganada, quando um sujeito, que foi aqui do Rio, disse-me que meu marido ainda vivia, e que habitava na côrte.

CARLOS. — E nada mais lhe disse?...

ROSA. — V. Rvm.ª vae espantar-se do que eu disser.

CARLOS. — Não me espanto; diga...

ROSA. — O sujeito accrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher...

CARLOS. — Ah! disse-lhe isso?...

ROSA. — E muito chorei eu, Revm.º; mas depois pensei que era impossivel. Pois um homem póde lá casar-se tendo a mulher viva?... não é verdade, Rvm.º?

CARLOS. — A bigamia é um grande crime... o codigo é muito claro.

ROSA. — Mas na duvida tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e, assim que desembarquei, indaguei onde elle morava; ensinaram-me, e venho eu mesma perguntar-lhe que historia é essa de casamento.

CARLOS. — Pobre mulher, Deus se compadeça de ti!

Rosa. — Então é verdade?...

Carlos. — Filha, a resignação é uma grande virtude... Quer fiar-se em mim, seguir os meus conselhos?...

Rosa. — Sim, senhor... mas que tenho eu a temer?... meu marido está com effeito casado?...

Carlos. — Dê-me cá uma das certidões.

Rosa. — Mas...

Carlos. — Fia-se ou não em mim?...

Rosa. — Aqui está. (*Dá-lhe uma das certidões.*)

Ambrosio, *dentro.* — Desçam, desçam, que passam as horas.

Carlos. — Ahi vem elle...

Rosa. — Meu Deus!...

Carlos. — Tomo-a debaixo da minha protecção... Venha cá... entre neste quarto...

Rosa. — Mas, Revm.º...

Carlos. — Entre, entre, senão abandono-a... (*Rosa entra no quarto á esquerda, e Carlos fecha a porta.*)

SCENA XI

CARLOS, *só.*

Que ventura!... ou antes, que patifaria!... Que tal! casado com duas mulheres!... Oh! mas o codigo é muito claro... agora verás como se rouba e se obriga a ser frade...

SCENA XII

O mesmo e AMBROSIO, de casaca, seguido de FLORENCIA e EMILIA, ambas de veu de renda preta sobre a cabeça.

Ambrosio, *entrando.* — Andem, andem!... irra! estas mulheres, a vestirem-se, fazem perder a paciencia!

Florencia, *entrando.* — Estamos promptas.

Ambrosio, *vendo Carlos.* — Oh!... que fazes aqui?...

Carlos, *principia a passear pela sala de um para outro lado.* — Não vê?... estou passeando... divirto-me...

Ambrosio. — Como é lá isso?...

CARLOS, *do mesmo modo.* — Não é de sua conta.

FLORENCIA. — Carlos, que modos são esses ?...

CARLOS. — Que modos são?... são os meus...

EMILIA, *á parte.* — Elle perde-se !

FLORENCIA. — Estás doudo ?

CARLOS. — Doudo estava alguem quando... não me faça fallar...

FLORENCIA. — Hein ?...

AMBROSIO. — Deixe-o commigo. (*A Carlos*) Porque sahiste do convento ?

CARLOS. — Porque quiz... Então não tenho vontade ?

AMBROSIO. — Isso veremos !... já para o convento !...

CARLOS, *rindo-se com força.* — Ah !... ah !... ah !...

AMBROSIO. — Ri-se ?!...

FLORENCIA, *ao mesmo tempo.* — Carlos !

EMILIA. — Primo !

CARLOS. — Ah !... ah !... ah !...

AMBROSIO, *enfurecido.* — Ainda uma vez, obedece-me, ou...

CARLOS. — Que cara !... ah !... ah !... (*Ambrosio corre para cima de Carlos.*)

FLORENCIA, *mettendo-se no meio.* — Ambrosinho !...

AMBROSIO. — Deixe-me ensinar a este mal creado...

CARLOS. — Largue-o, tia, não tenha medo...

EMILIA. — Carlos !...

FLORENCIA. — Sobrinho, que é isso ?...

CARLOS. — Está bom, não se amofinem tanto... voltarei para o convento...

AMBROSIO. — Ah ! já !...

CARLOS. — Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediencia.

AMBROSIO. — E que não fosse !

CARLOS. — Incorreria no seu desagrado ?... forte desgraça !...

FLORENCIA. — Principias ?...

CARLOS. — Não, senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... é meu tio, é... casado com minha tia segunda vez... quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

AMBROSIO, *assustando-se, á parte.* — Que diz elle ?...

CARLOS, *que o observa.* — Não ha duvida !

FLORENCIA, *a Emilia.* — Que tem hoje este rapaz ?

CARLOS. — Não é assim, senhor meu tio, venha cá... faça-me favor... Senhor meu tio. (*Travando-lhe do braço*)

AMBROSIO. — Tira as mãos...

CARLOS. — Ora faça-me favor, senhor meu tio... quero mos-

trar-lhe uma coisa; depois fará o que quizer. (*Levando-o para a porta do quarto.*)

FLORENCIA. — Que é isto?

AMBROSIO. — Deixa-me!...

CARLOS. — Um instante... (*Retendo Ambrosio com uma mão, com a outra empurra a porta, e aponta para dentro dizendo.*) Vê?...

AMBROSIO, *affirmando a vista.* — Oh!... (*Volta para junto de Florencia e de Emilia, e toma-as convulsivamente pelo braço.*) Vamos! vamos, são horas!

FLORENCIA. — Que é?...

AMBROSIO, *forcejando para sahir, e leval-as comsigo.* — Vamos!... vamos!...

FLORENCIA. — Sem chapéu?

AMBROSIO. — Vamos! vamos!... (*Sae, levando-as.*)

CARLOS. — Então, senhor meu tio?... já não quer que eu vá para o convento?... (*Depois que elle sae.*) Senhor meu tio?... (*Vae á porta gritando.*)

SCENA XIII

CARLOS *só, depois* ROSA.

CARLOS, *rindo-se.* — Ah! ah! ah! agora veremos, e me pagarás... e minha tia tambem ha de pagal-o, para não se casar na sua edade... e ser tão assanhada... e o menino que não se contentava com uma...

ROSA, *entrando.* — Então, Rvm.º?

CARLOS. — Então?

ROSA. — Eu vi meu marido um instante, e fugiu... ouvi vozes de mulheres!...

CARLOS. — Ah! ouviu?... muito estimo... e sabe de quem eram essas vozes?...

ROSA. — Eu tremo de adivinhar...

CARLOS. — Pois adivinhe logo de uma assentada... eram da mulher de seu marido.

ROSA. — E' então verdade!... perfido! traidor! Ah! desgraçada!... (*Vae a cahir desmaiada, e Carlos a sustem nos braços.*)

CARLOS. — Desmaiada!... Senhora D. Rosa?... Fil-a bonita!... esta é mesmo de frade... Senhora! torne a si... deixe-

se desses faniquitos, olhe que aqui não ha quem a soccorra... Nada... E esta? O' Juquinha?... Juquinha!... (*Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha, e tocando em outro*).

CARLOS. — Deixa esses assobios sobre a mesa, e vae lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

JUCA. — Mas o que, primo?

CARLOS. — A primeira coisa que encontrares. (*Juca larga o assobio na mesa, e sae correndo.*)

CARLOS. — Isto está muito bonito... um frade com uma moça desmaiada nos braços! Valha-me Santo Antonio, que diriam se assim me vissem? (*Gritando-lhe ao ouvido.*) Olá... Nada!...

JUCA, *entrando montado a cavallo n'um arco de pipa, trazendo um galheteiro.* — Vim a cavallo para chegar mais depressa. Está o que achei...

CARLOS. — Um galheteiro, menino?...

JUCA. — Não achei mais nada...

CARLOS. — Está bom, dá cá o vinagre. (*Toma o vinagre e chega-o nariz de Rosa*). Não serve... está na mesma. Toma... Vejamos se o azeite faz mais effeito... Isto parece-me salada... azeite e vinagre... Ainda está mal temperada; venha a pimenta da India... Agora creio que não falta nada... Peior é essa... a salada ainda não está boa... ai!... que não tem sal... bravo!... está temperada! venha mais sal... agora sim...

ROSA, *tornando a si.* — Onde estou eu?

CARLOS. — Nos meus braços.

ROSA, *afastando-se.* — Ah! Rvm.º!

CARLOS. — Não se assuste. (*Para Juca.*) Vae para dentro. (*Juca sae*).

ROSA. — Agora me recordo... perfido... ingrato!

CARLOS. — Não torne a desmaiar, que já não posso...

ROSA. — Assim enganar-me... Não ha leis... não ha justiça?...

CARLOS. — Ha tudo isso, e de sobra; o que não ha é quem as execute... (*Rumor na rua.*)

ROSA, *assustando-se.* — Ah!...

CARLOS. — Que será isto!... (*Vae á janella.*) Ah! com S. Pedro!... (*A parte.*) O Mestre de Noviços seguido de meirinhos que me procuram... não escapo...

ROSA. — Que é, Rvm.ª?... de que se assusta?...

CARLOS. — Não é nada (*A' parte*). Estou arranjado. (*Chega á janella*). Estão indagando na vizinhança... Que farei?

ROSA. — Mas que é?... que é?...

Carlos, *batendo na testa.* — Oh! só assim! (*A Rosa.*) Sabe o que é isto?...

Rosa. — Diga.

Carlos. — E' um poder de soldados e meirinhos, que vem prendel-a por ordem de seu marido.

Rosa. — Jesus, salve-me... salve-me...

Carlos. — Hei de salval-a... mas faça o que eu lhe disser...

Rosa. — Estou prompta...

Carlos. — Os meirinhos entrarão aqui, e hão de levar por força alguma coisa... esse é o seu costume; o que é preciso é enganal-os.

Rosa. — E como?...

Carlos. — Vestindo a senhora o meu habito, e eu o seu vestido.

Rosa. — Mas...

Carlos. — Ta, ta, ta; ande, deixe-me fazer uma obra de caridade; para isso é que somos frades; entre para este quarto, dispa lá o seu vestido, e mande-m'o, assim como a touca e chale... O' Juca? Juca? (*Empurrando Rosa.* Não se demore. (*Entra Juca*). Juca, acompanha esta senhora, e faze o que ella te mandar; ande, senhora... com mil diabos!... (*Rosa entra no quarto á esquerda, empurrada por Carlos.*)

SCENA XIV

CARLOS, *só.*

Bravo!... esta é de mestre!... (*Chegando á janella.*) Lá estão elles conversando com o vizinho do armarinho... Não tardarão a dar com o rato na ratoeira... mas o rato é esperto, e os logrará... Então?... vem o vestido?

Rosa, *dentro.* — Já vae...

Carlos. — Depressa!... O que me vale é ser o Mestre de Noviços catacego... e trazer oculos... cahirá na esparrella. (*Gritando.*) Vem, ou não?

Juca, *traz o vestido, a touca e o chale.* — Está...

Carlos. — Bom. (*Despe o habito.*) Ora vá, Sr. habito; bem se diz que o habito não faz o monge. (*Dá o habito e o chapéo a

Juca) Toma, leva á moça. (*Juca sae.*) Agora é que são ellas... isto são mangas?... Diabo, por onde se enfia esta geringonça... creio que é por aqui... bravo, acertei... bellissimo... agora a touca... (*Põe a touca.*) Vamos ao chale... Estou guapo, creio que farei a minha parte de mulher excellente. (*Batem na porta.*) São elles. (*Com voz de mulher.*) Quem bate?...

MESTRE, *dentro.* — Um servo de Deus.

CARLOS, *com a mesma voz.* — Póde entrar quem é.

SCENA XV

CARLOS, o MESTRE DE NOVIÇOS e TRES MEIRINHOS.

MESTRE. — Deus esteja nesta casa.

CARLOS. — Humilde serva de V. Rvm.ª.

MESTRE. — Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incommodo que lhe damos... mas o nosso dever...

CARLOS. — Incommodos, Revm.º senhor?...

MESTRE. — V. S. ha de permittir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

CARLOS. — Psiu... caluda...

MESTRE. — Hein?

CARLOS. — Está ali...

MESTRE. — Quem?

CARLOS. — O noviço.

MESTRE. — Ah!

CARLOS. — E' preciso sorprendel-o.

MESTRE. — Estes senhores officiaes de justiça nos ajudarão.

CARLOS. — Muito cuidado... este meu sobrinho dá-me um trabalho...

MESTRE. — Ah! a senhora é sua tia?...

CARLOS. — Uma sua criada.

MESTRE. — Tenho muita satisfação...

CARLOS. — Não percamos tempo... fiquem os senhores aqui do lado da porta muito calados... eu chamarei o sobrinho; assim que elle sahir, não lhe dêem tempo de fugir; lancem-se de improviso sobre elle, e levem-no á força...

MESTRE. — Muito bem.

CARLOS. — Diga o que disser, grite como gritar, não façam caso... arrastem-no...

Mestre. — Vamos a isso...

Carlos. — Fiquem aqui. (*Colloca-os junto á porta da esquerda*). Attenção. (*Chamando para dentro*). Psiu!... psiu!... Saia cá para fóra... devagarinho...

SCENA XVI

Os mesmos e ROSA, *vestida de frade, de chapéu na cabeça*

Rosa, *entrando*. — Já se foram? (*Assim que ella apparece, o Mestre e os meirinhos lançam-se sobre ella, e procuram carregal-a fóra*).

Mestre. — Está preso!... ha de ir... E' inutil resistir... assim não se foge...

Rosa, *lutando sempre*. — Ai! ai! acudam-me!... deixem-me! quem me soccorre?

Carlos. — Levem-no... Levem-no... (*Algazarra de vozes, todos fallam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para augmentar o ruido, toma um assobio que está sobre a mesa, e toca; Juca tambem entra nessa occasião, etc.*)

ACTO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro acto.

SCENA I

CARLOS *ainda vestido de mulher, está sentado, e* JUCA *á janella.*

Carlos. — Juca, toma sentido; assim que avistares teu padrasto lá no fim da rua, avisa-me.

Juca. — Sim, primo...

Carlos. — No que dará tudo isso?... qual será a sorte de minha tia?... que lição!... desanda tudo em muita pancadaria... E a outra que foi para o convento!... Ah! ah! ah! agora é que me lembro dessa... Que confusão entre os frades quando

ella se der a conhecer! (*Levantando-se.*) Ah! ah! ah! Parece que estou vendo o D. Abbade horrorisado; o Mestre de Noviços limpando os oculos de bocca aberta; frei Mauricio, o folgasão, a rir-se ás gargalhadas; frei Sinfronio, o austero, levantando os olhos para o céo abysmado; e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah! que festa perco eu! emquanto eu lá estive ninguem se lembrou de dar-me semelhante divertimento... Estupidos... Mas o fim de tudo isto? o fim?...

JUCA, *da janella.* — Primo, ahi vem elle...

CARLOS. — Já?... (*Chega á janella.*) E' verdade, e com que pressa! (*Para Juca.*) Vae tu para dentro. (*Juca sae.*) E eu ainda deste modo, com este vestido... se eu sei o que hei de fazer... Sobe a escada... Dê no que der... (*Entra no quarto onde esteve Rosa.*)

SCENA II

AMBROSIO, *só.*

Ambrosio mostra no semblante alguma agitação.

Lá as deixei no Carmo, entretidas com o officio. Não darão falta de mim... E' preciso, e quanto antes, que eu falle com esta mulher... é ella, não ha duvida... Mas como soube que eu aqui estava?... quem lhe disse?... quem a trouxe?... foi o diabo para a minha perdição... Em um momento póde tudo mudar... não se perca tempo... (*Chega á porta do quarto.*) Senhora, queira ter a bondade de sahir cá para fóra...

SCENA III

AMBROSIO e CARLOS

Entra Carlos cobrindo o rosto com um lenço. Ambrosio encaminha-se para o meio da sala sem olhar para elle, e assim lhe falla.

AMBROSIO. — Senhora, muito bem conheço as suas intenções, porém previno-a que muito se enganou.

CARLOS, *suspirando.* — Ai, ai!

AMBROSIO. — Ha seis annos que a deixei; tive para isso motivos muito poderosos.

CARLOS, *á parte.* — Que tratante!...

AMBROSIO. — E o meu silencio, depois desse tempo, devia tel-a feito conhecer que nada mais existe de commum entre nós...

CARLOS, *fingindo que chora.* — Hi, hi, hi!

AMBROSIO. — O pranto não me commove... jámais poderemos viver juntos... fomos casados, é verdade... mas que importa?

CARLOS, *no mesmo.* — Hi, hi, hi!

AMBROSIO. — Estou resolvido a viver separado da senhora.

CARLOS, *á parte.* — E eu tambem.

AMBROSIO. — E para esse fim empregarei todos os meios... todos... entende?... (*Carlos cae de joelhos aos pés de Ambrosio, e agarra-se ás pernas delle, chorando.*)

CARLOS. — Não valem supplicas... hoje mesmo deixará esta cidade!... senão serei capaz de um grande crime!... o sangue não me aterra... e ai de quem me resiste! Levante-se, e parta. (*Carlos puxa as pernas de Ambrosio, dá com elle no chão, e levanta-se rindo-se.*)

AMBROSIO. — Ai!!...

CARLOS. — Ah! ah! ah!...

AMBROSIO, *levanta-se muito de vagar, olhando meio admirado para Carlos, que se ri.* — Carlos!... Carlos!...

CARLOS. — Senhor meu tio; ah! ah! ah!

AMBROSIO. — Mas então que é isto?...

CARLOS. — Ah! ah! ah!...

AMBROSIO. — Como te achas aqui assim vestido?...

CARLOS. — Este vestido, senhor meu tio, ah! ah!...

AMBROSIO. — Maroto!...

CARLOS. — Tenha-se lá... Olhe que eu chamo por ella.

AMBROSIO. — Ella quem, brejeiro?...

CARLOS. — Sua primeira mulher...

AMBROSIO. — Minha primeira mulher... é falso!

CARLOS. — E' falso?

AMBROSIO. — E'...

CARLOS. — E será tambem falsa esta certidão do vigario da freguezia de (*Olhando para a certidão.*) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se (*Lendo.*) em santo matrimonio, á face da egreja, com D. Rosa Escolastica, filha de Antonio Lemos, etc., etc. Sendo testemunha, etc.

AMBROSIO. — Dá-me esse papel!

CARLOS. — Devagar!

AMBROSIO. — Dá-me esse papel!...

CARLOS. — Ah! o senhor meu tio encrespa-se... olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abbade.

AMBROSIO. — Onde está ella?...

CARLOS. — Em logar que apparecerá quando eu ordenar.

AMBROSIO. — Ainda está naquelle quarto, não teve tempo de sahir...

CARLOS. — Pois vá ver... (*Ambrosio sae apressado.*)

SCENA IV

CARLOS, *só.*

Procure bem!... Deixa estar, meu espertalhão, que agora te hei de eu apertar a corda na garganta... estás em meu poder... querias roubar-nos... (*Gritando.*) Procure bem, talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho... Então?... não acha?...

SCENA V

CARLOS e AMBROSIO.

AMBROSIO, *entrando.* — Estou perdido!...

CARLOS. — Não achou!

AMBROSIO. — Que será de mim?...

CARLOS. — Talvez se escondesse n'algum buraquinho de rato.

AMBROSIO, *cahindo sentado.* — Estou perdido!... perdido!... Em um momento tudo se transformou!... perdido para sempre!...

CARLOS. — Ainda não, porque eu posso salval-o.

AMBROSIO. — Tu?

CARLOS. — Eu, sim...

AMBROSIO. — Carlinho!...

CARLOS. — Já?...

AMBROSIO. — Carlinho!...

CARLOS. — Ora vejam como está terno...

AMBROSIO. — Por tua vida, salva-me!...

CARLOS. — Salval-o-hei, mas debaixo de certas condições.

AMBROSIO. — E quaes são ellas?...

CARLOS. — Nem eu, nem o primo Juca queremos ser frades.

AMBROSIO. — Não serão...

CARLOS. — Quero casar-me com minha prima.

AMBROSIO. — Casarás.

CARLOS. — Quero a minha legitima.

AMBROSIO. — Terás a tua legitima.

CARLOS. — Muito bem.

AMBROSIO. — E tu me promettes que nada dirás á tua tia do que sabes?

CARLOS. — Quanto a isso póde estar certo... (*A' parte*). Veremos.

AMBROSIO. — Agora dize-me onde ella está?...

CARLOS. — Não posso, o segredo não é meu...

AMBROSIO. — Mas dá-me a tua palavra de honra que ella sahiu desta casa?

CARLOS. — Já sahiu... palavra de mulher honrada.

AMBROSIO. — E que nunca mais voltará?...

CARLOS. — Nunca mais... (*A' parte.*) Isto é, se quizerem ficar com ella lá no convento em meu logar.

AMBROSIO. — Agora dá-me esse papel...

CARLOS. — Espere lá... o negocio não vae assim; primeiro hão de cumprir-se as condições...

AMBROSIO. — Carlinho, dá-me esse papel...

CARLOS. — Não póde ser...

AMBROSIO. — Dá-m'o, por quem és!...

CARLOS. — Peior é a séca...

AMBROSIO. — Eis-me a teus pés. (*Ajoelha-se; nesse mesmo tempo apparece á porta Florencia e Emilia, as quaes caminham para elle pé ante pé*).

SCENA VI

OS MESMOS, FLORENCIA E EMILIA.

CARLOS. — Isso é teima... levante-se...

AMBROSIO. — Não me levantarei... em quanto m'o não deres... para que o queres tu... farei tudo quanto quizeres... nada me custará para servir-te... Minha mulher fará tudo quanto ordenares... dispõe della.

FLORENCIA. — A senhora póde dispôr de mim! pois não!...

AMBROSIO. — Ah!... (*Levanta-se espavorido.*)

CARLOS. *á parte.* — Temol-a...

FLORENCIA, *para Ambrosio.* — Que patifaria é essa? em minha casa, e ás minhas barbas, aos pés de uma mulher!... muito bem!...

AMBROSIO. — Florencia!...

FLORENCIA. — Um dardo que te parta! (*Voltando-se para Carlos.*) E quem é a senhora?...

CARLOS, *com a cara baixa.* — Sou uma desgraçada!...

FLORENCIA. — Ah! é uma desgraçada... seduzindo um homem casado!... não sabe que... (*Carlos, que encara com ella, que rapidamente tem suspendido a palavra, e como assombrada, principia a olhar para elle, que se ri.*)

FLORENCIA. — Carlos!... meu sobrinho!!...

EMILIA. — O primo!...

CARLOS. — Sim, tiazinha; sim, priminha!...

FLORENCIA. — Que mascarada é esta?...

CARLOS. — E' uma comedia que ensaiavamos para sabbado de Alleluia.

FLORENCIA. — Uma comedia?!...

AMBROSIO. — Sim, era uma comedia... um divertimento... uma surpresa... Eu e o sobrinho arranjavamos isso... bagatella... não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o officio até o fim?... quem prégou?...

FLORENCIA, *á parte.* — Isto não é natural!... aqui ha coisa...

AMBROSIO. — A nossa comedia era mesmo sobre isso...

FLORENCIA. — Que está o senhor a dizer?...

CARLOS, *á parte.* — Perde a cabeça. (*Para Florencia.*) Tia, basta que saiba que era uma comedia... e antes de principiar o ensaio... o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade; não é verdade, tio?...

AMBROSIO. — E' verdade! O rapaz não tem inclinação, e para que obrigal-o?... seria crueldade...

FLORENCIA. — Ah!...

CARLOS. — E que a prima não seria tambem freira, e que se casaria commigo...

FLORENCIA. — E' verdade, senhor Ambrosio?...

AMBROSIO. — Sim, para que constranger estas duas almas? Nasceram um para o outro... amam-se... é tão bonito ver um tão lindo par...

Florencia. — Mas, senhor Ambrosio, e o mundo, que o senhor dizia que era um pelago... um sorvedouro... e não sei o que mais...

Ambrosio. — Oh! então eu não sabia que estes dous pombinhos se amavam; mas agora, que o sei, seria horrivel barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher, que leva dentro do peito uma paixão como sentem estes dous innocentes... torna-se o convento abysmo incommensuravel de acerbos males, fonte perenne de horrisonas desgraças... perdição do corpo e da alma; e o mundo, se n'elle ficassem, jardim ameno... suave encanto da vida... tranquilla paz da innocencia... paraiso terrestre... E assim sendo, mulher, quererias tu que sacrificasse tua filha, e teu sobrinho...

Florencia. — Oh! não, não...

Carlos, *á parte.* — Que grande patife!...

Ambrosio. — Tua filha, que faz parte de ti?...

Florencia. — Não fallemos mais nisso... o que fizeste está muito bem feito...

Carlos. — E, em reconhecimento de tanta bondade, faço cessão de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio, e aqui lhe dou a escriptura. (*Dá-lhe a certidão de Rosa.*)

Ambrosio, *saltando para tomar a certidão.* — Caro sobrinho! (*Abraça-o.*) E eu para mostrar o meu desinteresse rasgo esta escriptura. (*Rasga, e á parte.*) Respiro!...

Florencia. — Homem generoso!... (*Abraça-o.*)

Ambrosio, *abraçando-a e á parte.* — Mulher toleirona!

Carlos, *abraçando Emilia.* — Isto vae de roda...

Emilia. — Primo!...

Carlos. — Priminha, seremos felizes!...

Florencia. — Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo!... Meus caros filhos, aprendei commigo a guiar-vos com prudencia na vida... dous annos estive viuva, e não me faltaram pretendentes... Viuva rica!... Ah! são vinte cães a um osso... Mas eu tive juizo e criterio; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero; o meu coração fallou por este homem honrado e probo.

Carlos. — Acertadissima escolha!...

Florencia. — Chega-te para cá, Ambrosinho; não te envergonhes... mereces os elogios que te faço...

Ambrosio, *á parte.* — Estou em brazas!...

Carlos. — Não se envergonhe, tio!... Os elogios são merecidos... (*A' parte*). Está em talas.

FLORENCIA. — Ouves o que diz o sobrinho?... Tens modestia?... E' mais uma qualidade... Como sou feliz!...

AMBROSIO. — Acabemos com isto... os elogios assim á queima roupa perturbam-me.

FLORENCIA. — Se os mereces...

AMBROSIO. — Embora!...

CARLOS. — Oh! o tio merece!... pois não!... Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrosio em toda a sua vida só tem amado a tia?...

AMBROSIO. — De certo. (*A' parte*). Quer fazer-me alguma!

FLORENCIA. — Ai, vida da minh'alma!

AMBROSIO, *á parte.* — O patife é muito capaz...

CARLOS. — Mas nós, os homens, somos tão falsos... assim dizem as mulheres... que não admira o tio...

AMBROSIO, *interrompendo-o.* — Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS. — E' verdade; tratemos da promessa. (*A' parte.*) Tem medo que se pella...

AMBROSIO. — Irei hoje mesmo ao convento fallar ao D. Abbade, e dir-lhe-hei que temos mudado de resolução a teu respeito... e de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente illuminada, e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada (*Aqui entra pelo fundo o Mestre dos Noviços, seguido dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do theatro.*)

CARLOS. — Emquanto assim praticar, terá em mim um amigo.

EMILIA. — Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão subida mudança, acceito sem reciocinar a felicidade que me propõe: darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo...

CARLOS. — Cara priminha! quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?

MESTRE, *batendo-lhe no hombro.* — Está preso. (*Espanto dos que estão em scena.*)

SCENA VII

OS MESMOS, O MESTRE DE NOVIÇOS E OS MEIRINHOS

CARLOS. — Que é lá isso?... (*Debatendo-se logo que o agarram.*)

MESTRE. — Levem-no!

CARLOS. — Deixem-me!

FLORENCIA. — Reverendissimo, meu sobrinho...

MESTRE. — Paciencia, senhora, levem-no!...

CARLOS, *debatendo-se*, — Larguem-me, com todos os diabos!

EMILIA. — Primo!...

MESTRE. — Arrastem-no!...

AMBROSIO. — Mas, senhor!

MESTRE. — Um instante... para o convento... para o convento...

CARLOS. — Minha tia, tio Ambrosio! (*Sae arrastado.*)

(Emilia cae sentada n'uma cadeira, o Padre Mestre fica em scena.)

SCENA VIII

AMBROSIO, O MESTRE DE NOVIÇOS, FLORENCIA E EMILIA

FLORENCIA. — Mas, senhor, isto é uma violencia!

MESTRE. — Paciencia.

FLORENCIA. — Paciencia?... paciencia?... Creio que tenho tido bastante... Ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso?

AMBROSIO. — Espera, Florencia, ouçamos o reverendissimo; foi sem duvida por ordem do Sr. D. Abbade que, V. Rvm.ª veiu prender nosso sobrinho.

MESTRE. — Não tomára sobre mim tal trabalho, se não fôra por expressa ordem do D. Abbade, a quem devemos todos obediencia.

AMBROSIO. — V. Rvm.ª fez o seu dever... estou disso bem certo...

FLORENCIA. — Mas julgamos necessario declarar a V. Rmv.ª que estamos resolvidos a tirar o nosso sobrinho do convento.

Mestre. — Nada tenho eu com essa resolução... V. S. entender-se-ha a esse respeito com o D. Abbade...

Florencia. — O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

Ambrosio. — E seria uma crueldade violentar-lhe o genio.

Mestre. — O dia em que o senhor Carlos sahir do convento será para mim dia de descanso; ha doze annos que sou mestre de noviços, e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado... Não se passa um só dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço... Os noviços seus companheiros, os irmãos leigos, e os domesticos do convento, temem-no como se teme um touro bravo... Com todos moteja, e a todos espanca...

Florencia. — Foi sempre assim desde pequeno.

Mestre. — E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranquillidade de genio?...

Florencia. — Oh! não foi por meu gosto; meu marido é que me persuadiu...

Ambrosio. *com hypocrisia.* — Julguei assim fazer um serviço agradavel a Deus.

Mestre. — Deus, senhores, não se compraz com sacrificios alheios... Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá por suas obras.

Ambrosio. — *com hypocrisia.* — Pequei, reverendissimo, pequei... humilde, peço perdão...

Mestre. — Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus!

Florencia. — Mil perdões, reverendissimo, pelos incommodos que lhe temos dado...

Mestre. — Incommodos? para elles nascemos nós... passam despercebidos, e de mais ficam de muros para dentro... Mas hoje houve escandalo, e escandalo publico.

Ambrosio. — Escandalo publico?...

Florencia. — Como assim?

Mestre. — O noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abbade, deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra...

Florencia. — Jesus, Maria, José!!!...

Ambrosio. — Que sacrilegio!!...

Mestre. — E fugiu ao merecido castigo... Fui mandado em seu alcance... requisitei força publica, e, aqui chegando, encontrei uma senhora...

Florencia. — Aqui uma senhora.

Mestre. — E que se dizia sua tia...

FLORENCIA. — Ai!...

AMBROSIO. — Era elle mesmo.

MESTRE. — Vá ouvindo como esse moço zombou de seu mestre... Disse-me a tal senhora... pois tal a suppunha eu... Ora facil foi enganar-me... além de ter má vista, tenho muito pouca pratica de senhoras...

AMBROSIO. — Sabemos disso.

MESTRE. — Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquelle quarto.

AMBROSIO. — Naquelle quarto?!...

MESTRE. — Sim, senhor; e ali mandou-nos esperar em silencio... Chamou pelo noviço, e assim que elle sahiu lançamo-nos sobre elle, e á força o arrastámos para o convento.

AMBROSIO, *assustado*. — Mas a quem, senhor, a quem?

MESTRE. — A quem?...

FLORENCIA. — Que trapalhada é essa?...

AMBROSIO. — Depressa!...

MESTRE. — Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abbade, com o noviço prisioneiro, e então... ah!...

AMBROSIO. — Por Deus, mais depressa!

MESTRE. — Ainda córo de vergonha... então conheci que tinha sido vilmente enganado...

AMBROSIO. — Mas quem era o noviço preso?

MESTRE. — Uma mulher vestida de frade!

FLORENCIA. — Uma mulher?!...

AMBROSIO, *á parte*. — E' ella!

MESTRE. — Que vergonha, que escandalo!

AMBROSIO. — Mas onde está essa mulher? para onde foi?... o que disse?... onde está?... responda!...

MESTRE. — Tenha paciencia... Pintar a confusão em que por alguns momentos esteve o convento, é quasi impossivel... O D. Abbade ao conhecer que o noviço preso era mulher, pelos longos cabellos que ao tirar o chapéo lhe cahiram sobre os hombros, deu um grito de horror... Toda a communidade accorreu... e grande foi então a confusão... Um gritava sacrilegio!... profanação!... Outro ria; este interrogava; aquelle respondia ao caso... Em menos de dous segundos a noticia percorreu todo o convento, mas alterada e augmentada... No refeitorio dizia-se que o diabo estava no côro dentro dos canudos do orgão; na cozinha julga-

va-se que o fogo lavrava nos quatro angulos do edificio... Qual pensava que o D. Abbade tinha cahido da torre a baixo... qual que fôra arrebatado para o céo... Os sineiros, correndo para as torres, puxavam como energumenos pelas cordas dos sinos... os porteiros fecharam as portas com horrivel estrondo... os responsos soáram de todos os lados... e a algazarra dos noviços dominava esse ruido infernal causado por uma unica mulher... Oh, mulheres ! !...

Florencia. — Que confusão, meu Deus!

Ambrosio. — Mas essa mulher ? essa mulher ? Que é feito della ?...

Mestre. — Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abbade perguntou-lhe como ella alli se achava vestida com o habito da Ordem.

Ambrosio. — E ella que disse ?

Mestre. — Que tinha sido trahida por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar trocára o seu vestido pelo habito que trazia...

Ambrosio. — E nada mais ?...

Mestre. — Nada mais, e fui encarregado de prender de novo a todo custo o noviço Carlos... e tenho cumprido a minha missão... Que ordenam a este servo de Deus ?...

Ambrosio. — Espere, reverendissimo: essa mulher já sahiu do convento ?...

Mestre. — No convento não se demoram mulheres.

Ambrosio. — Que caminho tomou ? para onde foi ?... que disse ao sahir ?...

Mestre. — Nada sei...

Ambrosio, *á parte.* — O que me espera !

Florencia, *á parte.* — Aqui ha segredo !

Mestre. — As suas determinações ?

Florencia. — Uma serva de V. Rvm.ª

Mestre, *a Florencia.* — Quanto á sahida de seu sobrinho do convento, com o D. Abbade se entenderá...

Florencia. — Nós o procuraremos. (*O Mestre sae, e Florencia acompanha-o até á porta; Ambrosio está como abysmado.*)

SCENA IX

EMILIA, AMBROSIO e FLORENCIA.

EMILIA, *á parte.* — Carlos, Carlos! que será de ti e de mim?

AMBROSIO, *á parte.* — Se ella agora apparece!... Se Florencia desconfia... Estou mettido em boas!... Como evitar... como?... Oh! decididamente estou perdido... se a pudesse encontrar... talvez supplicas, ameaças... quem sabe!... Já não tenho cabeça... que farei?... de uma hora para outra apparece-me ella! (*Florencia bate-lhe no hombro.*) Eil-a... (*Assustando-se.*)

FLORENCIA. — Agora nós. (*A Emilia.*) Menina, vae para dentro. (*Vae-se Emilia.*)

SCENA X

AMBROSIO e FLORENCIA.

AMBROSIO, *á parte.* — Temos trovoada grossa!

FLORENCIA. — Quem era a mulher que estava naquelle quarto?

AMBROSIO. — Não sei...

FLORENCIA. — Senhor Ambrosio, quem era a mulher que estava naquelle quarto?...

AMBROSIO. — Florencia, já te disse, não sei; são coisas de Carlos...

FLORENCIA. — Senhor Ambrosio, quem era a mulher que estava naquelle quarto?...

AMBROSIO. — Como queres que eu t'o diga, Florencinha?...

FLORENCIA. — Ah! não sabe?... pois bem... então explique-me: porque razão se mostrou tão espantado quando Carlos o levou á porta d'aquelle quarto e lhe mostrou quem estava lá?

AMBROSIO. — Pois eu me espantei?

FLORENCIA. — A ponto de levar-me quasi de rastos para a egreja, sem chapéo, lá deixar-me, e voltar para casa apressado.

AMBROSIO. — Qual!... foi por...

FLORENCIA. — Não estude uma mentira; diga depressa.

AMBROSIO. — Pois bem, direi; eu conheço essa mulher.

FLORENCIA. — Ah! e então quem é ella?

AMBROSIO. — Queres saber quem é ella ?... é muito justo... mas ahi é que está o segredo.

FLORENCIA. — Segredos commigo ?

AMBROSIO. — Oh ! comtigo não póde haver segredo... és a minha mulherzinha... (*Quer abraçal-a*)

FLORENCIA. — Tenha-se lá !... quem era a mulher ?...

AMBROSIO, *á parte*. — Não sei que lhe diga !...

FLORENCIA. — Vamos !...

AMBROSIO. — Essa mulher... sim, essa mulher que ha pouco estava naquelle quarto... foi amada por mim !

FLORENCIA. — Por ti ?!...

AMBROSIO. — Mas nota que digo, foi amada; e o que foi já não é...

FLORENCIA. — Seu nome ?...

AMBROSIO. — Seu nome ?... que importa o nome ?... O nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas... nada vale... o individuo é tudo... tratemos do individuo. (*A' parte.*) Não sei como continuar !

FLORENCIA. — Então, e que mais ?

AMBROSIO. — Amei essa mulher; sim, amei; essa mulher foi por mim amada... mas então ainda não te conhecia. Oh ! e quem ousará criminar a um homem por embelezar-se de uma estrella antes de ver a lua ?... quem ? Ella era a estrella, e tu és a lua, sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia, e eu sou teu satellite...

FLORENCIA. — Oh ! não me convence assim...

AMBROSIO, *á parte*. — O diabo que convença a uma mulher... (*Alto.*) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessionario... com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que ponha a outra ?

FLORENCIA. — Ponha lá onde quizer...

AMBROSIO. — Pois bem, com ambas sobre o coração ! Dir-te-hei que só tu és o meu unico amor, as minhas delicias, a minha vida (*A' parte.*), e a minha burra.

FLORENCIA. — Se eu pudesse acreditar...

AMBROSIO. — Não pódes, porque não queres... basta um bocado de boa vontade... Se fiquei aterrorisado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias se a visse...

FLORENCIA. — Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBROSIO. — Amal-a eu?... Ah! desejava que ella estives-

se mais longe de mim do que o cometa que appareceu o anno passado.

FLORENCIA. Oh! meu Deus! se eu pudesse crer!...

AMBROSIO, *á parte.* — Está meio convencida!...

FLORENCIA. — Se eu o pudesse crer!... (*Rosa entra vestida de frade pelo fundo; pára e observa.*)

AMBROSIO, *com animação.* — Estes raios brilhantes e avelludados de teus olhos offuscam o seu olhar acanhado e esgateado... estes negros e finos cabellos varrem da minha idéa as suas emmaranhadas melenas côr de fogo... Esta mãozinha torneada (*Pega-lhe na mão.*) este collo gentil, esta cintura flexivel e delicada... fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que... (*Neste momento dá com os olhos em Rosa; vae recuando pouco a pouco.*)

FLORENCIA. — Que tens?... de que te espantas?...

ROSA, *adiantando-se.* — Senhora, este homem pertence-me!

FLORENCIA. — E quem é V. Rvm.ª?...

ROSA, *tirando o chapéo que faz cahir os cabellos.* — Sua primeira mulher!

FLORENCIA. — Sua primeira mulher?!...

ROSA, *dando-lhe a certidão.* — Leia! (*A Ambrosio.*) Conhece-me, senhor?... Ha seis annos que nos não vemos... E quem diria que assim nos encontrariamós?... Nobre foi o seu proceder... oh! para que não enviou um assassino para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo?!... assim devia ter feito, porque então eu não estaria aqui para vingar-me!... Traidor!...

AMBROSIO, *á parte.* — O melhor é deitar a fugir... (*Corre para o fundo.*)

ROSA. — Não o deixem fugir... (*Apparecem á porta meirinhos, que prendem Ambrosio.*)

MEIRINHO. — Está preso!...

AMBROSIO. — Ai! (*Corre por toda a casa, etc.; em quanto isto se passa, Florencia tem lido a certidão.*)

FLORENCIA. — Desgraçada de mim! estou trahida! quem me soccorre!... (*Vae para sahir, encontra-se com Rosa.*) Ah!... para longe, para longe de mim! (*Recuando.*)

ROSA. — Senhora!... a quem pertencerá elle?...

ACTO TERCEIRO

Quarto em casa de Florencia; mesa, cadeiras, etc., etc.; armario, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal e vela accesa. E' noite.

SCENA I

FLORENCIA, EMILIA e JUCA.

Florencia deitada, Emilia sentada junto della, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.

FLORENCIA. — Meu Deus! meu Deus!... que bulha faz este menino!...

EMILIA. — Maninho, estás fazendo muita bulha a mamãe!

FLORENCIA. — Minha cabeça!... vae correr lá para dentro.

EMILIA. — Anda, vae para dentro... vae para o quintal... (*Juca sae com o carrinho.*)

FLORENCIA. — Parece que me estala a cabeça... são umas martelladas aqui nas fontes... ai... que não posso... morro desta...

EMILIA. — Minha mãe... não diga isso... o seu incommodo passará...

FLORENCIA. — Passará!... morro!... morro!... (*Chorando.*) Hi.

EMILIA. — Minha mãe...

FLORENCIA, *chorando.* — Ser assim trahida!... enganada... Meu Deus!... quem póde resistir?... hi, hi...

EMILIA. — Para que tanto se afflige?... que remedio? ter paciencia e resignação.

FLORENCIA. — Um homem em quem havia posto toda a minha confiança... que eu tanto amava... Emilia, eu o amava muito.

EMILIA, *á parte.* — Coitada!...

FLORENCIA. — Enganar-me deste modo! tão indignamente! casado com outra mulher... Ah! não sei como não arrebento!

EMILIA. — Tranquilise-se, minha mãe.

FLORENCIA. — Que eu suppunha desinteressado... entregar-lhe todos os meus bens... assim illudir-me... que malvado!... Que malvado...

Emilia. — São horas de tomar o remedio... (*Toma uma garrafa de remedio, deita-o em uma chicara e dá a Florencia*).

Florencia. — Como os homens são falsos!... Uma mulher não era capaz de... commetter acção tão indigna... Que é isso?...

Emilia. — O cosimento que o doutor receitou...

Florencia. — Dá cá (*Bebe*) Ora, de que servem esses remedios?... Não fico boa... a ferida é no coração...

Emilia. — Ha de curar-se...

Florencia. — Olha, filha, quando eu vi diante de mim aquella mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento... uma zoada, que ha oito dias me tem pregado nesta cama.

Emilia. — Eu estava no meu quarto quando ouvi gritos na sala... sahi apressada, e no corredor encontrei-me com meu padrasto.

Florencia. — Teu padrasto!...

Emilia. — Que, passando como uma flecha por diante de mim, dirigiu-se para o quintal, e, saltando o muro, desappareceu... corri para a sala...

Florencia. — E ahi me encontraste banhada em lagrimas; ella já tinha sahido, depois de ameaçar-me... ah! mas eu hei de ficar boa para vingar-me!

Emilia. — Sim, é preciso ficar boa para vingar-se.

Florencia. — Hei de ficar; não vale a pena morrer por um traste daquelles...

Emilia. — Que duvida!...

Florencia. — O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já ha mandado de prisão contra elle... Deixa estar; constranger a inclinação de Carlos!

Emilia. — O' minha mãe, tenha pena do primo... o que não terá elle soffrido... coitado!...

Florencia. — Já esta manhã mandei fallar ao D. Abbade por pessoa de consideração... e além disso tenho uma carta que lhe quero remetter, pedindo-lhe que me faça o obsequio de aqui mandar um frade respeitavel para de viva voz tratar commigo este negocio...

Emilia. — Sim, minha boa mãesinha...

Florencia. — Chama José...

Emilia, *chamando*. — José? José?... E a mamãe julga que o primo poderá estar em casa hoje?

Florencia. — E's muito impaciente... Chama José.

Emilia. — José?

SCENA II

AS MESMAS E JOSE'

JOSÉ. — Minha senhora.

FLORENCIA. — José, leva esta carta ao convento, onde está o senhor Carlos, sabes?

JOSÉ. — Sei, minha senhora.

FLORENCIA. — Procura pelo senhor D. Abbade, e lh'a entrega de minha parte...

JOSÉ. — Sim, minha senhora.

EMILIA. — Depressa!... (*Sae José.*)

FLORENCIA. — Ai, ai!

EMILIA. — Tomára vêl-o já...

FLORENCIA. — Emilia, amanhã lembra-me para pagar as soldadas que devemos ao José, e despedil-o do nosso serviço... foi mettido aqui em casa pelo tratante, e só por esse facto já desconfio delle... lé com lé, cré com cré... nada!... póde ser algum espião que tenhamos em casa...

EMILIA. — Elle parece-me bom moço...

FLORENCIA. — Tambem o outro me parecia bom homem... Já não me fio em apparencias.

EMILIA. — Tudo póde ser...

FLORENCIA. — Vae ver aquillo lá por dentro como anda; minhas escravas, pilhando-me de cama, fazem mil diabruras...

EMILIA. — E fica só?...

FLORENCIA. — Agora estou melhor... e, se precisar de alguma coisa, tocarei a campainha. (*Sae Emilia.*)

SCENA III

FLORENCIA, *só.*

Depois que mudei a cama para este quarto, que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... no meu, todos os objectos faziam-me recordar aquelle perfido... Ora, os homens são capazes de tudo... até de ter duas mulheres... e tres e quatro... e duas duzias... Que demonios! Ha oito dias que estou n'esta cama... antes tivesse morrido... e ella, essa mulher infame... onde es-

tará ?... é outra que tal... oh ! mas que culpa tem ella ?... Mais tenho eu, já que fui tão tola ! tão tola, que me casei sem indagar quem elle era... Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas... Patife, agora anda escondido... Ai... estou cansada... (*Deita-se*) mas não escapará da cadeia... seis annos de cadeia... assim me disse o procurador... Ai, minha cabeça !... Se eu pudesse dormir um pouco... ai... ai... as mulheres n'este mundo... estão sujeitas... a... muito... ah !... (*Dorme.*)

SCENA IV

FLORENCIA e CARLOS.

Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o habito roto e sujo.

CARLOS. — Não ha grades que me prendam... nem muros que me retenham... arrombei grades... saltei muros, e eis-me aqui de novo... e lá deixei parte do habito... esfolei os joelhos e as mãos... estou em bello estado... Ora, para que teimam commigo ? por fim, lanço fogo ao convento, e morrem todos os frades assados... e depois queixem-se... Estou no meu antigo quarto... ninguem me viu entrar... Ah !... que cama é esta ?... é da tia... estará... ah !... é ella... e dorme... mudou de quarto?... Que se terá passado n'esta casa ha oito dias ?... Estive preso, incommunicavel, a pão e agua... ah ! frades !... nada sei... Que será feito da primeira mulher do senhor meu tio ?... desse grande patife... onde estará a prima ? Como dorme !... ronca que é um regalo ! (*Batem palmas.*) Batem !... serão elles ?... Não tem duvida... eu acabo por matar um frade...

MESTRE, *dentro.* — Deus esteja n'esta casa...

CARLOS. — E' o Padre Mestre ! Já deram pela minha fugida...

MESTRE, *dentro.* — Dá licença ?

CARLOS. — Não sou eu de certo que t'a hei de dar... Escondamo-nos, mas de modo que ouça o que elle diz... Debaixo da cama. (*Esconde-se.*)

MESTRE, *dentro, batendo com força.* — Dá licença ?...

FLORENCIA, *acordando.* — Quem é ?... quem é ?...

MESTRE, *dentro.* — Um servo de Deus...

FLORENCIA. — Emilia ?... Emilia ?... (*Toca a campainha.*)

SCENA V

FLORENCIA, CARLOS, ESCONDIDO, E EMILIA.

EMILIA. — Minha mãe?

FLORENCIA. — Lá dentro estão todos surdos?... Vae ver quem está na escada batendo. (*Emilia sae pelo fundo.*) Acordei sobresaltada... estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo... e era muito bem enforcado...

SCENA VI

FLORENCIA, CARLOS, ESCONDIDO, EMILIA, O PADRE MESTRE.

EMILIA. — Minha mãe, é o senhor Padre Mestre (*A' parte*) Ave de agouro!

FLORENCIA. — Ah!...

MESTRE. — Desculpe-me, minha senhora!...

FLORENCIA. — O Padre Mestre é que me ha de desculpar, se se assim o recebo. (*Senta-se na cama.*)

MESTRE. — Oh! esteja a seu gosto... já por lá se sabe dos seus incommodos... toda a cidade o sabe; tribulações deste mundo...

FLORENCIA. — Emilia, offerece uma cadeira ao reverendissimo.

MESTRE. — Sem incommodo (*Senta-se*).

FLORENCIA. — O Padre Mestre veiu fallar commigo por mandado do senhor D. Abbade?...

MESTRE. — Não, minha senhora...

FLORENCIA. — Não? pois eu lhe escrevi.

MESTRE. — Aqui venho pelo mesmo motivo que já me trouxe duas vezes.

FLORENCIA. — Como assim?

MESTRE. — Em procura do noviço Carlos... Ah! que rapaz!...

FLORENCIA. — Pois tornou a fugir?

MESTRE. — Se tornou!... é indomavel... foi mettido no carcere a pão e agua.

EMILIA. — Desgraçado!...

MESTRE. — Ah! a menina lastima-o?... Já me não admira que elle faça o que faz.

Florencia. — O Padre Mestre dizia...

Mestre. — Que estava no carcere a pão e agua, mas o endemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua, e poz-se a pannos...

Florencia. — Que doudo!... para onde foi?

Mestre. — Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

Florencia. — Posso afiançar a V. Rvm.ª que por cá ainda não appareceu... (*Carlos bota a cabeça de fóra e puxa pelo vestido de Emilia.*)

Emilia, *assustando-se.* — Ai!

Florencia. — Que é, menina?

Mestre, *levantando-se* — Que foi?...

Emilia, *vendo Carlos.* — Não foi nada, não senhora... um geito que dei no pé...

Florencia. — Tem cuidado... Assente-se, reverendissimo... Mas como lhe dizia: o meu sobrinho cá não appareceu; desde o dia que o Padre Mestre o levou preso, ainda o não vi, não sou capaz de faltar á verdade.

Mestre. — Oh! nem tal supponho... demais V. S., como boa parenta que é... deve contribuir para a sua correcção... esse moço tem revolucionado todo o convento... e é preciso um castigo exemplar...

Florencia. — Tem muita razão!... mas eu já mandei fallar ao senhor D. Abbade, para que meu sobrinho sahisse do convento.

Mestre. — E o D. Abbade está a isso resolvido... nós nos temos empenhado... o senhor Carlos faz-nos loucos... sahirá do convento... porém antes será castigado...

Carlos. — Veremos.

Florencia, *a Emilia.* — Que é?

Emilia. — Nada, não senhora...

Mestre. — Não por elle, que estou certo que não se emendará... mas para exemplo dos que lá ficam; do contrario todo o convento abalava...

Florencia. — Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impôr é tão sómente exemplar, e elle precisa um pouco... dou a minha palavra a V. Rvm.ª que, assim que elle aqui apparecer, mandarei agarral-o, e levar para o convento.

Carlos. — Isto tem mais que se lhe diga...

Mestre, *levantando-se.* — Mil graças, minha senhora.

FLORENCIA. — Isto mesmo terá a bondade de dizer ao senhor D. Abbade, a cujas orações me recommendo.

MESTRE. — Serei fiel cumpridor... dê-me as suas determinações...

FLORENCIA. — Emilia, conduze o Padre Mestre.

MESTRE, *para Emilia.* — Minha menina, muito cuidado com o senhor primo... não se fie nelle... julgo-o capaz de tudo. (*Sae*).

EMILIA, *voltando.* — Vá encommendar defuntos.

SCENA VII

EMILIA, FLORENCIA e CARLOS.

FLORENCIA. — Então que te parece teu primo Carlos? E' a terceira fugida que faz! Isto assim não é bonito...

EMILIA. — E para que o prendem?

FLORENCIA. — Prendem-no porque elle foge.

EMILIA. — E elle foge porque o prendem.

FLORENCIA. — Bello argumento!... é mesmo dessa cabeça. (*Carlos puxa pelo vestido de Emilia.*)

FLORENCIA. — Mas que tens tu?

EMILIA. — Nada, não senhora...

FLORENCIA. — Se elle aqui apparecer hoje, ha de ter paciencia, irá para o convento, ainda que seja amarrado... E' preciso quebrar-lhe o genio... Estás a mexer-te?

EMILIA. — Não, senhora...

FLORENCIA. — Queira Deus que elle se emende... Mas que tens tu, Emilia, tão inquieta?

EMILIA. — São cocegas na sóla dos pés...

FLORENCIA. — Ai! isso são caimbras; bate com o pé, assim está melhor...

EMILIA. — Vae passando.

FLORENCIA. — O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambro... nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas!... bate com o pé!

EMILIA, *afastando-se da cama.* — Não posso estar quieta no mesmo logar. (*A' parte.*) Que louco!...

FLORENCIA. — Estou arrependida de ter escripto. (*Entra José*) Quem vem ahi?

SCENA VIII

Os mesmos e JOSE'

Emilia. — E' o José...

Florencia. — Entregaste a carta?...

José. — Sim, minha senhora... e o senhor D. Abbade mandou commigo um reverendissimo, que ficou na sala á espera.

Florencia. — Fal-o entrar. (*Sae o creado.*) Emilia, vae para dentro; já que um reverendissimo teve o incommodo de cá vir, quero aproveitar a occasião e confessar-me; posso morrer...

Emilia. — Ah!

Florencia. — Anda, vae para dentro, e não te assustes. (*Sae Emilia.*)

SCENA IX

FLORENCIA e CARLOS, escondido.

Florencia. — A ingratidão d'aquelle monstro assassinou-me; bom é ficar tranquilla com a minha consciencia...

SCENA X

Os mesmos, AMBROSIO e JOSE'

Ambrosio, com habito de frade, entra, seguindo José.

José. — Aqui está a senhora.

Ambrosio, *á parte.* — Retira-te e fecha a porta. (*Dá-lhe dinheiro.*)

José, *á parte.* — Que lá se avenham... a paga cá está. (*Sae.*)

SCENA XI

FLORENCIA, AMBROSIO, CARLOS, escondido.

Florencia. — Rvm.ª póde approximar-se; queira assentar-se.

Ambrosio, *fingindo que tosse.* — Um, um, um... (*Carlos espreita debaixo da cama.*)

FLORENCIA. — Escrevi, para que viesse uma pessoa fallar-me, e V. Rvm.ª quiz ter a bondade de vir...

AMBROSIO. — Um, um, um...

CARLOS, *á parte.* — O diabo do frade está endefluxado.

FLORENCIA. — E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso... aqui esteve o Padre Mestre; sobre isso fallámos, está tudo justo, e sem duvida V. Rvm.ª já está informado..

AMBROSIO, *o mesmo.* — Um, um, um...

FLORENCIA. — V. Rvm.ª esta constipado? Talvez o frio da noite..

AMBROSIO, *disfarçando a voz.* — Sim, sim!...

FLORENCIA. — Muito bem.

CARLOS, *á parte.* — Não conheci esta voz no convento...

FLORENCIA. — Mas, para que V. Rvm.ª não perdesse de todo o seu tempo, se quizesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBROSIO. — Ah!... (*Vae fechar as portas.*)

FLORENCIA. — Que faz, senhor? fecha as portas? ninguem nos ouve...

CARLOS, *á parte.* — O frade tem más tenções!...

AMBROSIO, *disfarçando a voz.* — Por cautella.

FLORENCIA. — Assente-se. (*A' parte.*) Não gosto muito d'isto. (*Alto.*) Reverendissimo, antes de principiarmos a confissão, julgo necessario informal-o de que fui casada duas vezes, a primeira com um santo homem, e a segunda com um demonio!...

AMBROSIO. — Um, um, um...

FLORENCIA. — Um homem sem honra e sem fé em Deus; um malvado; casou-se commigo quando ainda tinha mulher viva!... não é verdade, reverendissimo, que esse homem vae direitinho para o inferno?...

AMBROSIO. — Um, um, um...

FLORENCIA. — Oh! mas emquanto não vae para o inferno, ha de pagar nesta vida... ha uma ordem de prisão contra elle... e o malvado não ousa apparecer.

AMBROSIO, *levantando-se e tirando o capuz.* — E quem te disse que elle não ousa apparecer?...

FLORENCIA, *fugindo da cama.* — Ah!

CARLOS, *á parte.* — O senhor meu tio!...

AMBROSIO. — Podes gritar; as portas estão fechadas. Preciso de dinheiro, e muito dinheiro para fugir desta cidade... e dar-m'o-has... senão...

FLORENCIA. — Deixe-me!... eu chamo por soccorro!...

AMBROSIO. — Que me importa!... sou criminoso, serei punido, pois bem... commetterei outro crime que me póde salvar, dar-me-ha tudo quanto possues, dinheiro, joias, tudo!... e desgraçada de ti se não me obedeces!... a morte!...

FLORENCIA, *corre por toda a casa gritando.* — Soccorro, soccorro! ladrão, ladrão, soccorro! (*Escuro.*)

AMBROSIO, *seguindo-a.* — Silencio, silencio, mulher!...

CARLOS. — O caso está serio. (*Vae sahindo debaixo da cama no momento que Florencia atira com a mesa no chão; ouvem-se gritos fóra: — abra, abra.*)

FLORENCIA, *achando-se só, e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se, e cobre-se com uma colcha.* — Ah!

AMBROSIO, *procurando.* — Para onde foi?... nada vejo... batem nas portas... que farei?

CARLOS, *á parte.* — A tia calou-se... e elle aqui está.

AMBROSIO, *encontra-se com Carlos, e agarra-lhe no habito.* — Ah! mulher, estás em meu poder; estas portas não tardarão a ceder; salva-me, ou mato-te.

CARLOS, *dando-lhe uma bofetada.* — Tome lá, senhor meu tio!

AMBROSIO. — Ah!... (*Cae no chão.*)

CARLOS, *á parte.* — Outra vez para a concha. (*Mette-se debaixo da cama.*)

AMBROSIO, *levantando-se.* — Que mão!... Continuam a bater. Onde esconder-me?... que escuro!... deste lado vi um armario... Eil-o. (*Mette-se dentro.*)

SCENA XII

OS MESMOS, JORGE, VIZINHOS, DEPOIS EMILIA.

Entram pelo fundo quatro homens armados, e Jorge trazendo uma vela accesa. Claro.

JORGE, *entrando.* — Vizinha, vizinha, que é que foi... não vejo ninguem. (*Dá com Florencia no canto.*) Quem está aqui?...

FLORENCIA. — Ai... ai...

JORGE. — Vizinha, somos nós...

EMILIA, *dentro.* — Minha mãe, minha mãe. (*Entra.*)

FLORENCIA. — Ah! é o vizinho Jorge... e estes senhores! (*Levanta-se, ajudada por Jorge.*)

EMILIA. — Minha mãe, que foi ?

FLORENCIA. — Filha !...

JORGE. — Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar soccorro, soccorro ! conheci a voz da vizinha, e acudi com estes quatro amigos.

FLORENCIA. — Muito obrigado, vizinho, elle já se foi.

JORGE. — Elle quem ?

FLORENCIA. — O ladrão.

TODOS. — O ladrão !...

FLORENCIA. — Sim, um ladrão, vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.

EMILIA, *a Florencia.* — Minha mãe !

JORGE. — Mas elle não teve tempo de sahir; procuremos.

FLORENCIA. — Espere, vizinho, deixe-me sahir primeiro; se o encontrarem, dêem-lhe uma boa arrochada, e levem-no preso. (*A' parte.*) Ha de me pagar... Vamos, menina.

EMILIA, *para Florencia.* — E' Carlos, minha mãe, é o primo !...

FLORENCIA, *para Emilia.* — Qual o primo, é elle, teu padastro !...

EMILIA. — E' o primo.

FLORENCIA. — E' elle, é elle, vem; procurem-no bem, vizinhos, e pau nelle... anda, anda... (*Sáe com Emilia*).

JORGE. — Amigos, cuidado !... procuremos tudo ! O ladrão ainda não sahiu d'aqui... venham atraz de mim. Assim que elle apparecer, uma boa massada de páo, e depois pés e mãos amarrados, e guarda do thesouro com elle ! Sigam-me... Aqui não está... vejamos atraz do armario (*Vê*): nada... Onde se esconderia ? Talvez debaixo da cama. (*Levantando o roda-pé.*) Oh ! cá está elle ! (*Dão bordoadas.*)

CARLOS, *gritando.* — Ai, ai ! não sou eu ! não sou ladrão ! ai, ai !

JORGE, *dando.* — Salta para fóra, ladrão... salta, (*Carlos sae para fóra gritando.*) Não sou ladrão, sou de casa.

JORGE. — A elle, amigos !...

Perseguem-no com bordoadas por toda a scena; por fim, Carlos mette-se atraz do armario, e atira com elle no chão; depois, sae, correndo pela porta do fundo, perseguido pelos quatro vizinhos.

SCENA XIII

JORGE, SÓ, DEPOIS FLORENCIA E EMILIA, DEPOIS JUCA

JORGE. — Elles que sigam... eu já não posso... O diabo esfolou-me a canella com o armario. (*Batendo na porta.*) O' vizinha, vizinha?...

FLORENCIA, *entrando.* — Então, vizinho?

JORGE. — Estava escondido debaixo da cama.

FLORENCIA. — Não lhe disse?

JORGE. — Demos-lhe uma boa massada de páo, e fugiu por aquella porta; mas os amigos foram-lhe no alcance.

FLORENCIA. — Muito obrigada, vizinho, Deus lhe pague...

JORGE. — Estimo que a vizinha não tivesse maior incommodo.

FLORENCIA. — Obrigada! Deus lhe pague, Deus lhe pague.

JORGE. — Boa noite, vizinha; mande levantar o armario que cahiu.

FLORENCIA. — Sim, senhor... Boa noite. (*Sae Jorge.*)

FLORENCIA. — Pagou-me.

EMILIA, *chorando.* — Então, minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORENCIA. — E continuas a teimar?

EMILIA. — Se eu o vi atraz da cama.

FLORENCIA. — Ai!... peior!... era teu padrasto.

EMILIA. — Se eu o vi!

FLORENCIA. — Se eu lhe fallei!... é boa teima!

JUCA, *entrando.* — Mamãe, aquella mulher de papae quer lhe fallar.

FLORENCIA. — Que quer essa mulher commigo? que quer? (*Resoluta.*) Diga que entre. (*Sae Juca.*)

EMILIA. — A mamãe vae affligir-se, no estado em que está.

FLORENCIA. — Bota aqui duas cadeiras... ella não tem culpa... (*Emilia chega uma cadeira.*)

FLORENCIA, *sentando-se.* — Vejamos o que quer... chega mais esta outra cadeira para aqui... Bem, vae para dentro.

EMILIA. — Mas, se...

FLORENCIA. — Anda, uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter... (*Emilia sae.*)

SCENA XIV

FLORENCIA, ROSA, DEPOIS AMBROSIO.

ROSA. — Dá licença ?...

FLORENCIA. — Póde entrar... queira ter a bondade de sentar-se (*Senta-se.*)

ROSA. — Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinaria.

FLORENCIA. — E desagradavel ao ultimo ponto.

ROSA. — Ambas casadas com o mesmo homem.

FLORENCIA. — E ambas com egual direito.

ROSA. — Perdoe-me, minha senhora; os nossos direitos não são eguaes, sendo eu a primeira mulher...

FLORENCIA. — Oh ! não fallo desse direito, não o contesto; direito de perseguil-o, quero eu dizer.

ROSA. — Nisso estou de accordo...

FLORENCIA. — Fui vilmente atraiçoada.

ROSA. — E eu indignamente insultada.

FLORENCIA. — Atormentei meus filhos.

ROSA. — Contribui para a morte de minha mãe.

FLORENCIA. — Estragou grande parte da minha fortuna.

ROSA. — Roubou-me todos os meus bens.

FLORENCIA. — Oh ! mas hei de vingar-me !

ROSA, *levantando-se.* — Havemos de nos vingar, senhora, e para isso aqui me acho.

FLORENCIA, *levantando-se.* — Explique-se.

ROSA. — Ambas fomos trahidas pelo mesmo homem, ambas servimos de degrau á sua ambição... E por ventura somos d'isso culpadas ?

FLORENCIA. — Não.

ROSA. — Quando lhe dei a minha mão, poderia prever que elle seria um trahidor ? E a senhora, quando lhe deu a sua, que se unia a um infame ?...

FLORENCIA. — Oh ! não !

ROSA. — E nós, suas desgraçadas victimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de nos ligarmos para de commum accordo perseguir o traidor ?

FLORENCIA. — Nem eu, nem a senhora temos culpa do que se tem passado; quizera viver longe da senhora... a sua presença aviva os meus desgostos, porém farei um esforço; acceito o seu offerecimento; unamo-nos e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres, quando se querem vingar...

Rosa. — Eu contava com a senhora.

Florencia. — Agradeço a sua confiança...

Rosa. — Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da côrte, mas tenho paixões violentas e resoluções promptas; aqui trago uma ordem de prisão contra o perfido; mas elle esconde-se; os officiaes de justiça andam á sua procura.

Florencia. — Aqui esteve ha pouco.

Rosa. — Quem ?

Florencia. — O traidor.

Rosa. — Aqui, em sua casa ? e não se assegurou d'elle ?...

Florencia. — E como ?...

Rosa. — Ah ! se eu aqui estivesse...

Florencia. — Fugiu; mas levou uma massada de páo.

Rosa. — E onde estará agora ? onde ?

Anbrosio, *arrebenta uma taboa do armario, e põe a cabeça de fóra.* — Ai, que abafo !...

Florencia e rosa, *assustadas.* — E' elle ! !...

Ambrosio, *com a cabeça de fóra.* — Oh ! diabo ! cá estão ellas!

Florencia. — E' elle ! Como te achas ahi ?

Rosa. — Estava nos espreitando...

Ambrosio. — Qual espreitando ! Tenha a bondade de levantar este armario.

Florencia. — Para que ?

Ambrosio. — Quero sahir... já não posso... abafo, morro !

Rosa. — Ah ! não pódes sahir ? Melhor !

Ambrosio. — Melhor ?

Rosa. — Sim, melhor, porque estás em nosso poder...

Florencia. — Sabes que estavamos ajustando o meio de nos vingarmos de ti, maroto ?...

Rosa. — E tu mesmo te entregaste... mas como ?

Florencia. — Agora já adivinho... bem dizia Emilia: foi Carlos quem levou as bordoadas ! Ah ! patife ! mais essa !

Rosa. — Pagará tudo por junto.

Ambrosio. — Mulheres, vejam lá o que fazem !

Florencia. — Não me mettes medo, grandissimo mariola.

Rosa. — Sabes que papel é este ? é uma ordem de prisão contra ti, que vae ser executada... Foge agora !

Ambrosio. — Minha Rosinha, tira-me d'aqui.

Florencia. — Que é já ?

Ambrosio. — Florencinha, tem compaixão de mim !

Rosa. — Ainda fallas, patife ?

Ambrosio. — Ai, que grito, ai ! ai !

FLORENCIA. — Pódes gritar, espera um bocado. (*Sae.*)

ROSA. — A justiça de Deus te castiga.

AMBROSIO. — Escuta-me, Rosinha, emquanto aquelle diabo está lá dentro; tu és a minha cara mulher, tira-me d'aqui, que eu te prometto...

ROSA. — Promessas tuas? queres que eu acredite nellas? (*Entra Florencia, trazendo um páo de vassoura.*)

AMBROSIO. — Mas eu juro que desta vez...

ROSA. — Juras ? e tu tens fé em Deus para jurares ?

AMBROSIO. — Rosinha de minha vida, olha que...

FLORENCIA, *levanta o páo e dá-lhe na cabeça.* — Toma, maroto!

AMBROSIO, *escondendo a cabeça.* — Ai ...

ROSA, *rindo-se.* — Ah ! Ah ! Ah !...

FLORENCIA. — Ah ! pensavas que o caso havia de ficar assim ?... Anda, bota a cabeça de fóra...

AMBROSIO, *principia a gritar.* — Ai !

ROSA, *procura pela casa um páo.* — Não acho tambem um páo !

FLORENCIA. — Grita, grita, que eu já chorei muito; mas agora hei de arrebentar-te esta cabeça; bota essa cara sem vergonha de fóra !

ROSA, *tira o travesseiro da cama.* — Isto serve!...

FLORENCIA. — Patife ! homem desalmado!

ROSA. — Zombaste, agora pagarás !

AMBROSIO, *botando a cabeça de fóra.* — Ai ! que morro! (*Dão-lhe.*)

ROSA. — Toma lá.

AMBROSIO, *escondendo a cabeça.* — Diabos !

ROSA. — Chegou a nossa vez !

FLORENCIA. — Verás como se vingam duas mulheres !

ROSA. — Trahidas !

FLORENCIA. — Enganadas !

ROSA. — Por um tratante...

FLORENCIA. — Digno da forca !

ROSA. — Anda, bota a cabeça de fóra!

FLORENCIA. — Pensaves que haviamos de chorar sempre ?

AMBROSIO, *bota a cabeça de fóra.* — Já não posso !... (*Dão-lhe*) Ai, que me matam ! (*Esconde-se.*)

ROSA. — E' para teu ensino !...

FLORENCIA, *fazendo signaes a Rosa.* — Está bom... basta, deixal-o; vamos chamar os officiaes de justiça.

ROSA. — Nada ! primeiro hei de lhe arrebentar a cabeça; bota a cabeça de fóra, não queres ?

FLORENCIA, *fazendo signaes.* — Não, minha amiga; por nossas mãos já nos vingámos; agora a justiça.

ROSA. — Pois vamos; um instantinho, meu velho, já voltamos.

FLORENCIA. — Se quizer, póde sahir e passear; podemos sahir, que elle não foge. (*Collocam-se junto do armario, silenciosas.*)

AMBROSIO, *botando a cabeça de fóra.* — As furias já se foram; escangalharam-me a cabeça; se eu pudesse fugir...

FLORENCIA E ROSA, *dando-lhe.* — Toma!

FLORENCIA. — Porque não foges?

ROSA. — Póde muito bem.

AMBROSIO. — Demonios! (*Esconde-se.*)

FLORENCIA. — Só assim teria vontade de rir, ah! ah!

ROSA. — Ha seis annos que me não rio de tão boa vontade.

FLORENCIA. — Então, maridinho?

ROSA. — Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBROSIO, *dentro.* — Demonios! furias, centopeias! diabos!... corujas!... ai, ai (*Gritando sempre.*)

SCENA XV

OS MESMOS E EMILIA.

EMILIA, *entrando.* — Que é?... riem-se!

FLORENCIA. — Vem cá, menina! cem ver como se devem ensinar os homens.

SCENA XVI

OS MESMOS, CARLOS, JORGE, VIZINHOS, MEIRINHOS, DEPOIS O MESTRE DE NOVIÇOS.

Carlos vem preso pelos meirinhos, acompanhado pelos vizinhos e Jorge.

JORGE, *entrando adiante.* — Vizinha, o ladrão foi apanhado!

CARLOS, *entre os meirinhos.* — Tia!

FLORENCIA. — Carlos!

EMILIA. — O primo! (*Ambrosio bota a cabeça de fóra e espia.*)

JORGE. — E o ladrão?...

FLORENCIA. — Vizinho, este é meu sobrinho Carlos.

JORGE. — Seu sobrinho!... pois foi quem levou a coça!

CARLOS. — Ainda cá a sinto.

FLORENCIA. — Coitado! foi um engano, vizinho!

JORGE, *para os meirinhos*. — Podem largal-o.

CARLOS. — Obrigado... Priminha. (*Indo para ella.*)

EMILIA. — Pobre primo!...

FLORENCIA, *para Jorge*. — Nós já sabemos como foi o engano; n'este armario... depois lhe explicarei. (*Ambrosio esconde-se.*)

JORGE, *aos meirinhos*. — Sinto o trabalho que tiveram, e, como não são mais precisos, podem-se retirar...

ROSA. — Queiram ter a bondade de esperar!... Senhores officiaes de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se occulta n'aquelle armario.

TODOS. — N'aquelle armario!

UM MEIRINHO, *que tem lido o mandado*. — O mandado está em fórma.

ROSA. — Tenham a bondade de levantar o armario. (*Os officiaes de justiça e os quatro meirinhos levantam o armario.*)

FLORENCIA. — Abram. (*Ambrosio sae muito pallido depois de abrirem o armario.*)

CARLOS. — O senhor meu tio!

EMILIA. — Meu padastro!

JORGE. — O senhor Ambrosio!

O MEIRINHO. — Está preso!

ROSA. — Levem-no!

FLORENCIA. — Para a cadeia!...

AMBROSIO. — Um momento. Estou preso, vou passar seis annos na cadeia... Exultae, senhoras... Eu me deveria lembrar antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. Que diremos de duas!... reduzem-no ao estado em que me vejo... mas não sahirei daqui sem ao menos vingar-me em alguem! (*Aos meirinhos.*) Senhores, aquelle moço fugiu do convento, depois de assassinar um frade.

CARLOS. — Que é lá isso?... (*O Mestre de Noviços entra pelo fundo.*)

AMBROSIO. — Senhores, denuncio um criminoso!

MEIRINHO. — E' verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...

MESTRE. — Que já de nada vale.

TODOS. — O padre mestre!...

Mestre, *a Carlos*. — Carlos, o D. Abbade julgou mais prudente que lá vão voltasses; aqui tens a permissão, por elle assignada, para sahires do convento.

Carlos, *abraçando-o*. — Meu bom Padre Mestre, este acto reconcilia-me com os frades...

Mestre. — E vós, senhoras, esperae da justiça dos homens o castigo d'este malvado. (*A Carlos e Emilia*.) E vós, meus filhos, sêde felizes, que eu pedirei para todos... (*Ao publico*.) Indulgencia!...

Ambrosio. — Oh! mulheres! mulheres!

O CAIXEIRO DA TAVERNA

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

MANOEL, primeiro caixeiro.
ANGELICA, dona de casa.
DEOLINDA, costureira.
FRANCISCO, official de latoeiro.
QUINTINO, sargento de fuzileiros.
ANTONIO, caixeiro.
JOSE', caixeiro, personagem muda.

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1845

ACTO UNICO

O theatro representa uma sala com portas lateraes e duas ao fundo, pelas quaes se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessarios, tudo distribuido de modo tal que fique bem á vista do espectador, assim como as pessoas de differentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverá algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, á esquerda, uma escrivaninha apropriada ao logar, etc.

SCENA I

Ao levantar do panno, estará MANOEL sentado á escrivaninha, verificando contas.

MANOEL, *continuando a sommar.* — E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 26: somma tudo... 268$320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa á viuva Pereira, por generos comprados na sua taverna durante cinco mezes... Este é bom pagador... dinheiro

seguro. (*Pegando em outra conta*). O major José Felix deve á viuva Pereira, etc., 129$800... Contem com este... dinheiro perdido... é isto! querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... é só mandar um bilhetinho... Sr. Manoel mande-me isto... Sr. Manoel, mande-me aquillo; mas quando chega a occasião de pagar as contas é que são ellas... este não paga, aquelle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... é um inferno!... Ora, deste pobre major tenho eu pena: mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar... a nação que pague... (*Chamando*). Oh! José!... José!...

SCENA II

O MESMO E JOSE'

Entra na sala um menino de doze annos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANOEL. — Toma estas contas... vae cobral-as... os nomes ahi estão... (*Dá-lhe um masso de papeis*). Se algum dos devedores não quizer pagar, dize-lhe que o mandarei pôr no *Jornal do Commercio*... Anda, vae. (*O menino sáe*). E' o que se vê... tudo anda pingando. (*Levantando-se*). E' boa! quem come pague, e quem não póde pagar não coma... Oh! Sr. Antonio! Sr. Antonio!...

ANTONIO, *dentro*. — Senhor?

MANOEL. — Chegue cá.

SCENA III

MANOEL E ANTONIO

MANOEL, *a Antonio, que entra do mesmo modo que José*. — Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao trapiche da Ordem?

ANTONIO. — Já, sim, senhor.

MANOEL. — Pois recolha-a, e logo á noite tempere-a com quatro barris de agua.

ANTONIO. — Sim, senhor.

MANOEL. — Os direitos cada vez estão mais subidos, e, como não podemos encurtar as medidas, augmentamos o liquido... Em que estado estão aquellas pipas de vinho de Lisboa?...

ANTONIO. — Ambas pelo meio.

MANOEL. — Pois acabe de enchel-as com agua fresca, e bote-lhes dentro dous engaços de bananas, e uma porção de pau campeche para dar côr e tom; e, quando o vender, diga aos freguezes que é vinho superior da companhia do Alto-Douro.

ANTONIO. — Sim, senhor.

MANOEL. — E não se esqueça de pendurar á porta este lettreiro. (*Tira de sobre a carteira um rotulo com lettras grandes que digam* — UNICO DEPOSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO). O publico deixa-se levar por estas imposturas... Póde ir... (*Antonio sáe com o rotulo*).

SCENA IV

MANOEL, DEPOIS FRANCISCO

MANOEL. — Estou fatigado!... muito custa dirigir uma venda bem afreguezada como esta... mas, ah! se eu della fosse dono, outro gallo cantaria... Ha seis annos que cheguei do Porto, e ainda sou caixeiro!... Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar... E' verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viuva de meu amo... mas que é isto para mim? para mim, que sou ambicioso?... sim! uma ambição roedora me estraga a alma... dorme e acorda commigo... não me deixa um só instante tranquillo... traz-me em delirio, confunde-me as idéas... ah! quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do reino, linguiças por paios, e cebolas por alhos!... Ambição! horrivel martyrio! quando te verei eu satisfeita? (*Entra Francisco*).

FRANCISCO. — Adeus, Manoel.

MANOEL. — Como estás, Chico?

FRANCISCO. — Vamos remando contra a maré.

MANOEL. — Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO. — Eu? estás enganado... no mundo não se póde ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

Manoel. — Trabalha, e tel-o-has.

Francisco. — Trabalha!... Sou, como bem sabes, official de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um official de funileiro... Olha, Manoel, minha avó dizia que, no tempo dos vice-reis, e mesmo no tempo d'el-rei, qualquer que tivesse um officio ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... agora o caso é outro...

Manoel. — Deixa-te disso.

Francisco. — Ora, dize-me, que póde fazer um pobre funileiro do paiz, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas francezes?... Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei que seria de nós!

Manoel. — Se vocês trabalhassem tão bem como elles!...

Francisco. — E' um engano!... é uma mania!... e todos vão com ella... é obra estrangeira, e basta!... Não se vê por esta cidade senão alfaiates francezes, dentistas americanos, machinistas inglezes, medicos allemães, relojoeiros suissos, cabelleireiros francezes, estrangeiros de todas as seis partes do mundo... e resistam os artistas do paiz, se são capazes, a essa torrente! porém meu pae é que é o culpado de estar eu hoje como estou!

Manoel. — Como assim?

Francisco. — Em logar de ensinar-me o seu officio, como me ensinou, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... bem podia estar deputado.

Manoel. — Ah! ah! ah! Deste modo podemos ser tudo...

Francisco. — Manoel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao facto da nossa Constituição... ella diz: a lei é egual para todos... isto quer dizer que todos podem ser tudo.

Manoel. — Ah! entendes assim?

Francisco. — No talento é que está a differença... o homem de talento póde ser tudo quanto quizer... e tu bem sabes que tenho talento... ainda ninguem poude fazer, como eu, uma seringa que esguiche agua tão longe.

Manoel. — Ora, Chico! (*Sorrindo-se*).

Francisco. — Olha, Manoel, não sei o que te diga... ás vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

Manoel. — Estás hoje prégador...

Francisco. — Estou zangado... tu és feliz...

Manoel. — Feliz!

FRANCISCO. — Ha oito mezes que teu amo morreu, e a viuva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxilio... eras o unico, como primeiro caixeiro, que sabia das transacções do defunto.

MANOEL, *á parte e concentrado.* — E ainda sou caixeiro!

FRANCISCO. — Manoel, um negocio aqui me traz; és meu amigo, devo communicar-t'o... até porque és nelle interessado...

MANOEL. — Interessado! e como?...

FRANCISCO. — Estou resolvido a casar-me.

MANOEL. — Queres dar-me interesse no teu casamento?

FRANCISCO. — Não, a mulher escolhida por mim é tua ama.

MANOEL. — Minha ama?!

FRANCISCO. — Ella mesma, e tenho razões para suppôr que lhe não sou indifferente.

MANOEL, *pegando-lhe no braço.* — Chico, és meu amigo?

FRANCISCO. — Duvidas? experimenta...

MANOEL. — Desiste desse casamento.

FRANCISCO. — Que eu desista? e porque?

MANOEL. — Porque?... não te posso dizer...

FRANCISCO. — Percebo... queres casar-te com ella... Pois bem, mostrarei que sou teu amigo... casa-te, tens mais direito do que eu... já estás em casa...

MANOEL, *abraçando-o.* — Obrigado, amigo.

FRANCISCO. — Pois bem, casar-me-hei com a nossa vizinha Deolinda...

MANOEL. — Chico! tu não te casarás com a Deolinda...

FRANCISCO. — Hein!...

MANOEL. — Digo-te que não te casarás com ella.

FRANCISCO. — Essa agora é melhor!... e porque não me casarei?

MANOEL. — A Deolinda já está casada.

FRANCISCO. — Casada?!... e com quem?

MANOEL, *em voz baixa.* — Commigo.

FRANCISCO. — Comtigo?!... mas que diabo de trapalhada é essa?... és casado e queres casar?

MANOEL. — Chico, olha attentamente para mim!

FRANCISCO. — Estou olhando.

MANOEL. — Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO. — Tu?

MANOEL. — Sim, eu!... e de uma ambição frenetica, que

me levará á sepultura se a não vejo realizada... de um ambição ambiciosa.

FRANCISCO. — Tu me assustas!... acaso queres ser major da guarda nacional ?

MANOEL, *com desprezo.* — Não !

FRANCISCO. — Chefe de legião ?

MANOEL. — Não !

FRANCISCO. — Tenente-general ?

MANOEL. — Não !

FRANCISCO. — Conde ? marquez ? ministro ?

MANOEL. — Não !

FRANCISCO. — Manoel, Manoel, que queres tu ser ?

MANOEL, *com mysterio.* — Socio de minha ama !

FRANCISCO. *rindo-se.* — Ah! ah! é só isso ?

MANOEL. — Só, dizes tu ? e que felicidade póde haver no mundo maior para mim ? Ah! não sabes que satisfação será a minha quando escrever n'uma conta: Fulano deve a Manoel Pacheco e Viuva Pereira a quantia de tanto, por generos comprados em sua venda... sua, amigo! sua!... ella será tambem minha!

FRANCISCO. — Emfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANOEL. — E ainda sou caixeiro!... caixeiro!... sabes tu o que é um caixeiro?... é um traste que paga imposto á Camara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO. — Mas não vejo porque não queres que eu me case com tua ama.

MANOEL. — Não vês ?

FRANCISCO. — Logo que estiver casado dar-te-hei sociedade.

MANOEL. — Sabes tu se ella te ama ?

FRANCISCO. — Julgo que não lhe sou indifferente.

MANOEL. — Pois digo-te que ella não te ama, porque me ama.

FRANCISCO. — A ti !

MANOEL. — Sim, e de uma maneira desesperada e damnada... Amigo, Deus te guarde do amor de mulher velha; é peor do que carrapato em orelha de burro! Comprehendes agora a minha posição ?

FRANCISCO. — Ainda não muito bem.

MANOEL. — Por amor — maldito amor!... — casei-me em segredo com a Deolinda... nem o seu proprio irmão, o sargento Quintino, o sabe... Pensa agora que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivo-

sa, expulsar-me-ha desta casa, e as minhas esperanças serão mallogradas... E' preciso enganal-a até ao dia em que assignarmos a escriptura de sociedade...

ANGELICA, *dentro*. — Manoel ?

MANOEL. — Ella que me chama... Vae-te embora.

FRANCISCO. — Adeus, e estimo que sejas bem succedido.

MANOEL. — Nem palavra...

FRANCISCO. — Fica descançado. (*Sáe*).

SCENA V

MANOEL, DEPOIS ANGELICA

MANOEL. — Ella ahi vem... estou frio!... ai que boccado amargo... eil-a.

ANGELICA, *entrando*. — Manoel ?

MANOEL. — Senhora minha ama...

ANGELICA. — Ah! já estava inquieta...

MANOEL. — Oh! isso é bondade de minha ama... trabalhava.

ANGELICA. — Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer... far-me-hias muita falta.

MANOEL. — Ninguem faz falta.

ANGELICA. — As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANOEL, *á parte*. — Temol-a !

ANGELICA. — Não se encontram muitos caixeiros como tu...

MANOEL. — Oh!... minha ama dá licença que vá ver aquillo lá pelo balcão como vae ?

ANGELICA. — Espera! tens sempre tanta pressa quando fallo comtigo!

MANOEL. — Acudo ás minhas obrigações.

ANGELICA. — Já te disse que não quero que te mates... não acharei outra pessoa com as tuas qualidades...

MANOEL. — Oh! minha ama! não mereço...

ANGELICA. — Mereces tudo... a experiencia do mundo tem-me feito conhecer os homens....

MANOEL, *á parte*. — Que tal a experiencia ?!

ANGELICA. — E' todo o meu cuidado zelar a tua saude.

MANOEL. — Tanta bondade!...

ANGELICA, *suspirando e olhando para elle*. — Ai! ai!

MANOEL. — Minha ama sente alguma dor ?

ANGELICA. — Não...
MANOEL, *á parte.* — O caso está mau!
ANGELICA. — Manoel, quero pedir-te uma coisa...
MANOEL. — E' uma ordem que recebo...
ANGELICA. — Espero que não frequentes certas ruas desta cidade... e que sobretudo não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botanico, nos canos da Carioca e nas Paineiras... Tens visto o resultado...
MANOEL. — Não gostei nunca desses pagodes...
ANGELICA. — Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
MANOEL. — Bailes!... não sei dansar.
ANGELICA. — Manoel, nos bailes mascarados não se dansa, joga-se... dever-se-hiam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer... ahi é que a perdição é certa... e o jogo tem levado muita gente á forca; vê lá se queres tambem...
MANOEL. — Morrer enforcado ?... nada !
ANGELICA. — Tu morreres ? ah! (*Chegando-se para elle*). Que seria de mim ?... quero dizer, da minha venda?... Manoel, não falles em morrer. (*Pegando-lhe na mão*). Eu te seguiria...
MANOEL, *á parte.* — Oh! homem, até depois de morto!
ANGELICA, *cahindo em si, á parte.* — Ia me trahindo. (*Alto*). Digo-te isto, porque, se me faltares, o meu negocio vae por agua abaixo...

SCENA VI

MANOEL, ANGELICA E QUINTINO, *com farda de sargento de fuzileiros.*

QUINTINO, *entrando.* — Licença ?
MANOEL, *á parte.* — Abençoada visita!
ANGELICA. — Quem é ?
QUINTINO. — Um criado.
MANOEL, *reconhecendo-o, á parte.* — Oh! diabo... é o irmão de minha mulher, e meu cunhado sem o saber.
ANGELICA. — Deseja alguma coisa ?
QUINTINO. — Dous dedos de conversa alli com o senhor.

MANOEL. — Commigo ?...
QUINTINO. — Sim, senhor.
MANOEL. — Pois vamos cá para fóra.
ANGELICA. — Espera, Manoel; aonde vaes ?
QUINTINO. — Podemos fallar aqui mesmo.
MANOEL, *á parte.* — Eu tremo!
QUINTINO, *pondo a barretina á cabeça, de lado.* — Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANOEL. — Não ha tal.
ANGELICA. — Como é lá isto ?
MANOEL, *á parte.* — Estou arranjado...
QUINTINO. — Foi a primeira noticia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha... O sapateiro da esquina disse-me...
ANGELICA, *enfurecida.* — Como é isto, Manoel ?
MANOEL. — O senhor está enganado... (*Angelica*). Não sabe o que diz, está bebado.
QUINTINO. — O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar á noite lá.

ANGELICA. — Entrar lá ?
MANOEL. — E que prova isso ?...
ANGELICA. — Que prova ?... e esta ?...
MANOEL. — Sua irmã não cose para fóra ?
QUINTINO. — Cose, sim, senhor, e com muita honestidade...
MANOEL. — Pois então ?... mandei fazer por ella umas camisas, e fui hontem ver se estavam promptas; se quizer, vá perguntar-lhe.
QUINTINO. — Se foi só por isso, o caso é outro...
MANOEL. — E porque mais havia ser ?... importo-me cá com sua irmã ?... que tenho eu com sua irmã ?... faço lá caso della ! (A' *parte*). E não me quer deitar a perder ? !
ANGELICA. — Manoel!...
MANOEL. — Deixe-me!
QUINTINO. — Está bom, homem...
ANGELICA. — Manoel !
MANOEL. — Estou zangado... assim se desacredita um homem de bem!
QUINTINO. — Em uma palavra, não a namora ?...
MANOEL. — Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e sua parentella !
QUINTINO. — Mais respeito...
MANOEL. — Pois não me esquente a cabeça!... Ora não te-

nho eu mais que fazer... deixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã!... era o que me faltava... diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos... Irra!...

QUINTINO. — Basta, como não se importa com ella...

MANOEL. — Nem com você, sô barbaças.

QUINTINO, *puxando a espada.* — Barbaças?... (*Manoel corre para traz de Angelica*).

ANGELICA, *a Quintino.* — Senhor!...

QUINTINO. — Barbaças?... eu te ensinarei...

ANGELICA. — Sr. sargento...

QUINTINO. — Deixe-me sangral-o...

MANOEL, *á parte.* — Quer fazer a irmã viuva...

ANGELICA, *a Quintino.* — Tranquillise-se... embainhe essa espada...

QUINTINO, *a Manoel.* — Já eu te resava pór alma... respeito as senhoras... é o que te salva!

MANOEL, *á parte.* — Bello cunhado!

ANGELICA. — O Sr. sargento póde ficar descançado... o Sr. Manoel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANOEL. — Que duvida!

ANGELICA. — Tem outras coisas em que cuidar...

MANOEL. — Sim, tenho outras muitas coisas. (*Assim dizendo, péga na mão de Angelica, e beija-a*).

ANGELICA. — Ah!... (*Pondo a mão sobre o coração*).

QUINTINO. — Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... quero casal-a...

MANOEL, *á parte.* — Casar minha mulher!

QUINTINO, *continuando.* — Com o alferes da minha companhia...

MANOEL. — Casal-a com o alferes?...

QUINTINO. — Sim, e tem que dizer?...

MANOEL. — Casal-a!

ANGELICA. — Que tens tu com isso?...

MANOEL, *constrangendo-se.* — Nada, nada! (*A' parte*). E então!... (*Alto*). Póde casal-a com quem quizer... (*A' parte*). O diabo é se ella se esquece de que está casada commigo!...

QUINTINO. — Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... e guarde-os Deus... (*Sáe*).

SCENA VII

MANOEL E ANGELICA

MANOEL. — Ora ahi está como se bota um homem a perder!... vem o diabo de um Ferrabraz destes provocal-o...

ANGELICA. — E' um desaforo!...

MANOEL. — Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquella pipa á cabeça!

ANGELICA. — Soldado de tarimba...

MANOEL. — Case lá a irmã com quem quizer...

ANGELICA. — Mas tu te sorprehendeste quando elle disse que a ia casar com o alferes?...

MANOEL. — Foi sorpresa de compaixão... Quem póde ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquellas a um extravagante como é o alferes?...

ANGELICA. — E' extravagante?

MANOEL. — Chi!... como não faz idéa!... já foi coronel, e, por causa da sua má cabeça, tem descido de postos... breve estará soldado raso... mas deixal-os...

ANGELICA. — Assim o querem, assim o tenham... Tratemos de nós...

MANOEL, *á parte.* — Ai!

ANGELICA. — Manoel, estou resolvida a dar sociedade n'esta minha venda a certa pessoa...

MANOEL, *á parte.* — Meu Deus!...

ANGELICA. — Uma mulher, por si só, pouco representa... Que dizes do meu projecto?

MANOEL. — Que só me resta sahir desta casa.

ANGELICA. — Sahir de minha casa!...

MANOEL. — Emquanto é della unica senhora, sirvo com prazer, mas quando tiver um socio, um homem estranho, não posso, não devo...

ANGELICA, *sorrindo-se.* — Não sejas tão precipitado... espera um instante... vou lá dentro escrever um papel... não te digo mais nada... Verás... Espera, Manoelzinho, espera, verás... (*Sáe.*)

SCENA VIII

MANOEL, depois DEOLINDA

MANOEL, *só.* — Será possivel?!... ouviram bem os meus ouvidos as suas palavras?... Espera, Manoelzinho, espera... e verás!... Oh! dita! oh! fortuna!... serei socio!... oh!... o prazer suffoca-me... d'aqui a uma hora já não serei caixeiro... vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Socio!... palavra magica! Ninguem, ninguem no mundo perturbará a minha felicidade...

DEOLINDA, *entrando.* — Manoel?

MANOEL. — Oh! que me havia esquecido de minha mulher...

DEOLINDA. — Ouve.

MANOEL. — Vae-te embora.

DEOLINDA. — Hein?...

MANOEL, *empurrando-a.* — Vae-te embora, vae-te embora, diabo!

DEOLINDA. — Assim me recebes!... queres que me vá?

MANOEL. — Sim... sim...

DEOLINDA. — Sabes que mais? isto assim não póde durar... preciso que declares o nosso casamento...

MANOEL, *com colera e fallando em voz baixa.* — Desgraçada! cala-te... cala-te...

DEOLINDA. — Se és meu marido...

MANOEL, *tapando-lhe a bocca com a mão.* — Cala-te, ou metto-te esta mão pela bocca dentro...

DEOLINDA, *chorando alto.* — Hi! hi! hi!

MANOEL, *raivoso e fallando entre os dentes.* — Olha que te mato!...

DEOLINDA. — Hi! hi! hi!

MANOEL, *na maior afflicção.* — Se minha ama chega, estou arranjado!... (*Raivoso*). Mulher!... (*Indo espiar á porta*). Hoje me perco!... Ainda estará escrevendo?... (*Com ternura*). Deolinda!

DEOLINDA. — Hi! hi! hi!

MANOEL. — Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA. — Deixe-me!... hi! hi! hi!...

MANOEL, *á parte.* — Se a velha chega... (*Para Deolinda*). Amanhã ou depois tudo declararei... mas hoje... oh!...

DEOLINDA. — E até lá, meu irmão estará me maltratando, e me atrapalhando para que eu me case com o alferes...

MANOEL. — Mas tu não casarás!...

DEOLINDA. — Quem sabe!...

MANOEL. — Quem sabe?... Isso são graças?... Vê lá...

DEOLINDA. — Tenho muito medo de meu irmão... e de mais, meu marido está tão mysterioso... não quer declarar-se.

MANOEL. — E julgas que não tenho razões para assim fazer?... Deolinda, minha cara Deolinda, escuta... minha ama quer dar-me sociedade nesta venda; mas se ella souber que estou casado, tudo desfará...

DEOLINDA. — E porque?

MANOEL. — Ella julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher, nem póde dirigir com todo o cuidado uma casa como esta... A mulher, os filhos, a familia... tomam tempo...

DEOLINDA. — E logo que fôres socio?

MANOEL. — Oh! então declarar-me-hei...

DEOLINDA. — Bem, esperarei... visto que esse é o motivo...

MANOEL. — E que outro poderia ser?... não és tu a minha querida mulher?... Dá-me um abraço, e vae-te embora... dá-me. (*Abre os braços para abraçar Deolinda*).

SCENA IX

OS MESMOS E ANGELICA, *com um papel.*

ANGELICA. — Manoel?... (*Manoel ouvindo a voz de Angelica, fica com os braços abertos, na acção de abraçar Deolinda*).

DEOLINDA. — Ah!

ANGELICA. — Que é isto?... de braços abertos?...

MANOEL, *confuso.* — Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGELICA. — Ah! a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fóra e com muita honestidade?

DEOLINDA — Uma sua criada.

ANGELICA. — E que vem em pessoa tomar medida aos freguezes... em suas proprias casas... e tudo isto com muita honestidade?

MANOEL, *á parte.* — Ellas pegam-se! (*Alto*). Minha ama...

Deolinda. — Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é honesta, e quando não se é...

Manoel. — Deolinda!

Deolinda, *continuando*. — Mesmo sem que seja necessario sahir de casa, praticam-se actos que envergonham.

Angelica. — O que?...

Manoel, *a Deolinda*. — Cala-te!

Deolinda. — E dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

Angelica. — A menina falla commigo?

Deolinda. — E só proprias de uma vendilhona...

Angelica. — Insolente!

Manoel. — Minha ama!

Angelica. — Já desta porta para fóra... já...

Deolinda, *com zombaria*. — Offendi a duqueza!

Angelica, *querendo ir sobre ella*. — Desavergonhada!

Manoel, *retendo-a*. — Prudencia!

Deolinda. — Será ella...

Manoel, *afastando-as*. — Prudencia... Sra. minha ama, Sra. Deolinda!

Angelica. — Deixa-me ensinar esta malcriada!

Deolinda. — Malcriada será ella, velha de uma figa!

Angelica. — Velha! (*Angelica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra*).

Manoel, *a Deolinda, enganando-se*. — Senhora minha ama! (*A Angelica, do mesmo modo*). Deolinda, diabo!

SCENA X

Os mesmos e FRANCISCO

Francisco. — Então que temos?

Manoel. — Prudencia, que ahi vem gente.

Francisco. — Sra. D. Angelica... (*A' parte, vendo Deolinda*). Deolinda por cá?... mau!...

Angelica. — Sr. Francisco, isto é um horror... um desaforo... o Sr. Manoel traz as suas costureiras... costureiras!... para casa, e ellas vêm insultar-me...

Manoel. — Eu, senhora minha ama?... eu, Manoel Pacheco?... pois bem, hoje mesmo sahirei desta casa...

ANGELICA. — Sahires de minha casa?!...

MANOEL. — Desconfiam de mim... que faço aqui?... não faço nada... vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!...

ANGELICA. — Manoel!...

MANOEL. — Adeus, senhora.

ANGELICA, *retendo-o*. — Não, tu não sahirás... não posso... o meu negocio não póde estar sem ti...

MANOEL. — Deixe-me...

ANGELICA. — Não! Sr. Francisco, ajude-me a segural-o.

FRANCISCO. — Então, Manoel, que é isto?...

DEOLINDA. — Desgraçada de mim: ella o ama! (*Vae a sahir pelo fundo*).

ANGELICA. — Manoel!... Manoel, não me abandones...

SCENA XI

OS MESMOS E QUINTINO

QUINTINO, *encontrando-se á porta com Deolinda.* — Espere lá!

ANGELICA. — Quem é?

MANOEL, *á parte.* — Meu cunhado...

FRANCISCO, *á parte.* — Temos...

QUINTINO, *trazendo Deolinda para a frente.* — Preciso de uma explicação...

DEOLINDA. — Deixa-me.

ANGELICA, *a Quintino.* — Mas o que é isto, senhor?...

MANOEL. — Sim, que é isto?... assim se entra por uma casa?...

QUINTINO, *a Deolinda, sem dar attenção aos mais.* — Não estavas em casa.. muito estimo encontrar-te aqui... é preciso que todos me ouçam... Deolinda, disseram-me que tu te casaste occultamente!...

DEOLINDA. — Eu?...

MANOEL, *á parte.* — Máo!

ANGELICA. — Casada!...

QUINTINO. — Não procures enganar-me... estou bem informado...

DEOLINDA. — Pois bem, confessarei... estou casada.

QUINTINO. — Ah! confessas...

MANOEL, *á parte.* — Estou perdido!...

FRANCISCO, *á parte e ao mesmo tempo.* — No que dará isto?

ANGELICA. — E' possivel?!

QUINTINO. — Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA. — Ah! ainda não sabes?... pois então pergunta ahi ao Sr. Manoel...

MANOEL. — A mim?!

ANGELICA, *ao mesmo tempo.* — A elle?!...

DEOLINDA. — Sim... diga a meu irmão quem é meu marido.

MANOEL. — Que eu diga?!...

ANGELICA. — Que horrivel desconfiança... e esta escriptura?... (*Querendo rasgar o papel*).

MANOEL, *pegando-lhe na mão.* — Espere!...

DEOLINDA, *á parte.* — Que ia eu fazendo?...

MANOEL, *a Quintino.* — Sr. sargento, eu queria guardar segredo... porque assim m'o pediram; mas como o negocio está meio divulgado, fallarei... Fui padrinho do casamento...

ANGELICA. — Tu?

MANOEL. — E, assim, sei quem é o marido.

QUINTINO. — E quem é?...

MANOEL. — O Sr. Francisco.

FRANCISCO. — Hein?...

DEOLINDA. — Que diz?...

ANGELICA, *ao mesmo tempo.* — O Sr. Francisco?...

QUINTINO. — Ah! o senhor é meu cunhado?...

FRANCISCO. — Eu, senhor...

MANOEL. *abraçando Francisco.* — Amigo, perdôa se fallei... (*A' parte*). Salva-me, Chico, salva-me... (*Alto*). O negocio estava meio sabido... (*A' parte*). Salva-me, Chico... (*Alto*). De que serviria occultar mais tempo?... (*A' parte*). Dize que te casaste...

FRANCISCO. — Mas se tu...

MANOEL. — Estás zangado porque fallei. (*A' parte*). Salva-me, Chico...

FRANCISCO, *á parte.* — Tranquillisa-te... (*Alto*). Emfim, como já se sabe... que remedio... Estou casado com a senhora... a senhora... é minha mulher... (*A' parte*). Já que assim quer o marido...

ANGELICA, *á parte.* — Aqui ha mysterio...

QUINTINO. — O que está feito está feito... lograram-me... Cunhado, aperta aqui esta manopla... Quizera antes que a Deolinda se casasse com o alferes... mas, emfim, tambem és bom ra-

paz... Vou ao *Gradil* encommendar um jantar... ha de haver bebedeira grossa... com licença da companhia... volto. (*Sáe*).

MANOEL, *á parte.* — Escapei de boas!...

FRANCISCO. — O homem sacrifica-se ás vezes...

ANGELICA, *a Manoel.* — E nunca me disseste nada...

MANOEL. — Segredo de um amigo...

DEOLINDA, *á parte.* — Que papel faço eu aqui ?...

ANGELICA, *á parte.* — Estou desconfiada... aqui se engana a alguem... ah! se fôr a mim... (*Alto*). Manoel, vem commigo, o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANOEL. — Só com ella ?

ANGELICA. — E que tem isso ?...

MANOEL, *á parte.* — Pergunta o que tem! (*Alto*). Nada... nada!...

ANGELICA. — Pois segue-me. (*A' parte*) Ha mysterio!...

MANOEL. — Eu vou... (*A' parte a Francisco*). Chico!... (*Angelica sáe. — Manoel acompanha Angelica fazendo signaes a Francisco*).

SCENA XII

FRANCISCO E DEOLINDA

FRANCISCO. — Pobre Manoel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA. — Bello marido tenho eu, que me entrega a outro!

FRANCISCO. — Então, Sra, Deolinda... que me diz a esta?... Deve-me estar agradecida... salvei seu marido...

DEOLINDA. — Que marido!... envergonha-se de ter-me por mulher...

FRANCISCO. — Não é vergonha, é medo...

DEOLINDA. — Medo ?... antes me tivesse casado com outro...

FRANCISCO. — Não me quiz a mim por marido!...

DEOLINDA. — Vou-me embora...

FRANCISCO. — Devagar, não comprometta seu marido...

DEOLINDA. — Deixe-me...

FRANCISCO. — Sinto passos... ahi vem ella... dê-me um abraço... (*Abraça-a*).

DEOLINDA, *esforçando-se por sahir de seus braços.* — Senhor!...

SCENA XIII

Os mesmos, ANGELICA, seguida de MANOEL, que traz algumas garrafas; pára á porta vendo FRANCISCO abraçar DEOLINDA

FRANCISCO. — Não se espante... Abrace-me, que ella nos vê.

DEOLINDA, *vendo Manoel.* — Ah! pois bem, abracemo-nos... (*Abraçam-se*). Assim me vingarei delle...

FRANCISCO. — Bravo!... (*Abraçam-se*).

MANOEL, *á parte.* — Isto não póde ser...

ANGELIÇA, *retendo-o.* — E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANOEL. — E' indecente.

ANGELICA. — Deixa-os lá e vem commigo... (*Vae atravessando a scena e sáe. Manoel vae acompanhando Angelica*).

DEOLINDA, *correndo e retendo Manoel no momento deste sahir.* — Vem cá.

MANOEL. — Traidora!...

DEOLINDA. — Ah! está zangado?...

MANOEL. — Abraçando-o!...

DEOLINDA. — Fiz muito bem; é para seu ensino...

FRANCISCO. — Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama!

MANOEL. — Ah! era por isso?... Perdôa-me, Deolinda... Chico, pega nestas garrafas. (*Dando-as a Francisco*). Se soubésses, Deolinda, o que tenho soffrido hoje!...

FRANCISCO. — Agora abracem-se...

MANOEL. — Perdôa-me se te dei outro marido... era para nosso bem... dá cá um abraço.

DEOLINDA, *abraçando-o.* — Sou muito boa em perdoar-te!... (*Francisco, emquanto os dous se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe*).

MANOEL. — Minha mulherzinha! aperta!...

SCENA XIV

OS MESMOS E ANGELICA

ANGELICA, *á parte.* — Que escandalo!... que escandalo!... (*Francisco, Manoel e Deolinda ficam espantados*). Assim deixa abraçar sua mulher!!... e vê isso bebendo!... que immoralidade!... que escandalo!...

FRANCISCO. — Foi por distracção e sêde.

MANOEL. — E' minha afilhada... sou padrinho, e bem vê...

ANGELICA. — Sim... é afilhada!... (*A Francisco.*) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... e a menina!... Está bonito!...

FRANCISCO. — Entre amigos não deve haver ciumes, e, quando ha confiança na amizade, bebe-se.

ANGELICA. — E dorme-se... tem razão!... Mas olhe que ha muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos! (*A' parte*). Eu saberei como isto é... (*A Manoel*). Vae acabar de arrumar as garrafas.

MANOEL, *á parte, a Francisco.* — Cuidado com a bicha. (*Váe-se*).

ANGELICA, *a Francisco.* — Tinha que lhe dar uma palavra... mas ao senhor só.

FRANCISCO. — Deolinda, vae-me esperar lá em casa.

DEOLINDA. — Eu vou. (*A' parte a Francisco*). Diga a Manoel que lá o espero... (*Sáe*).

SCENA XV

ANGELICA E FRANCISCO

ANGELICA, *á parte.* — Hei de saber como isto é... empregarei um meio...

FRANCISCO. — A Sra. D. Angelica está tão pensativa!...

ANGELICA. — E tenho motivos para isso... Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor...

FRANCISCO. — Ha muito que isso desejo.

ANGELICA. — O senhor tem me dado a entender que a minha mão lhe era agradavel...

FRANCISCO. — Senhora...

ANGELICA. — Não tenho correspondido ás suas finezas... porque, emfim... uma mulher vexa-se... esperava poder confessar um dia esse segredo... mas ah!... enganei-me... enganei-me...

FRANCISCO. — D. Angelica...

ANGELICA. — Foi uma zombaria!... eu que o amava!...

FRANCISCO. — A mim ?!...

ANGELICA. — Sim, ingrato!... a ti...

FRANCISCO. — Oh!... (*A' parte*). O Manoel que se arranje como puder... eu fallo...

ANGELICA. — A mim!... semelhante traição!... a mim!... que já havia feito esta escriptura de casamento... vê... só o nome está branco... o logar era para o teu...

FRANCISCO. — Dá-m'a ?

ANGELICA. — Agora de nada serve. (*Quer rasgar*).

FRANCISCO. — Não rasgue...

ANGELICA. — Estás casado...

FRANCISCO. — Casado!... (*A' parte*). Leve o diabo o Manoel!... (*Alto*). Angelica, quem lhe disse que eu estava casado mentiu...

ANGELICA. — Mentiu ? !

FRANCISCO. — Eu não estou casado.

ANGELICA. — Não estás casado ? e quem é o marido da Deolinda ?

FRANCISCO. — Não lhe posso dizer... mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci... Eis-me a seus pés... (*Ajoelha.*) Dê-me essa promessa...

ANGELICA. — Levanta-te... (*Quintino apparece á porta do fundo, e fica sorprehendido vendo Francisco aos pés de Angelica*).

FRANCISCO. — Não me levantarei emquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso...

QUINTINO. — O marido de minha irmã aos pés de outra mulher !

ANGELICA. — Lá de fóra podem ver-nos...

FRANCISCO. — E que vejam!... não serei eu seu esposo?!... (*Manoel apparece á porta da direita e, vendo Francisco de joelhos, fica estupefacto*).

ANGELICA. — Talvez!.... mas levanta-te.

FRANCISCO. — Não!...

MANOEL. — Muito bem!... muito bem!... amigo falso!!

FRANCISCO, *levantando-se.* — Ah!

ANGELICA. — Ah!

MANOEL. — Muito bem!

FRANCISCO. — Desculpa-me... ella me ama... e eu tambem a amo.

QUINTINO, *que nesse tempo tem-se approximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo*: — Ah! tu a amas?... e minha irmã, tua mulher ?

FRANCISCO. — Ai !

QUINTINO. — Assim a enganas, patife ?

FRANCISCO. — Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO. — Negas ?

ANGELICA, *a Manoel.* — Quem é o marido ?

MANOEL. — Não sei. (*Angelica toma a Manoel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos fallam ao mesmo tempo*).

ANGELICA, *a Manoel.* — Quem é o marido ?... para que me enganaste ?... Dize já... quero saber... Ah! não dizes ?... eu me vingarei!... não dizes, porque tens medo... ingrato... mal agradecido... eu me vingarei... me vingarei...

MANOEL, *a Angelica.* — Não sei... posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres ?... disse o que me disseram... póde ser que me engane... Sra. minha ama, deixe-me... assim não nos entenderemos...

QUINTINO, *a Francisco, a quem ameaça com a espada.* — Pensas que has de mangar com o sargente Quintino ? Primeiro hei de tirar-te as tripas... pôl-as ao sol... Enganar minha irmã!... Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos...

FRANCISCO, *esforçando-se por sahir das mãos de Quintino.* — Deixe-me, não sou seu cunhado... já lhe disse... ai... ai... não me mate... ai... quem me accode!... Juro que não é minha mulher... ai... ai!... (*Todos acabam gritando*).

SCENA XVI

OS MESMOS, ANTONIO E JOSE', *armados de achas de lenha, e* DEOLINDA

ANTONIO. — Que aconteceu ?...

DEOLINDA. — Que é, Quintino ?...

ANTONIO. — Senhora minha ama !...

DEOLINDA. — Que foi ?...

QUINTINO, *a Deolinda.* — Que foi ?!... vim encontrar teu marido aos pés desta senhora!...

DEOLINDA. — Meu marido a seus pés ?!

QUINTINO. — Sim, dizendo que a amava !

DEOLINDA, *indo a Manoel.* — Traidor!...

MANOEL. — Hein ?...

DEOLINDA. — Assim é que me guardava fidelidade ?...

ANGELICA. — Ah!...

QUINTINO. — Olha que te enganas...

DEOLINDA. — Não, não me engano... este é o meu marido.

QUINTINO E ANGELICA. — Seu marido?!...

MANOEL, *á parte.* — Ai! ai! ai!...

FRANCISCO, *á parte, e ao mesmo tempo.* — Pobre Manoel!...

ANGELICA, *a Manoel.* — Ah!... tu eras casado, e enganavas-me!...

DEOLINDA. — A mim é que enganava...

QUINTINO. — Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?...

MANOEL, *apontando para Francisco.* — E' elle! é elle!

FRANCISCO, *apontando para Manoel, ao mesmo tempo.* — E' elle! é elle!

QUINTINO, *a Deolinda.* — Ambos!...

ANGELICA. — Espere, Sr. sargento... eu porei estas coisas em ordem. (*A' parte a Manoel*). Ingrato!... tudo está explicado... e eu me vingarei...

MANOEL. — Minha ama!...

ANGELICA, *repellindo com um gesto de desprezo.* — Sr. Francisco, aqui está a escriptura do nosso casamento. (*Dá-lhe o papel*).

FRANCISCO. — Quanto sou ditoso!...

MANOEL. — Mas, senhora...

ANGELICA, *interrompendo-o.* — O Sr. Manoel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro... Tenho um marido, e nelle um socio...

MANOEL. — Um socio!... (*A Francisco, na maior desesperação*). Amigo infiel e perfido... és a causa da minha desgraça e perdição!...

FRANCISCO. — Eu?... Manoel!...

MANOEL. — Sim!...

FRANCISCO. — Fiz o que pude por ti... fui marido de tua mulher... tu és o culpado, eu não!...

MANOEL, *voltando-se para Deolinda.* — Então, foste tu?... mulher traidora!...

DEOLINDA. — Eu?... não guardei segredo?... Queixa-te de ti, de mim, não!

MANOEL, *a Quintino.* — Então, foste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO, *ameaçando-o.* — Passe de largo!...

MANOEL, *voltando-se para Angelica.* — Ou tu, carocha do inferno!...

ANGELICA. — Maroto!... já por esta porta fóra, e vae ser caixeiro de Belzebut!...

MANOEL, *como louco.* — Caixeiro!... sempre caixeiro!... Oh!... afastem-se de mim!... afastem-se... que estou louco!... desesperado... furibundo!... para longe!... Serei sempre caixeiro!... caixeiro!... caixeiro!... pagarei sempre imposto... como uma sacca de café... um burro... um cavallo... não sou nada no mundo!... Cortem-me esta cabeça... pendurem-me na porta do açougue... Sou um boi... Paguei direitos na barreira!... Sou um boi!... (*Assim dizendo, principia a berrar como boi*).

TODOS. — Manoel!... (*Manoel berra*).

DEOLINDA. — Meu Deus! está louco!...

TODOS. — Louco!... (*Manoel berra*).

DEOLINDA. — Que desgraça!...

FRANCISCO, *ao mesmo tempo.* — Coitado!...

QUINTINO, *ao mesmo tempo.* — Pobre homem!...

ANGELICA, *ao mesmo tempo.* — Faz-me pena!...

MANOEL, *trazendo Antonio pelo braço para a frente.* — Antonio, eis-me de joelhos a teus pés... (*Ajoelha*). Lembra-te da amizade que nos uniu, e faze-me o ultimo favor... (*Abre a camisa*). Enterra-me no coração essa acha de lenha... traspassa-me o peito com ella... Não queres?...

ANGELICA. — Manoel!...

MANOEL. — Quem me chama?...

ANGELICA. — E' tua ama!... Manoel, esqueço-me da affronta que me fizeste, e lembrar-me-hei sómente dos serviços que me tens prestado... seras nosso socio... não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO. — Sim... será nosso socio!...

DEOLINDA. — Serás socio!... (*Manoel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem*).

ANGELICA. — Serás nosso socio... ficarás comnosco... Eu te perdôo.

MANOEL. — Socio!... ouviram bem meus ouvidos?... Serei socio!... (*Cahindo de joelhos, e levantando as mãos para o céo*). Oh! meu Deus!... está satisfeita a minha ambição!... (*Todos fallam ao mesmo tempo*).

DEOLINDA. — Está salvo!...
QUINTINO. — Pobre socio!...
ANGELICA. — Pobre Manoel!...
FRANCISCO. — Pobre amigo!...
MANOEL. — Serei socio!...

QUEM CASA QUER CASA

PROVERBIO EM UM ACTO

PERSONAGENS

PAULINA, filha de Anacleto.
FABIANA, mulher de
NICOLAU.
OLAYA, filha de Fabiana, mulher de
EDUARDO, genro de Fabiana, e filho de Anselmo.
SABINO, filho de Fabiana, marido de Paulina.
JOÃO, criado.
ANSELMO, pae de Paulina e de Eduardo.

ACTO UNICO

Sala com uma porta ao fundo, duas á direita e duas á esquerda; uma mesa com o que é necessario para escrever; cadeiras, etc.

SCENA I

PAULINA E FABIANA

Paulina junto á porta da esquerda e Fabiana no meio da sala mostram-se enfurecidas

PAULINA, *batendo o pé.* — Hei de mandar!...
FABIANA, *no mesmo.* — Não ha de mandar!...
PAULINA, *no mesmo.* — Hei de e hei de mandar!...
FABIANA. — Não ha de e não ha de mandar!...
PAULINA. — Ai!... que estalo!... isto assim não vae longe... duas senhoras a mandarem n'uma casa... é um inferno!... Duas senhoras!?... A senhora aqui sou eu... esta casa é de meu marido... e ella deve obedecer-me porque é minha nóra... Quer tambem dar ordens; isso veremos...

Paulina, *apparecendo á porta.* — Hei de mandar e hei de mandar, tenho dito! (*Sáe*).

Fabiana, *arrepellando-se de raiva.* — Umm!... Ora eis ahi está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para minha casa... é isto constantemente... Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa... Já não posso! não posso!... não posso... (*Batendo com o pé*). Um dia arrebento, e então veremos... (*Tocam dentro rabeca*). Ai, que lá está o outro com a maldita rabeca... E' o que se vê... casa-se meu filho e traz a mulher para minha casa... é uma desavergonhada que não se póde aturar... casa-se minha filha... e vem seu marido da mesma sorte morar commigo... é um preguiçoso... um indolente... que para nada serve... depois que ouviu no theatro tocar rabeca... deu-lhe a mania para ahi... e leva todo o santo dia... vum, vum, vim, vim!!... já tenho a alma esfalfada. (*Gritando para a direita*). O' homem, não deixarás essa maldita sanfona?... Nada! (*Chorando*). Olaya?... (*Gritando*). Olaya?...

SCENA II

OLAYA E FABIANA

Olaya, *entrando pela direita.* — Minha mãe?

Fabiana. — Não dirás a teu marido que deixe de atormentar-me os ouvidos com essa infernal rabecada?...

Olaya. — Deixar elle a rabeca!... mamãe bem sabe que é impossivel...

Fabiana. — Impossivel?!... muito bem!...

Olaya. — Apenas se levantou hoje da cama, enfiou as calças e pegou na rabeca... nem penteou os cabellos... poz uma folha de musica diante de si, a que elle chama seu *Tremolo de* Beriot, e agora verás... zás, zás (*Fazendo movimento com os braços*). Com os olhos esbugalhados sobre a musica, os cabellos arrepiados... o suor a correr em bagas pela testa, e o braço n'um vae e vem que causa vertigens!

Fabiana. — Que casa de Orates é esta minha! que casa de Gonçalo!...

Olaya. — Ainda não almoçou, e creio que tambem não jantará... Não ouve como elle toca?...

FABIANA. — Olaya, minha filha!... tua mãe não resiste muito tempo a este modo de viver...

OLAYA. — Se estivesse nas minhas mãos remedial-o!

FABIANA. — Que perdes tu!... Teu irmão casou-se, e, como não teve posses para botar uma casa, trouxe a mulher para a minha. (*Apontando*). Ali está ella, para meu tormento... O irmão dessa desavergonhada vinha visital-a frequentemente; tu o viste... namoricaste-o, e por fim de contas casaste-te com elle... e cahiu tudo sobre as minhas costas!... Irra! que arreio com a carga... faço como os camellos...

OLAYA. — Minha mãe!

FABIANA. — Ella (*Apontando*), uma atrevida que quer mandar tanto ou mais do que eu... Elle (*Apontando*), um mandrião romano, que só cuida em tocar rabeca, e nada de ganhar a vida; tu, pateta, incapaz de dares um conselho á boa joia de teu marido...

OLAYA. — Elle gritaria commigo...

FABIANA. — Pois grita tu mais do que elle... que é o meio das mulheres se fazerem ouvir... qual historias... é que tu és uma maricas... Teu irmão casado com aquelle demonio não tem forças para resistir á sua lingua, o genio... Meu marido, que, como dono da casa, podia pôr cobro n'estas coisas, não cuida senão na carolice... sermões, terços, procissões, festas... e o mais, disse, a sua casa, que ande ao Deus dará... e eu que pague as favas!... nada... nada... isto assim não vae bem... ha de ter termo... ah!...

SCENA III

AS MESMAS E EDUARDO

Eduardo entra em mangas de camisa, cabellos grandes muito embaraçados, chinellos, trazendo a rabeca.

EDUARDO. — Olaya, vem voltar a musica.

FABIANA. — Shiu, shiu, venha cá...

EDUARDO. — Estou muito occupado... Vem voltar a musica...

FABIANA, *chegando-se para elle, e tomando-o pela mão.* — Falle primeiro commigo... tenho muito que lhe dizer...

EDUARDO. — Pois depressa, que me não quero esquecer da

passagem que tanto me custou a estudar... que musica!... que *Tremolo!*.... grande Beriot!!...

FABIANA. — Deixemo-nos agora de Beriós, e tremidos... e ouça-me...

EDUARDO. — Espere... espere... quero que applauda, e goze um momento do que é bom, e sublime! Sentem-se. (*Obriga-as a sentar-se e toca rabeca, tirando sons extravagantes, imitando o Tremolo*).

FABIANA, *levantando-se emquanto elle toca.* — E então?... peor... peor... não deixará essa infernal rabeca.. deixe, homem... ai... ai!...

OLAYA, *ao mesmo tempo.* — Eduardo... Eduardo... deixa-te agora disso... não vês que mamãe se afflige?... larga o arco... (*Pega na mão do arco, e forceja para o tirar*).

FABIANA. — Larga a rabeca... larga a rabeca... (*Pegando na rabeca, e forcejando*).

EDUARDO, *resistindo, e tocando enthusiasmado.* — Deixem-me... deixem-me acabar, mulheres, que a inspiração me arrebata... ah... ah. (*Dá com o braço do arco no estomago de Olaya, e com a rabeca nos queixos de Fabiana, isto tocando com furor*).

OLAYA. — Ai, meu estomago!

FABIANA, *ao mesmo tempo.* — Ai, meus queixos!...

EDUARDO, *tocando sempre com enthusiasmo.* — Sublime! sublime! bravo! bravo!...

FABIANA, *batendo o pé, raivosa.* — Irra!...

EDUARDO, *deixando de tocar.* — Acabou-se... Agora póde fallar...

FABIANA. — Pois agora ouvirá, que estou cheia até aqui... decididamente já não o posso nem quero aturar....

OLAYA. — Minha mãe!

EDUARDO. — Não?...

FABIANA. — Não, e não senhor! Ha um anno que o senhor se casou com minha filha, e ainda está ás minhas costas... a carga já pésa... em vez de gastar as horas tocando rabeca, procure um emprego, alugue uma casa, e fóra d'aqui com sua mulher... já não posso com as intrigas e desavenças em que vivo, depois que moramos juntos... é um inferno!... Procure casa, procure casa... procure casa!...

EDUARDO. — Agora deixe-me tambem fallar... Recorda-se do que dizia eu quando se tratou do meu casamento com sua filha?...

Olaya. — Eduardo!...

Eduardo. — Não se recorda?...

Fabiana. — Não me recordo de nada... Procure casa... procure casa...

Eduardo. — Sempre é bom que se recorde... Dizia eu que não podia casar-me por me faltarem os meios de pôr casa e sustentar familia... e que me respondeu a senhora a essa objecção?...

Fabiana — Não sei.

Eduardo. — Pois eu lhe digo: respondeu-me que isso não fosse a duvida, que emquanto á casa podiamos ficar aqui morando juntos, e que onde comiam duas pessoas bem podiam comer quatro; emfim aplanou todas as difficuldades... mas então queria a senhora pilhar-me para marido de sua filha... tudo se facilitou, tratava-me nas palmas das mãos... agora, que me pilhou feito marido, grita: — procure casa... procure casa... — mas eu agora é que não estou para atural-a... não saio d'aqui... (*Senta-se com resolução n'uma cadeira, e toca rabeca com raiva*).

Fabiana, *indo a elle.* — Desavergonhado!... mal creado!...

Olaya. *no meio d'elles.* — Minha mãe!

Fabiana. — Deixa-me arrancar os olhos a este traste...

Olaya. — Tenha prudencia... Eduardo, vae-te embora.

Eduardo. *levanta-se enfurecido, bate com o pé e grita.* — Irra!... (*Fabiana e Olaya recuam espavoridas*). Bruxa!... (*Indo para Fabiana*). Vampiro!... sanguesuga da minha paciencia... Ora quem diabo havia de dizer que esta velha se tornaria assim!

Fabiana. — Velha, maroto, velha?

Eduardo. *para a platéa.* — Antes de pilhar-me para marido da filha, eram tudo mimos e carinhos... (*Arremedando*). Senhor Eduardinho, o senhor é muito bom moço... ha de ser um excellente marido... feliz d'aquella que o gozar... ditosa mãe que o tiver por genro... Agora escoucêa-me... descompõe-me... Ah! mães... mães... espertalhonas, que lamurias para empurrarem as filhas!... Estas mães são mesmo uma ratoeiras... Ah! se eu te conhecesse!...

Fabiana. — Se eu tambem te conhecesse, havia de dar-te... ummm...

Eduardo, *jovial.* — Quer dansar a polka?

Fabiana. *desesperada.* — Olhe que me perco...

Olaya, *supplicante.* — Minha mãe!...

Eduardo, *vae sahindo, cantando, e dansando a polka.* — Tra la la la, ri la ra tá!

Fabiana, *querendo ir a elle, e retida por Olaya.* — Espera, maluco de uma figa...

Olaya, *com meiguice.* — Minha mãe, tranquillize-se, não faça caso.

Fabiana. — Que te hei de fazer dansar o trémolo e a polka com os olhos fóra da cara.

Eduardo, *chegando á porta.* — Olaya, vem voltar a musica...

Fabiana, *retendo-a.* — Não quero que vá lá...

Eduardo, *gritando.* — Vem voltar a musica...

Fabiana. — Não vae.

Eduardo, *gritando e acompanhando com a rabeca.* — Vem voltar a musica.

Fabiana, *empurrando-a.* — Vae-te com o diabo!

Eduardo. — Vem commigo... (*Sáe com Olaya*).

SCENA IV

FABIANA, DEPOIS JOÃO

Fabiana. — Oh! é preciso tomar uma resolução... Escreva-se. (*Senta-se e escreve ditando*). Illmo. Sr. Anacleto e Gomes. — Seu filho e sua filha são duas pessoas muito mal creadas... Se o senhor hoje mesmo não procura casa para elles se mudarem da minha, leva tudo a breca. Sua creada, — Fabiana da Costa. (*Fallando*). Quero ver o que elle responde a isto... (*Fecha a carta, e chama*). João!... Tambem este espertalhão do senhor Anselmo o que quiz foi empurrar a filha e o filho de casa, e os mais que carreguem... Estou cansada... já não posso... agora aguente elle... (*Chamando*). João!

João, *entrando.* — Minha senhora...

Fabiana. — Vae levar esta carta ao Sr. Anselmo, sabes?... é o pae do Sr. Eduardo.

João. — Sei, minha senhora...

Fabiana. — Pois vae depressa... (*João sáe*). Estou resolvida a desbaratar...

SCENA V

FABIANA E NICOLAU

Entra Nicolau de habito de irmão terceiro, seguido de um homem com uma trouxa debaixo do braço.

NICOLAU, *para o homem.* — Entre, entre... (*Seguindo para a porta da direita*).

FABIANA, *retendo-o.* — Espere, tenho que lhe fallar.

NICOLAU. — Guarda isso para logo... agora tenho muita pressa... o senhor é o armador que vem vestir os nossos dous pequenos para a procissão de hoje...

FABIANA. — Isso tem tempo.

NICOLAU. — Qual tempo! Eu já volto...

FABIANA, *raivosa.* — Has-de ouvir-me.

NICOLAU. — O caso não vae de zangar... ouvir-te-hei, já que gritas... Sr. Bernardo, tenha a bondade de esperar um momento... Vamos lá, que queres?... e em duas palavras se fôr possivel...

FABIANA. — Em duas palavras?... ahi vão... já não posso aturar meu genro e minha nora...

NICOLAU. — Ora, mulher, isso é cantiga velha.

FABIANA. — Cantiga velha... pois olhe, se não procura casa para elles n'estes dous dias, ponho-os pela porta fóra!

NICOLAU. — Pois eu tenho lá tempo de procurar casa!

FABIANA. — Oh! tambem o senhor não tem tempo para coisa alguma... todos os seus negocios vão por agua abaixo... ha quinze dias perdemos uma demanda por seu desleixo; a sua casa é uma casa de Orates: filhos para uma banda, mulher para a outra... tudo a brigar, tudo em confusão... e tudo um inferno, e que faz o senhor no meio de toda essa desordem?... só cuida na carolice...

NICOLAU, *altivo.* — Faço muito bem, porque sirvo a Deus.

FABIANA, *com emphase.* — Meu caro, a carolice como tu a praticas é um excesso de devoção, assim como a hypocrisia é da religião... e todo excesso é um vicio...

NICOLAU, *sentimental.* — Mulher, não blasphemes.

Fabiana, *no mesmo tom.* — Julgas tu que nos actos exteriores é que está a religião, e que um homem, só por andar de habito, ha-de ser remido dos seus peccados ?...

Nicolau, *receioso.* — Cala-te...

Fabiana, *no mesmo tom.* — E que Deus agradece ao homem que não trata dos interesses de sua familia, e da educação de seus filhos, só para andar de tocha na mão ?...

Nicolau, *exasperado.* — Nem mais uma palavra, nem mais uma palavra!...

Fabiana, *continuando.* — E' nossa obrigação, é nosso sagrado dever servir a Deus e contribuir para a pompa de seus mysterios, mas tambem é nosso dever, é nossa obrigação ser bons paes de familia, bons maridos, doutrinar os filhos no verdadeiro temor de Deus... E' isto que tu fazes ?... que cuidado tens da paz de tua familia ?... nenhum!... que educação dás a teus filhos? Leva-os á procissão feitos anjinhos, e contentas-te com isso! Sabem élles o que é uma procissão, e que papel vão representar? vão como crianças... o que querem é o cartucho de amendoas...

Nicolau, *olhando para um dos lados.* — Oh! estás com o diabo na lingua... Arreda...

Fabiana, *calma.* — O sentimento religioso está na alma, e esse transpira nas menores acções da vida; eu com este vestido posso ser mais religiosa do que tu com este habito.

Nicolau, *querendo tapar-lhe a bocca.* — Cala-te, blasphema!... (*Benze-se*).

Fabiana, *no mesmo tom.* — O habito não faz o monge. (*Fugindo d'elle*). Elle é muitas vezes capa de espertalhões que querem illudir o publico, de hypocritas que se servem da religião como de um meio, de mandriões que querem fugir a uma occupação, e de velhacos que comem das irmandades...

Nicolau, *medroso.* — Cala-te que ahi vem um raio sobre nós... ousas dizer que somos velhacos!...

Fabiana. — Não fallo de ti nem de todos: fallo de alguns...

Nicolau. — Não quero mais ouvir-te!... não quero... Venha, senhor. (*Vae-se com o homem*).

Fabiana, *seguindo-o.* — Agora tomei-te eu á minha conta, has de ouvir-me até que te emendes...

SCENA VI

FABIANA E SABINO

Sabino é extremamente gago, o que o obriga a fazer contorsões quando falla.

Sabino, *entrando.* — Que é isto, minha mãe?....

Fabiana. — Vem tu tambem cá, que temos que fallar.

Sabino. — Que aconteceu?..

Fabiana. — Que aconteceu?... não é novo para ti, desaforo d'ella...

Sabino. — De Paulina?

Fabiana. — Sim, agora o que acontecerá é que eu te quero dizer — a tua bella mulher é uma desavergonhada.

Sabino. — Sim, senhora, é, mas minha mãe ás vezes é que bole com ella.

Fabiana. — Ora eis ahi está! Ainda a defende contra mim!...

Sabino. — Não defendo, digo o que é...

Fabiana, *arremedando.* — O que é... gago de uma figa?

Sabino, *furioso.* — *Ga, ga, ga, ga. (Fica suffocado sem poder fallar).*

Fabiana. — Ai, que arrebenta!... canta... canta, rapaz, falla cantando, que só assim te sahirão as palavras.

Sabino, *cantando no tom do Moquirão.* — Se eu sou gago... se eu sou gago... foi foi Deus que assim me fez eu não tenho culpa d'isso... para assim me descompôr...

Fabiana. — Quem te descompõe?... Estou fallando de tua mulher... que traz esta casa em uma desordem...

Sabino, *no mesmo.* — Todos, todos, n'esta casa... têm culpa, têm culpa n'isso... Minha mãe quer só mandar... e Paulina tem mau genio... Se Paulina, se Paulina fosse, fosse mais poupada, tantas brigas não havia, viveriam mais tranquillas.

Fabiana. — Mas ella é uma desavergonhada, que vem muito de proposito contrariar-me no governo da casa.

Sabino, *no mesmo.* — Que ella, — que ella é desaver — desavergonhada — eu bem sei — sei muito bem — cá sinto e — cá sinto — mas em atten — em atten — em attenção, a mim minha — mãe — minha mãe devia ceder...

Fabiana. — Ceder eu, quando ella não tem a menor attenção commigo?... hoje nem bons dias me deu!

SABINO, *gago sómente.* — Vou fazer com que ella venha... com que ella venha pedir perdão... e dizer-lhe que isto assim, que isto assim não me convém... e se ella persistir... vae tudo razo... com... com pancadaria...

FABIANA. — Ainda bem que tomaste uma resolução...

SCENA VII

OS MESMOS E NICOLAU

NICOLAU. — O' senhora?

FABIANA. — Que me quer?

NICOLAU. — Oh! já chegaste, Sabino?... As flores de cera para os tocheiros?

SABINO, *gago.* — Ficaram promptas, e já foram para a egreja...

NICOLAU. — Muito bem; agora vae vestir o habito, que são horas de sahirmos... vae... anda...

SABINO. — Sim, senhor... (*A Fabiana*). Vou ordenar que lhe venha pedir perdão e fazer as pazes. (*Vae-se*).

SCENA VIII

NICOLAU E FABIANA

NICOLAU. — Os teus brincos de brilhantes e os teus adereços para nossos filhos levarem; quero que sejam os anjinhos mais ricos... que gloria para mim!!... que inveja terão...

FABIANA. — Homem, estão lá na gaveta, tire tudo quanto quizer, deixe-me a paciencia...

NICOLAU. — Verás que anjinhos aceados e ricos! (*Chamando*). O' Eduardo? Eduardo?... meu genro!

EDUARDO, *dentro.* — Que é lá?...

NICOLAU. — Olha que são horas! Veste-te depressa, que a procissão não tarda a sahir!

EDUARDO, *dentro.* — Sim, senhor.

FABIANA, *dirigindo-se ao publico.* — Ainda a mania d'este é innocente... assim tratasse elle da familia.

NICOLAU, *distrahido.* — Verás, mulher, verás que guapos ficam nossos filhinhos... tu não os irás ver passar?...

FABIANA. — Sáe de casa quem a tem em paz. (*Ouve-se dobrar os sinos*).

NICOLAU. — E' o primeiro signal... Sabino? Anda depressa... Eduardo? Eduardo?...

EDUARDO, *dentro*. — Sim, senhor...

SABINO, *dentro*. — Já vou, senhor...

NICOLAU. — Já lá vae o primeiro signal; depressa, que já sahiu... Sabino! Sabino?... anda, filho... (*Correndo para dentro*). Ah, senhor Bernardo, vista os pequenos... Ande, ande! Jesus! chegarei tarde... (*Vae-se*).

SCENA IX

FABIANA, DEPOIS PAULINA

FABIANA. — E' o que se vê!... Deus lhe dê um zelo mais esclarecido...

PAULINA, *entrando, e na porta*. — Bem me custa...

FABIANA, *vendo-a, e á parte*. — Oh! a desavergonhada de minha nora!...

PAULINA, *á parte*. — Em vez de conciliar-me, tenho vontade de dar-lhe uma descompostura.

FABIANA, *á parte*. — Olhem aquillo, não sei porque não a descomponho já.

PAULINA, *á parte*. — Mas é preciso fazer a vontade a meu marido...

FABIANA, *á parte*. — Se não fosse por amor da paz!... (*Alto*). Tem alguma coisa a dizer-me?...

PAULINA, *á parte*. — Maldita sussurana!... (*Alto*). Sim, senhora, a rogos de meu marido é que aqui estou...

FABIANA. — Ah! foram a rogos seus?... que lhe rogou elle?...

PAULINA. — Que e a tempo de se acabarem essas desavenças em que andamos...

FABIANA. — Mais que tempo.

PAULINA. — E eu dei-lhe a minha palavra que faria todo o possivel para de hoje em deante vivermos em paz... e que principiava por pedir-lhe perdão, como faço, dos aggravos que de mim tem...

FABIANA. — Quizera Deus que assim tivesse sido desde o principio... e acredite, menina, que prézo muito a paz domestica, e que a minha maior satisfação é viver bem com vocês todos...

PAULINA. — De hoje em deante espero que assim será... não

levantarei a voz n'esta casa sem o seu consentimento... não darei uma ordem sem a sua permissão... emfim, serei uma filha obediente e submissa.

FABIANA. — Só assim poderemos viver juntos. Dá cá um abraço. (*Abraça-a*). E's uma boa rapariga... tens um bocadinho de genio... mas quem não o tem ?...

PAULINA. — Hei-de moderal-o...

FABIANA. — Olha, minha filha, e não tornes a culpa a mim: é impossivel haver em uma casa... mais de uma senhora... havendo... é tudo uma confusão!!...

PAULINA. — Tem razão, e, quando acontece haver duas, toca á mais velha governar.

FABIANA. — Assim é.

PAULINA. — A mais velha tem sempre mais experiencia.

FABIANA. — Que duvida !

PAULINA. — A mais velha sabe o que convém.

FABIANA. — De certo.

PAULINA. — A mais velha conhece melhor as necessidades.

FABIANA, *á parte.* — A mais velha!...

PAULINA, *com intenção.* — A mais velha deve ter juizo.

FABIANA. — A mais velha, a mais... Que modo de fallar é esse ?...

PAULINA, *o mesmo.* — Digo que a mais velha...

FABIANA, *desbaratando.* — Desavergonhada!... a mais velha!

PAULINA, *com escarneo.* — Pois então !?...

FABIANA, *desesperada.* — Salta d'aqui... salta...

PAULINA. — Não quero, não recebo ordens de ninguem!

FABIANA. — Ai ai... que estalo... assim insultar-me! este belisco!...

PAULINA — Esta coruja !...

FABIANA, *no maior desespero.* — Sáe, sáe de pé de mim... que minhas mãos já comem!

PAULINA. — Não faço caso...

FABIANA. — Atrevida, malcreada!... desarranjada, peste mirrada... estupor... linguaruda!... insolente!... desavergonhada!...

PAULINA, *ao mesmo tempo.* — Velha, tartaruga, coruja, arca de Noé... antigualha... mumia... centopêa... pergaminho... velhusca, velha... (*Fabiana e Paulina acabam gritando ao mesmo tempo, chegando-se uma para outra: finalmente agarram-se; n'isto acode Sabino em mangas de camisa, e com o habito na mão*).

SCENA X

As mesmas, SABINO, OLAYA E EDUARDO

Sabino entra, acompanhado por Eduardo e Olaya

Sabino, *vendo-as pegadas.* — Que diabo é isto? (*Puxa pela mulher*).

Olaya, *ao mesmo tempo.* — Minha mãe!... (*Puxando-a*).

Fabiana, *ao mesmo tempo.* — Deixa-me... desavergonhada!...

Paulina, *ao mesmo tempo.* — Larga-me... velha, velha! (*Sabino, não podendo tirar a mulher, lança-lhe o habito pela cabeça, e vae puxando á força até a porta do quarto; e depois de a empurrar para dentro fecha a porta á chave. Fabiana quer seguir Paulina*).

Olaya, *retendo a mãe.* — Minha mãe! minha mãe!

Eduardo, *puxando Olaya pelo braço.* — Deixa-as lá brigar... vem dar-me o habito...

Olaya. — Minha mãe!...

Eduardo. — Vem dar-me o habito. (*Arranca Olaya com violencia de junto de Fabiana, e sae levando-a comsigo*).

Fabiana, *vendo Sabino fechar Paulina e sahir.* — E' um inferno!... é um inferno!...

Sabino, *seguindo-a.* — Minha mãe!... (*Fabiana segue para dentro*).

Nicolau, *entrando.* — Que é isto?...

Fabiana, *sem attender, seguindo.* — E' um inferno... é um inferno!...

Nicolau, *seguindo-a.* — Senhora!... (*Vão-se*).

SCENA XI

SABINO, depois PAULINA

Sabino. — Isto assim não póde ser... não me serve, já não posso com minha mulher...

Paulina, *entrando.* — Onde está esta velha?...

(*Sabino, vendo a mulher, corre para o quarto e fecha a porta*).

PAULINA. — Ah! corres?... (*Segue-o, e esbarra na porta que elle fecha*). Deixa estar que temos tambem tempo de conversar... Pensam que hão de me levar assim? Enganam-se... Por bons modos tudo... mas á força... ah! será bonito quem o conseguir...

OLAYA, *entra chorando*. — Vou contar a minha mãe.

PAULINA. — Schiu! venha cá, tambem temos contas que ajustar.

(*Olaya vae seguindo para a segunda porta da direita*).

PAULINA. — Faile quando se lhe falla, não seja malcreada!

OLAYA, *na porta, voltando-se*. — Malcreada será ella... (*Vae-se*).

PAULINA. — Hein?...

SCENA XII

PAULINA E EDUARDO, *de habito, trazendo a rabeca*.

EDUARDO. — Paulina!... que é de Olaya?...

PAULINA. — Lá vae para dentro choramingando, contar não sei o que á mãe.

EDUARDO. — Paulina, minha irmã, este modo de viver que levamos já não me agrada.

PAULINA. — Nem a mim.

EDUARDO. — Nossa sogra é uma velha de todos os mil diabos... leva desde pela manhã até á noite a gritar... O que me admira é que ainda não estourasse pelas guélas... Nosso sogro é um pacovio... um banana... que não cuida senão em acompanhar procissões; não lhe tirem a tocha da mão que está satisfeitissimo... Teu marido é um ga... ga... ga... que quando falla me faz arrelia, sangue pisado... e o diabo que o ature agora que deu para fallar cantando... Minha mulher tem aquelles olhos que parecem fonte perenne... por dá cá aquella palha, ahi vêm as lagrimas aos punhos... e logo atraz: vou contar a minha mãe... E no meio de toda esta matinada não tenho tempo de estudar um só instante que seja tranquillamente a minha rabeca... e tu tambem fazes soffrivelmente o teu pé de cantiga na algazarra d'esta casa.

PAULINA. — E tu?... não... pois olha, esta tua infernal rabeca!...

EDUARDO. — Infernal rabeca!... Paulina, não falles mal da

minha rabeca... senão perco-te o amor de irmão... Infernal... Sabes tu lá o que dizes?... O rei dos instrumentos, infernal!!...

PAULINA, *rindo*. — A rabeca deve ser a rainha...

EDUARDO. — Rei, e rainha, tudo!... Ah! desde a noite em que pela primeira vez ouvi, no theatro de S. Pedro de Alcantara, os seus harmoniosos, fantasticos, salpicados e repinicados sons... senti-me outro... conheci que tinha vindo ao mundo para artista rabequista... comprei uma rabeca... esta que aqui vês... disse-me o *belchior* que a vendeu, que foi de Paganini... estudei... estudei... estudo... estudo...

PAULINA. — E nós pagamos.

EDUARDO. — Oh! mas tenho feito progressos estupendissimos!... já toco o *Tremolo* de Beriot... estou agora compondo um tremolorio, e tenho ainda em vista de compôr um tremendissimo tremolo.

PAULINA. — O que ahi vae!

EDUARDO. — Verás, hei-de ser insigne!... viajarei por toda a Europa, Africa e Asia... tocarei diante de todos os soberanos... e figurões da época, e quando de lá voltar... trarei este peito coberto de grã-cruzes, commendas, habitos, etc., etc. Oh! por lá é que se recompensa o verdadeiro merito... aqui julgam que fazem tudo pagando com o dinheiro... Dinheiro... quem faz caso de dinheiro?...

PAULINA. — Todos... E para ganhal-o é que os artistas cá vêm.

EDUARDO. — Paulina, o artista quando vem ao Brasil, digo, quando se digna vir ao Brasil, é por compaixão que tem do estado de embrutecimento em que vivemos, e não por calculo vil e interesseiro... Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem; são principios da arte...

PAULINA. — E depois da algibeira cheia safa-se para as suas terras e, comendo o dinheiro que ganhou no Brasil, falla mal d'elle e de seus filhos...

EDUARDO. — Tambem isso são principios de arte.

PAULINA. — Qual arte?...

EDUARDO. — A do padre Antonio iVeira... Sabes quem foi esse?

PAULINA. — Não.

EDUARDO. — Foi um grande mestre de rabeca... mas ai... que estou a parolar comtigo... deixando a trovoada engrossar... minha mulher está lá dentro com a mãe... e os mexericos fer-

vem... não tarda muito que as veja em cima de mim; só tu podes desviar a tempestade e dar-me tempo para acabar de compôr o meu tremolorio!

PAULINA. — E como?

EDUARDO. — Vae lá dentro e vê se persuades minha mulher que não se queixe á mãe.

PAULINA. — Minha cunhada não me ouve... e...

EDUARDO, *empurrando-a.* — Ouvir-te-ha... ouvir-te-ha... anda, irmãzinha... faze-me este favor...

PAULINA. — Vou fazer um sacrificio...

EDUARDO, *o mesmo.* — E eu te agradecerei... vae... vae...

SCENA XIII

EDUARDO, *só.*

— Muito bem!... Agora que o meu parlamentario vae assignar o tratado de paz... sentemo-nos, e estudemos um pouco... (*Senta-se*). O homem de verdadeiro talento não deve ser imitador; a imitação mata a originaliddae, e n'essa é que está a transcendencia, e especialidade do individuo... Beriot, Paganini, Bassini, Charlatanini muito inventaram, foram homens especiaes, e unicos na sua individualidade... Eu tambem quiz inventar, quiz ser unico, quiz ser apontado a dedo... Uns tocam com o arco... (*Fazendo os movimentos, segundo os vae mencionando*). Isto veiu dos primeiros inventores. Outros tocam com as costas do arco... ou com uma varinha... este imita o canto do passarinho... zurra como o burro... e repinica cordas... aquelle tóca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar um bacalhau... est'outro arrebenta tres cordas, e tóca só com uma, e creio mesmo que será capaz de arrebentar as quatro, e tocar em secco... Inimitavel instrumentinho, por quantas modificações e glorias não tens passado... tudo se tem feito de ti, tudo... Tudo?... (*Levantando-se enthusiasmado.*) Tudo não; a arte não tem limites para o homem de talento creador... Ou eu havia de inventar um meio novo, novissimo de tocar rabeca, ou havia de morrer... Que dias passei sem comer e beber... que noites sem dormir!... Depois de muito pensar e scismar, lembrei-me de tocar nas costas da rabeca... Tempo perdido; não se ouvia nada... quasi enlou-

queci... Puz-me de novo a pensar... pensei... scismei... parafusei... pensei, pensei, dias, semanas e mezes... mas emfim... ah!... idéa luminosa penetrou este cançado cerebro, e então reputei-me inventor original... como o mais pintado!... que digo?!... mais do que qualquer d'elles... Até agora esses aprendizes de rabeca desde Saens até Paganini... coitados... têm inventado sómente modificações do modo primitivo, arco para aqui ou para ali... eu não!... inventei um modo novo, estupendo e desusado!... elles tocam rabeca com o arco... e eu toco a rabeca no arco... eis a minha descoberta!!! (*Toma o arco na mão esquerda, pondo-a na posição da rabeca; pega n'esta com a direita, e corre-a sobre o arco*). E' esta a invenção que ha de cobrir-me de gloria e nomeada, levando o meu nome á immortalidade... Ditoso Eduardo... grande homem... insigne artista!

SCENA XIV

EDUARDO E FABIANA

FABIANA, *fallando para dentro*. — Verás como o ensino! (*Vendo Eduardo*). Oh! muito estimo encontral-o.

EDUARDO. — Ai, que não me deixam estudar!

FABIANA. — Pois você, sô mandrião, rabequista das duzias, tem o atrevimento de insultar e espancar minha...?

EDUARDO. — Então acha a senhora que uma arcada nos dedos é espancar?

FABIANA. — E porque lhe deu o senhor com o arco nos dedos?

EDUARDO. — Por que não voltou a musica a tempo, fazendo-me assim perder dous compassos... dous compassos de Beriot!

FABIANA. — Pois se os perdeu annuciasse pelos jornaes e promettesse alviçaras, que eu havia dal-as, mas havia de ser a quem te achasse o juizo... cabeça de avelã... Ora, que estafermo este! Não me dirão para que serve semelhante figura?... Ah! se eu fosse homem havia de te tocar com este arco, mas havia de ser no espinhaço, e essa rabeca havia de a fazer em estilhas n'essa cabeça desmiolada... Não arregale os olhos que não me mette medo!

Eduardo, *emquanto Fabiana falla, vae-se chegando para junto della, e lhe diz na cara com força.* — Velha! (*Volta, quer entrar no seu quarto*).

Fabiana. — Mariola!... (*Segura-lhe no habito*). (*Eduardo dá com o arco nos dedos da Fabiana e sáe*).

Fabiana. — Ai que me quebrou os dedos!...

SCENA XV

FABIANA, OLAYA E PAULINA

Olaya. — Falta de educação será ella! (*Encaminhando-se para o quarto*).

Paulina. — Cala-me o bico...

Olaya. — Bico terá ella, malcreada!

Fabiana. — Que é isto?...

(*Olaya entra no seu quarto sem dar attenção*).

Paulina. — Deixa estar, minha santinha de pau ôco... que te hei de dar educação, já que tua mãe não t'a deu... (*Entra no seu quarto*).

Fabiana. — Schiu, como é isto?... (*Vendo Paulina entrar no quarto*). Ah!... (*Chama*). Sabino? Sabino? Sabino?...

SCENA XVI

SABINO, *de habito*, e FABIANA

Sabino, *entrando*. — Que temos, minha mãe?...

Fabiana. — Tu és homem?

Sabino. — Sim, senhora, e prezo-me d'isso...

Fabiana. — Que farias tu a quem insultasse tua mãe e espancasse tua irmã?

Sabino. — Eu?... dava-lhe quatro canelões...

Fabiana. — Só quatro?...

Sabino. — Mais se fosse preciso...

Fabiana. — Está bem, em tua mulher basta que só dês quatro.

SABINO. — Em minha mulher?... eu não dou em mulheres!

FABIANA. — Pois então vae dar em teu cunhado que espancou tua mãe e tua irmã...

SABINO. — Espancou-as?!...

FABIANA. — Vê como tenho os dedos roxos e ella tambem!

SABINO. — Oh! ha muito tempo que tenho vontade de lhe ir ao pello, cá por muitas razões... Chegou o dia!...

FABIANA. — Assim, meu filhinho da minh'alma!... dá-lhe uma boa sova... ensina-o a ser bem creado.

SABINO. — Deixe-o commigo...

FABIANA. — Quebra-lhe a rabeca nos queixos!

SABINO. — Verá.

FABIANA. — Anda, chama-o cá para esta sala; lá dentro o quarto é pequeno e se quebrariam os trastes que não são d'elle... Rijo... que eu vou para dentro atiçar tambem teu pae... (*Encaminha-se para o fundo, apressada*).

SABINO. *principia a despir o habito.* — Eu o ensinarei...

FABIANA, *da porta.* — Não te esqueças de lhe quebrar a rabeca nos queixos...

SCENA XVII

SABINO, *só, continuando a tirar o habito.*

Já é tempo; não posso aturar este meu cunhado!... dá conselhos á minha mulher... ri-se quando eu fallo... maltrata minha mãe... pagará tudo por junto!... (*Arregaçando as mangas da camisa*). Tratante! (*Chega á porta do quarto de Eduardo*). Sr. meu cunhado?...

EDUARDO, *dentro.* — Que é lá?...

SABINO. — Faça o favor de vir cá fóra...

SCENA XVII

EDUARDO E SABINO

EDUARDO, *da porta.* — Que temos?...

SABINO. — Temos que conversar.

EDUARDO, *gaguejando.* — Não sabe quanto estimo.

SABINO, *muito gago e zangado.* — O senhor arremeda-me!

EDUARDO, *no mesmo.* — Não sou capaz...

SABINO, *tão raivoso que se suffoca.* — Eu... eu... eu... eu... e...

EDUARDO, *fallando direito.* — Não se engasgue, dê cá o ca roço...

SABINO, *fica tão suffocado que, para exprimir-se, rompe falla no tom da polka.* — Eu já... eu já não posso... por mai tempo me conter... hoje mesmo... leva tudo o diabo...

EDUARDO, *desata a rir.* — Ah! ah! ah!

SABINO. — Póde rir-se, póde rir-se... sô patife, hei-de en sinal-o...

EDUARDO, *cantando como Sabino.* — Ha de ensinar-me... ma ha de ser... mas ha de ser... mas ha de ser a valsa... (*Dansa*)

SABINO. — Maroto!... (*Lança-se sobre Eduardo, e atracam se, gritando ambos*). Maroto!... patife!... diabo!... gago!... e te ensinarei!... etc.

SCENA XIX

OS MESMOS, OLAYA E PAULINA

PAULINA, *entrando.* — Que bulha é essa?... ah!

OLAYA, *entrando.* — O que é... ah!...

(*Vão apartar os dous que brigam*).

OLAYA. — Eduardo! Eduardo!... meu irmão! Sabino...

PAULINA. — Sabino, Sabino!... meu irmão! Eduardo!

(*Eduardo e Sabino continuam a brigar e a descompor-se*).

PAULINA, *a Olaya.* — Tu é que tens a culpa.

OLAYA, *a Paulina.* — Tu é que tens...

PAULINA, *o mesmo.* — Cale esse bico!...

OLAYA, *o mesmo.* — Não seja tola!

PAULINA, *o mesmo.* — Mirrada!...

OLAYA, *o mesmo.* — Tisica!

(*Atiram-se uma á outra e brigam á direita, emquanto Eduar do e Sabino continuam a brigar á esquerda*).

SCENA XX

Os MESMOS E FABIANA

FABIANA. — Que bulha é esta! Ah?... (*Corre para as moças*). Então que é isto?... Meninas... meninas... (*Procura apartal-as*).

SCENA XXI

Os MESMOS E NICOLAU

Entra Nicolau apressado, trazendo pela mão dous meninos vestidos de anjinhos.

NICOLAU. — Que é isto?... ah! a brigarem... (*Larga os meninos e vae para os dous*). Sabino! Eduardo!... então?... Então!... rapazes...

FABIANA, *indo a Nicolau*. — Isto são obra tuas!... (*Puxando pelo habito*). Volta-te para cá... Tu é que tens culpa...

NICOLAU. — Deixa-me!... Sabino!...

FABIANA. — Volta-te para cá...

NICOLAU, *dá com o pé para traz, alcança-a*. — Oh!

FABIANA. — Burro!... (*Agarra-lhe nas guellas, o que o obriga a voltar-se, e atracam-se*).

OS DOUS ANJINHOS. — Mamãe... mamãe!... (*Agarram-se ambos a Fabiana; um delles empurra o outro, que deve cahir; levanta-se, e atracá-se com o que o empurra, e d'este modo brigam todos e fazem grande algazarra*).

SCENA XXII

Os MESMOS E ANACLETO

ANACLETO. — Que é isto?... que é isto?... (*Cessam as brigas*).

FABIANA. — Oh! é o senhor? muito estimo...

PAULINA. — Oh! é o senhor? muito estimo...

PAULINA E EDUARDO. — Meu pae...

ANACLETO. — Todos a brigarem!...

(*Todos se dirigem a Anacleto querendo tomar a dianteira para fallar; cada um o puxa para seu lado, a reclamar attenção; falam todos ao mesmo tempo; grande confusão*).

FABIANA, *ao mesmo tempo.* — Muito estimo que viesse, devia ver com os seus proprios olhos... o desaforo de seus filhos... fazem d'esta casa um inferno; eu já não posso... leve-os... leve-os... são dous demonios... já não posso...

NICOLAU, *no mesmo.* — Sabe que mais? Carregue seus filhos daqui para fóra... não me deixam servir a Deus... isto é uma casa de Orates... carregue-os, carregue-os... senão fazem-me perder a alma... nem mais um instante...

SABINO, *fallando ao mesmo tempo no tom de modinhas.* — Se continúo a viver assim junto, faço uma morte. Ou o Sr., que é meu sogro, ou meu pae dêm-me dinheiro, ou casa, ou leva tudo o diabo... o diabo!...

PAULINA, *ao mesmo tempo.* — Meu pae, já não posso... tire-me d'este inferno... senão... senão, morro... isto não é viver... minha sogra, meu marido, minha cunhada, maltratam-me... Meu pae, leve-me, leve-me d'aqui...

EDUARDO. — Meu pae, não fico aqui nem mais um momento... não me deixam estudar a minha rabeca... é uma bulha infernal... uma rixa desde pela manhã até a noite, nem um instante eu tenho para tocar...

OLAYA. — Sr., se isto assim continua, fujo de casa... abandono marido... tudo... tudo... antes quero viver só do meu trabalho do que assim... não posso... não posso... não quero... nem mais um instante... é um tormento!!...

(*Os dous anjinhos, durante essas fallas, devem chorar muito*).

ANACLETO. — Com mil diabos! assim não entendo nada...

FABIANA. — Digo-lhe que...

NICOLAU. — Perderei a alma...

SABINO. — Se eu não...

EDUARDO. — Nada estudo...

PAULINA. — Meu pae, se...

OLAYA. — N'esta casa... (*Todos gritam ao mesmo tempo*).

ANACLETO, *batendo o pé.* — Irra, deixem-me fallar!...

FABIANA. — Pois falle...

ANACLETO. — Senhora, recebi a sua carta, e sei qual a causa das contendas e brigas em que todos viveis... Andamos muito mal, a experiencia o tem mostrado, em casar nossos filhos sem

lhes dar casa para morarem... mas ainda estamos em tempo de remediar o mal... Meu filho, aqui está a chave de uma casa que para ti aluguei... (*Dá-lh'a*).

EDUARDO. — Obrigado... só assim poderei estudar tranquillo, e compôr o tremendissimo...

ANACLETO. — Filha, dá esta outra chave a teu marido... e a da tua nova casa...

PAULINA, *tomando-a*. — Mil graças, meu pae. (*Dá a chave a Sabino*).

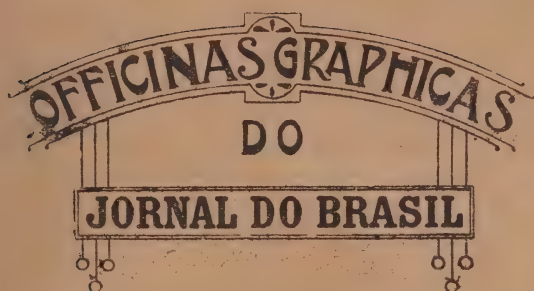
FABIANA. — Agora sim...

ANACLETO. — Estou certo que em pouco tempo verei reinar entre vós todos a maior harmonia, e que visitando-vos mutuamente e...

TODOS, *uns para os outros*. — A minha casa está ás suas ordens quando quizer...

ANACLETO. — Muito bem!... (*Ao publico*). E vós, Senhores, que presenciastes estas desavenças domesticas, recordae-vos sempre que...

TODOS. — Quem casa quer casa.

FIM.

Supplemento Romantico

DO

JORNAL DO BRASIL

Edição especial dos Concursos do JORNAL DO BRASIL

Para vulgarisar os romances classicos da nossa literatura resolveu o "Jornal do Brasil" offerecel-os aos concurrentes de seus Concursos em pequenos volumes, como supplemento gratuito, fornecido nas condições exaradas nos annuncios publicados no "Jornal do Brasil" na secção dos Concursos

---

VOLUMES PUBLICADOS:

N. 1 — **DIVA** de José de Alencar.
N. 2 — **O GARIMPEIRO** de Bernardo Guimarães.
Ns. 3 e 4 — **IRACEMA** e **UBIRAJARA** de José de Alencar.
Ns. 5 e 6 { **A Mysteriosa** / OS QUATRO PONTOS CARDEAES } *de Joaquim M. de Macedo*
N. 7 — **SARGENTO DE MILICIAS** de M. A. de Almeida.
N. 8 — **COMEDIAS** de Martins Penna.